

**UNIVERSIDADE ABERTA**



**Ser mulher e ser brasileira: o impacto dos estereótipos na integração  
de estudantes brasileiras no ensino superior em Portugal**

**Mestranda: Hannah Schiff Braz (2001460)**

**Dissertação de Mestrado**

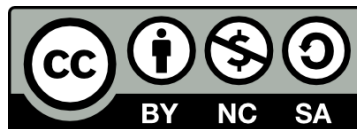
**Mestrado em Relações Interculturais**

**Orientadora: Professora Doutora Teresa Maria da Conceição  
Joaquim**

**Coorientadora: Mestre Ana Paula Costa**

2023

## Declaração das condições de utilização por terceiros



A dissertação "Ser mulher e ser brasileira: o impacto dos estereótipos na integração de estudantes brasileiras no ensino superior em Portugal" © 2023 by Hannah Schiff Braz está licenciado sob Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International. To view a copy of this license, visit <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

## **Agradecimentos**

Esta dissertação resulta do apoio e participação, direta e indireta, de um conjunto de pessoas importantes, que estiveram presentes nesta jornada, a quem devo o meu eterno agradecimento.

Em primeiro lugar, agradeço a atenção e carinho da minha orientadora, Professora Teresa Maria da Conceição Joaquim e da minha coorientadora, Ana Paula Costa, ambas profissionais extremamente dedicadas e atenciosas, sempre muito disponíveis e pacientes com todas as minhas questões. Obrigada por todo o apoio e pela aprendizagem que me proporcionaram! Espero vos ter deixado orgulhosas.

Obrigada à dona Mariana Schiff, minha mãe, por ser uma inspiração diária e por me ter ensinado que a educação, o amor e a coragem são a verdadeira chave para o sucesso. Um forte agradecimento também ao meu padrasto, pois, os dois juntos compreenderam a minha ausência em momentos importantes para estudar e garantiram, por muito tempo, que não me faltasse nada para que eu me pudesse dedicar por inteiro a esta investigação.

Em seguida, ao meu André, que me apoiou e celebrou, durante todo o mestrado, cada sucesso alcançado. Pacientemente, esteve sentado ao meu lado em muitas sessões de estudo, adaptou-se, muitas vezes, aos meus horários, passando encontros para horas mais tardias e preparou jantares enquanto eu estudava. Sem ele, chegar aqui não seria possível.

Em terceiro lugar, uma salva de palmas às minhas colegas de mestrado que estiveram comigo desde o início deste percurso, Flávia e Nídia. Que bela jornada, “Task Force”! Serei eternamente grata por tirarem as minhas dúvidas, por lerem os meus textos e por rirem comigo das etapas mais complicadas. Convosco, desistir nunca foi uma opção.

Por fim, sem o apoio de alguns/algumas amigos/as, esta tese não existiria. Grata pela Carol, pelas palavras de força e pela bondade, e à Edneyse por ter me ajudado na carta de motivação e por ser uma inspiração. Agradeço também ao Nelson por estar sempre ao meu lado, incondicionalmente, desde a licenciatura.

Por fim, grata, também, à minha avó Gladys, a primeira mulher imigrante que me ensinou tudo o que sei hoje. E ao meu avô Emiliano, que nos deixou durante a elaboração desta investigação, mas que me ensinou a investir e a lutar pelo que acredito ser justo, e essa dissertação é reflexo disso.

## **Dedicatória**

Para todas as mulheres e imigrantes.  
Para todas as universitárias brasileiras em busca de um sonho.  
Para todos/as os/as brasileiros/as que não desistem nunca.

## DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE STATEMENT OF INTEGRITY

Declaro ter atuado com integridade na elaboração da presente dissertação. Confirmando que em todo o trabalho conducente à sua elaboração não recorri à prática de plágio ou a qualquer outra forma de falsificação de resultados.

Mais declaro que tomei conhecimento integral do Regulamento Disciplinar da Universidade Aberta, publicado no Diário da República, 2.ª série, n.º 215, de 6 de novembro de 2013.

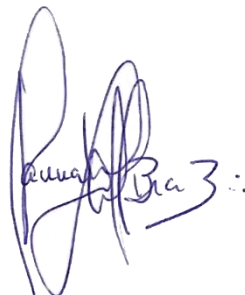
I hereby declare having conducted my thesis with integrity. I confirm that I have not used plagiarism or any form of falsification of results in the process of the thesis elaboration.

I further declare that I have fully acknowledged Disciplinary Regulation of the University Aberta (regulation published in the official journal Diário da República, 2.ª série, N.º 215, de 6 de November de 2013).

Universidade Aberta, 15 de abril de 2023/ April, 15th, 2023

Nome completo / Full name: Hannah Schiff Braz

Assinatura / Signature:



---

Manuscrita ou digital / handwritten or digital

## Resumo

### **Ser mulher e ser brasileira: o impacto dos estereótipos na integração de estudantes brasileiras no ensino superior em Portugal**

A presente investigação visa compreender o impacto dos estereótipos na integração de estudantes brasileiras no ensino superior em Portugal, com principal enfoque nas universidades do distrito do Porto.

O objetivo principal do estudo é entender as experiências de algumas alunas brasileiras em Portugal através da partilha de vivências pessoais das mesmas, mais especificamente, em torno do seu processo de integração, socialização e bem-estar no seio universitário, à luz da possível existência de estereótipos em torno das mulheres brasileiras.

Para alcançar o propósito estabelecido, recorreu-se à realização de entrevistas semiestruturadas com alunas e ex-alunas universitárias brasileiras, que frequentam/frequentaram uma Universidade do distrito do Porto. As universidades do Porto abrangidas no estudo foram: a Faculdade de Educação Física (FADEUP), a Universidade Portucalense (UPT), o Instituto Superior de Contabilidade de Administração (ISCAP), a Escola Superior de Artes e Design (ESAD), a Faculdade de Ciências (FCUP), o Instituto Superior de Engenharia (ISEP), a Faculdade de Direito (FDUP), a Faculdade de Letras (FLUP) e a Faculdade de Medicina (FMUP), e, excecionalmente, a Universidade do Minho (UMinho), visto dividir-se em dois polos e situar-se em Braga e Guimarães.

As entrevistas permitiram concluir que algumas estudantes sofrem consequências dos estereótipos no âmbito académico, especialmente em termos sociais, na relação com colegas e professores/as e nas avaliações académicas. Adicionalmente, concluiu-se que o impacto do imaginário sexual alcança, também, outras esferas da sociedade.

No final, serão delineadas recomendações para instituições de ensino portuguesas com o intuito de promover a inclusão e a integração digna dos/as alunos/as internacionais.

**Palavras-chave:** estereótipos; sexualização; migração; representações sociais; imigrantes brasileiras, mulheres brasileiras.

## Abstract

### **Being a woman and being Brazilian: the impact of the stereotypes in the integration of Brazilian students in Higher Education in Portugal**

The current investigation aims to understand the impact of the existing stereotypes in the integration of Brazilian students in Higher Education in Portugal, mainly focused on the universities of Oporto.

Based on the existence of a set of sexualized stereotypes around Brazilian women, the main purpose of the investigation is to deeply comprehend the experience of Brazilian students in Portugal, throughout their personal perspective concerning the process of integration, adaptation, social aspects and well-being in the academic field.

In order to achieve the established goal, a set of semi-structured interviews were held with Brazilian students and former students, from Porto universities. In this sense, the universities from Porto incorporated in the studies are: Faculdade de Educação Física (FADEUP), Universidade Portucalense (UPT), Instituto Superior de Contabilidade de Administração (ISCAP), Escola Superior de Artes e Design (ESAD), Faculdade de Ciências (FCUP), Instituto Superior de Engenharia (ISEP), Faculdade de Direito (FDUP), Faculdade de Letras (FLUP) e a Faculdade de Medicina (FMUP), e, exceccionalmente, a Universidade do Minho (Uminho), since the last mentioned divides itself into two campuses, being their location Braga and Guimarães.

The interviews allowed to conclude that the students suffer the impact of the stereotypes in the university field, namely, socially, in their relationship with colleagues and teachers and in the academic evaluations. Furthermore, it is possible to conclude that the impact of the sexual social imagery reaches other areas of society.

Furthermore, it will be defined a set of recommendations for Portuguese High Education Institutions, to promote inclusion and integration of international students.

**Keywords:** stereotypes; sexualization, migration; social imagery, Brazilian immigrants; Brazilian Women.

## Índice

Declaração das condições de utilização por terceiros .....	II
Agradecimentos.....	III
Dedicatória .....	IV
DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE .....	V
Resumo.....	VI
Abstract .....	VII
Índice.....	VIII
Índice de Tabelas.....	XI
Índice de Gráficos .....	XI
Índice de Figuras .....	XI
Lista de Abreviaturas, Siglas e Acrónimos .....	XII
Introdução.....	1
Parte I – Enquadramento Teórico.....	5
Capítulo 1: Imigração Brasileira em Portugal.....	6
1.1 Conceito de migração e imigração .....	6
1.2. O contexto migratório português.....	8
1.3. A evolução migratória da comunidade brasileira em Portugal. ....	14
Capítulo 2: Género e Migração .....	21
2.1. O conceito de género e interseccionalidade .....	21
2.2. A feminização da imigração: mulheres brasileiras em Portugal. ....	26
Capítulo 3: Representações Sociais das Mulheres Brasileiras em Portugal.....	30
3.1. Definição da representação social. ....	30
3.2. Estereótipos das mulheres brasileiras: as origens .....	33

3.3. Disseminação da imagem sexualizada da mulher brasileira: Brasil e Portugal .....	40
Capítulo 4: Estudantes Brasileiras no Ensino Superior, no Distrito do Porto.....	51
4.1. Estudantes internacionais em Portugal: dados estatísticos e relevância .....	51
4.2. Motivações da presença dos/as alunos/as brasileiros/as em instituições portuguesas e a importância da mobilidade dos/as estudantes .....	56
Parte II – Investigação Empírica .....	62
Capítulo 5: Enquadramento Metodológico .....	63
5.1. Objeto de estudo.....	63
5.2. Objetivos gerais e específicos .....	64
5.3. Questões orientadoras .....	65
5.4. Paradigma metodológico.....	65
5.5. Métodos de recolha de dados .....	66
5.6. Definição da amostra.....	69
5.7. Análise de conteúdo .....	72
5.8. Pressupostos éticos.....	73
Capítulo 6: Trabalho de Campo .....	75
6.1. Análise e discussão de conteúdo: entrevistas.....	75
6.2. Caracterização e identificação dos estereótipos/representação social da mulher brasileira.....	76
6.3. Definição do estereótipo.....	76
6.4. Noções prévias dos estereótipos.....	81
6.5. Impacto dos estereótipos .....	83
6.6. Fatores que motivaram a escolha de universidades portuguesas .....	86
6.6.1. Ensino.....	87
6.6.2. Experiência e carreira internacional.....	89

6.6.3. Língua.....	90
6.6.4. Qualidade de vida.....	91
6.6.5. Família.....	92
6.7. Impacto dos estereótipos na integração de alunas brasileiras no ensino superior nas universidades do Porto .....	93
6.7.1. Adaptação.....	94
6.7.2. Círculo de amizade.....	100
6.7.3. Xenofobia e preconceito no âmbito universitário .....	104
6.7.4. Género e sexualidade .....	106
6.7.5. Competências Intelectuais.....	111
6.7.6. Discriminação nas avaliações.....	114
6.7.7. Língua.....	117
6.7.8. Praxes académicas.....	122
6.8. Relação com a universidade.....	123
6.8.1. Busca de suporte institucional.....	124
6.8.2. Recomendações para as universidades.....	126
Considerações Finais.....	133
Referências Bibliográficas .....	141
Anexos.....	150
Anexo I – Guião das entrevistas.....	151
Anexo II – Termo de consentimento.....	155
Anexo III – Categorização das entrevistas.....	158

## **Índice de Tabelas**

Tabela 1.1 - Tabela da população estrangeira em Portugal desde 1960 até 2015.....	9
Tabela 4.1 - Principais nacionalidades dos novos estudantes matriculados ao abrigo do Estatuto de Estudante Internacional em 2019/20.....	54
Tabela 4.2 - Percentagem de estudantes internacionais procedentes das várias áreas geográficas entre 2014 e 2020 .....	54
Tabela 4.3 - Alunos/as matriculados/as no ensino superior: total e por sexo .....	55
Tabela 4.4 - Valores de Propinas e Emolumentos da Faculdade de Economia da Universidade do Porto (FEP).....	59
Tabela 5.1 - Caracterização sociodemográfica das participantes.....	71
Tabela 6.1 - Categorização das entrevistas .....	75

## **Índice de Gráficos**

Gráfico 4.1 - Vistos de residência atribuídos em Portugal entre 2011 e 2020.....	53
Gráfico 6.1 - Principais motivos que levaram à migração das participantes .....	86
Gráfico 6.2 - Impacto dos estereótipos na integração das alunas da amostra .....	106

## **Índice de Figuras**

Figura 3.1 - Capa da Embratur em 1983 .....	42
Figura 3.2 - Personagem Gabriela na primeira e na segunda versão da telenovela “Gabriela, Cravo e Canela”, baseada no romance de Jorge Amado.....	45
Figura 3.3 - Capa da Revista Focus, lançada em 2010 .....	47
Figura 3.4 - Pesquisa no google com a frase: “Mulheres brasileiras em Portugal – notícias”, realizada no dia 29/09/2022.....	49
Figura 6.1 - Página 125 da Revista Focus, lançada em 2010.....	83

## Lista de Abreviaturas, Siglas e Acrónimos

<b>AC</b>	Análise de Conteúdos
<b>ACM</b>	Alto Comissariado para as Migrações
<b>ACNUDH</b>	Alto-Comissário das Nações Unidas para os Direitos Humanos
<b>CAPEs</b>	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior
<b>CEE</b>	Comunidade Económica Europeia
<b>CNPq</b>	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
<b>CsF</b>	Ciências Sem Fronteiras
<b>CPLP</b>	Comunidade de Países de Língua Portuguesa
<b>DGES</b>	Direção-Geral do Ensino Superior
<b>DSAES</b>	Direção de Serviços de Acesso ao Ensino Superior
<b>ENEM</b>	Exame Nacional de Ensino Médio no Brasil
<b>EIGE</b>	European Institute for Gender Equality
<b>ESAD</b>	Escola Superior de Arte e Design
<b>ESAP</b>	Escola Superior Artística do Porto
<b>ESN</b>	Erasmus Student Network
<b>FASEP</b>	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
<b>FADEUP</b>	Faculdade de Desporto da Universidade do Porto
<b>FCUP</b>	Faculdade de Ciências do Porto
<b>FEP</b>	Faculdade de Economia da Universidade do Porto
<b>FGV Rio</b>	Fundação Getúlio Vargas
<b>FLUP</b>	Faculdade de Letras da Universidade do Porto
<b>FMI</b>	Fundo Monetário Internacional
<b>FMUP</b>	Faculdade de Medicina da Universidade do Porto
<b>IES</b>	Instituições de Ensino Superior
<b>ISCAP</b>	Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto
<b>ISEP</b>	Instituto Superior de Engenharia
<b>IPAM</b>	Instituto Português de Administração de Marketing
<b>MCTES</b>	Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior
<b>MCTI</b>	Ministérios da Ciência, Tecnologia e Inovação
<b>MEC</b>	Ministério da Educação
<b>MRE</b>	Ministério das Relações Estrangeiras
<b>PALOP</b>	Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa
<b>QS</b>	Quacquarelli Symonds
<b>OIM</b>	Organização Internacional das Migrações
<b>ONU</b>	Organizações das Nações Unidas
<b>RDH</b>	Relatório de Desenvolvimento Humano
<b>SEF</b>	Serviços de estrangeiros e fronteiras
<b>TAS</b>	Teoria da Assimetria Simbólica
<b>TRS</b>	Teoria das Representações Sociais
<b>UC</b>	Universidade de Coimbra
<b>UE</b>	União Europeia
<b>UMinho</b>	Universidade do Minho
<b>U. Porto</b>	Universidade do Porto
<b>UPT</b>	Universidade Portucalense

## Introdução

A investigação “Ser mulher e ser brasileira: o impacto dos estereótipos na integração de estudantes brasileiras no ensino superior em Portugal” nasce com base na importância em estudar a comunidade imigrante mais representativa em Portugal, os/as brasileiros/as. Este estudo dá especial enfoque às estudantes universitárias brasileiras, um grupo pouco estudado no que diz respeito aos estereótipos de género enfrentados.

Nos últimos anos, os estereótipos e representações sociais em torno dos/as imigrantes oriundos/as do Brasil têm alcançado forte visibilidade, especialmente através das redes sociais, com movimentos e iniciativas que buscam chamar a atenção para a problemática. São exemplos, o movimento “Brasileiras não se calam”<sup>1</sup>, onde mulheres brasileiras pelo mundo, mas especialmente em Portugal, partilham anonimamente histórias de preconceito e discriminação. Adicionalmente, destaca-se a criação da Plataforma Geni<sup>2</sup>, um projeto sem fins lucrativos que visa o empoderamento feminino e igualdade de direitos através do fornecimento de suporte e apoio de mulheres imigrantes em Portugal. Na mesma linha, a ocorrência de manifestações realizadas no distrito do Porto<sup>3</sup>, de mulheres imigrantes brasileiras que demonstram insatisfação pela forma como são sexualizadas no país.

Para além das iniciativas supramencionadas que incrementaram o desenvolvimento desta investigação, salienta-se que, na última década, foram desenvolvidos, em Portugal, inúmeros estudos acerca do estereótipo das mulheres brasileiras a nível nacional e internacional. Muitos/as investigadores/as (Correia & Neves, 2011; Gomes, 2011; Rossi, 2013; Gomes, 2013; Freitas, 2014; Ribeiro, 2014; Costa & Cynthia, sd; França & Padilla, 2018; Albuquerque et al., 2019; Oliveira et al., 2019, ente outros/as) procuram entender e explicar a origem dos estereótipos e como o imaginário sexual da mulher brasileira é promovido tanto no Brasil como em Portugal. Investigações, artigos científicos, artigos em jornais e em revistas e até programas de televisão alertam para o impacto destes estereótipos na integração e qualidade de vida das mulheres imigrantes no país, especialmente no âmbito laboral e social.

---

<sup>1</sup> [www.instagram.com/brasileirasnaosecalam/](http://www.instagram.com/brasileirasnaosecalam/)

<sup>2</sup> [plataformageni.wordpress.com/](http://plataformageni.wordpress.com/)

<sup>3</sup> [publico.pt/2022/10/28/p3/noticia/emigrantes-brasileiras-marcam-protesto-porto-sentirem-objecto-sexual-2025743](http://publico.pt/2022/10/28/p3/noticia/emigrantes-brasileiras-marcam-protesto-porto-sentirem-objecto-sexual-2025743)

Fundamentado neste conjunto de pesquisas e trabalhos previamente concretizados, esta investigação pretende colmatar a carência de publicações sobre os estereótipos no seio académico. Portanto, o objetivo principal da dissertação recai sobre entender o impacto e a influência dos estereótipos vinculados às mulheres brasileiras na integração de estudantes brasileiras no meio universitário, com enfoque em algumas universidades no distrito do Porto, sendo esta a nacionalidade de maior peso nas universidades portuguesas. Concomitantemente, o objeto da dissertação é: “O impacto dos estereótipos na integração de estudantes brasileiras no âmbito universitário no distrito do Porto”. O objeto em questão foi construído através da perspectiva de que episódios de preconceitos no âmbito académico têm a tendência para serem facilmente “camuflados” devido ao possível receio por parte das vítimas de serem percebidas negativamente face os/as professores/as e, até mesmo, à necessidade de integração nos grupos sociais.

Desta maneira, estabeleceram-se para esta dissertação os seguintes objetivos específicos:

- a) Identificar as origens dos estereótipos existentes a respeito das mulheres brasileiras em Portugal;
- b) Caracterizar os estereótipos e as representações sociais das mulheres brasileiras através da perspectiva das mesmas;
- c) Compreender a razão pela qual as imigrantes em questão escolheram uma universidade portuguesa para a realização dos seus estudos;
- d) Compreender se existe ou não algum impacto das representações sociais na integração de alunas brasileiras no ensino superior e verificar como este se concretiza.

Com vista a alcançar os objetivos atrás mencionados, a investigação foi subdividida em duas fases principais: o enquadramento teórico e a investigação empírica. Na primeira fase do enquadramento teórico, visa-se entender o que é a migração e o histórico da mesma em Portugal, com maior enfoque na presença da comunidade brasileira no país. Nesta etapa, foram abordadas as inúmeras mudanças de tipo de perfil, envolvendo diferentes níveis de qualificação, diversas faixas etárias, profissões, objetivos e predominância entre os géneros.

Posteriormente, afunilamos o estudo em torno do género e da assimetria simbólica dos géneros, bem como da feminização da migração, resultado de consecutivas lutas e

movimentos feministas que permitiram a emancipação feminina atual. Nesta área de estudo, alguns conceitos teóricos foram abordados e destacados como relevantes para a temática. Em particular, a Teoria da Assimetria Simbólica (TAS), que permite entender as expectativas sociais dos sexos, bem como o conceito de “interseccionalidade”, promovido por Kimberlé Creenshaw (1991), que foi apresentado como sendo um conhecimento fundamental para entender a intersecção de inúmeros fatores discriminatórios que afetam a vida das mulheres imigrantes.

Em seguida, no terceiro capítulo do enquadramento dedica-se à apresentação da Teoria das Representações Sociais (TRS) promovida por Moscovici e a perspectiva de Denise Jodelet (1985) sobre o tema. Adicionalmente, estudou-se, também, a fundo a teoria dos “estereótipos de género” e as fases de construção da “objetificação” das pessoas. Ambas as perspectivas teóricas serviram como base para compreender a respeito da estruturação e da partilha do imaginário sexualizado em torno das mulheres brasileiras em Portugal.

Nos capítulos seguintes, justifica-se a importância de aprender sobre o impacto dos estereótipos em torno das mulheres brasileiras, na integração de universitárias brasileiras no distrito do Porto. Para isso, analisa-se a crescente presença da comunidade de estudantes brasileiras no país, motivada pelo custo do ensino, pela facilidade de matrícula através do Exame Nacional de Ensino Médio no Brasil (ENEM), pelos programas de apoio financeiro aos/às estudantes e, acima de tudo, pela partilha da mesma língua.

A segunda etapa da dissertação recai sobre a investigação empírica, que visa obter a experiência singular do grupo-alvo escolhido através de uma abordagem exploratória e realista. A este propósito, opta-se por adotar a metodologia qualitativa de pesquisa, que proporciona uma vertente social e humanista às investigações, visto que, se revela como sendo eficiente no acesso à experiência individual e às emoções das pessoas (Mack et al., 2005). Neste seguimento, a técnica de pesquisa utilizada foi a entrevista semiestruturada, baseada no desenvolvimento de um guião de entrevista com perguntas gerais e específicas, adaptadas consoante o seguimento das respostas fornecidas. Esta técnica possibilitou aceder a questões e perspectivas únicas de acordo com as vivências de cada participante. Para esta investigação foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 10 universitárias e ex-universitárias brasileiras entre os 22 e os 36 anos, que frequentam ou frequentaram o ensino superior, no distrito do Porto. A fim de analisar e discutir as repostas obtidas, utiliza-se a

Análise de Conteúdos (AC), desenvolvida por Bardin (1977), que permitiu analisar e discutir as respostas obtidas de maneira parcial, de modo a alcançar os objetivos específicos delineados.

Importa sublinhar que as conclusões retiradas das entrevistas não podem ser generalizadas pelas experiências de todas as universitárias brasileiras em Portugal. Todavia, os resultados obtidos simbolizam a realidade de algumas estudantes que poderão, de alguma maneira, refletir as experiências de outras universitárias e, por isso, devem ser igualmente valorizadas. No final da dissertação, com o auxílio das entrevistadas, apresentam-se um conjunto de recomendações para instituições de ensino superior portuguesas, em vista a proteger e garantir o bem-estar de qualquer estudante internacional.

Em suma, a dissertação ambiciona elucidar a comunidade científica a respeito do impacto da existência de estereótipos sexuais das mulheres brasileiras no seio académico, de maneira a proteger a segurança e integração das alunas universitárias brasileiras no país. As conclusões retiradas e as sugestões apresentadas apontam alcançar, não só as entidades de ensino portuguesas, como também os/as decisores/as políticos/as e os/as cidadãos/ãs nacionais, especialmente docentes e jovens universitários/as, que estão diretamente vinculados ao grupo-alvo. Pretende-se que a repercussão da investigação alcance diferentes esferas da sociedade portuguesa através da mudança de mentalidade e do comportamento em torno das mulheres brasileiras imigrantes no país. Além disso, é expectável que, a partir deste trabalho, novas investigações sejam desenvolvidas em outras instituições de ensino no país.

## **Parte I – Enquadramento Teórico**

# Capítulo 1: Imigração Brasileira em Portugal

## 1.1 Conceito de migração e imigração

Neste capítulo, serão apresentadas algumas definições e perspectivas em torno do conceito de migração e migração internacional, saldo migratório e a importância destas para as sociedades. Concomitantemente, serão definidos outros conceitos de extrema importância, relacionados com o tema, tais como emigração e imigração. Os conceitos mencionados servirão como base ao longo da dissertação.

De modo geral, compreende-se que a migração faz parte da história da humanidade, pois as pessoas realizam, com alguma constância, movimentos migratórios, de forma temporária ou definitiva. Estes movimentos podem ocorrer por inúmeras razões, sejam elas vinculadas à agricultura, turismo, estudos, trabalho, catástrofes ambientais, reunificação familiar, ou por outros motivos. Com efeito, esta mobilidade populacional (realizada individualmente ou em grupo) acaba por ser responsável pela diversidade cultural existente no mundo (L. Barbosa, 2014).

A partir da troca e contacto cultural evidente nas sociedades, Góis et al., (2019) afirmam que nenhuma identidade nacional sobrevive de forma isolada, pois a diversidade desafia o desenvolvimento político e social das sociedades. Deste modo, a migração é estimulante em termos sociais, especialmente com a globalização e, por isso, é importante compreender e definir o fenómeno de forma elucidativa. Posto isto, iremos debruçar-nos sobre a visão de Góis et al. (2019), presente no Relatório da “Casa Comum: Migração e Desenvolvimento em Portugal”, apoiado pela Cáritas Portugal. No relatório, os/as autores/as delimitam a definição do conceito de migração, separando-a do conceito de migração internacional. Por conseguinte, definem a migração como “(...) movimentos de pessoas de um local de residência para o outro” (Góis et al., 2019, p. 12). Contudo, como estas movimentações podem ser internas, rurais, etc., acabam por destacar a definição de migração internacional, como sendo:

Uma categoria jurídica, política e social distinta, uma vez que as pessoas se movimentam de um Estado-nação no qual são cidadãos com os direitos e proteções por ele conferidos, para outros

países onde os direitos e proteções de nacionalidade, de acesso à proteção social, e de identidade comum, muitas vezes não se aplicam e onde os paradigmas sociais e culturais podem ser significativamente diferentes (Góis et al., 2019, p. 12).

Inseridos no conceito de migração, encontram-se, também, os termos emigração e imigração, e, para defini-los, usaremos como base no Glossário sobre migração (2009). No que concerne ao conceito de emigração, o Glossário o apresenta como “abandono ou saída de um Estado com a finalidade de se instalar noutro. As normas internacionais sobre direitos humanos preveem que toda a pessoa deve poder abandonar livremente qualquer país, nomeadamente o seu próprio (...)” (OIM, 2009, p. 24). Já o conceito de imigração está definido como um “processo através do qual estrangeiros se deslocam para um país, a fim de aí se estabelecerem”(OIM, 2009, p. 33). Realça-se que a imigração e a emigração não são conceitos independentes e distantes, mas sim, complementares (Góis & Marques, 2018). Inclusive, é com base no cálculo da diferença dos valores de imigração e emigração que se calcula o saldo migratório de um país (INE, 2021), podendo este ser positivo ou negativo.

Apesar da prática de migração não ser um processo recente e de apresentar uma panóplia de definições, a população imigrante ainda é muito vulnerável, pois, “quando as pessoas se deslocam, quer atravessem ou não fronteiras internacionais, embarcam numa viagem de esperança e de incertezas” (RDH, 2009, p. 4). Logo, são obrigadas a adaptarem-se culturalmente, ansiando por uma integração digna nas sociedades recetoras. De facto, o processo de adaptação é extremamente exigente e alguns/algumas imigrantes acabam por ficar expostos/as a possíveis choques culturais e estereótipos que podem afetar direta ou indiretamente a jornada de cada um/a, como iremos compreender ao longo dos próximos capítulos.

Por fim, é importante sublinhar que, no caso deste estudo em específico, o tema proposto recairá mais em torno dos conceitos de migração e imigração, visto que será realizado um contexto aprofundado em torno do histórico de migração em Portugal, com um enfoque maior no percurso migratório das mulheres brasileiras imigrantes, especialmente no contexto universitário atual.

## **1.2. O contexto migratório português**

Neste capítulo, visa-se compreender as inúmeras configurações e mudanças populacionais que constituem o contexto migratório português, com base numa análise profunda das principais fases migratórias do país, especialmente entre 1955 e a crise económica de 2008. Este capítulo permitirá compreender o processo de inserção de Portugal no quadro global da migração, através da análise das diferentes culturas e etnias, as quais, enriquecem o mosaico migratório nacional, assim como as respetivas transformações e mudanças sofridas no perfil dos/as imigrantes no país.

Portugal iniciou a sua jornada internacional através da expansão marítima e da colonização de várias regiões do mundo. Esta jornada geográfica, cultural, económica, social e religiosa marcou para sempre a história do país e do mundo, tornando o histórico português de migração extremamente único. Sendo assim, Portugal recebe pessoas de inúmeros locais do mundo, mas também é reconhecido como ponto de partida de muitos/as portugueses/as, sendo caracterizado por ter uma “dupla natureza de país de origem e de país de destino de fluxos migratórios” (Barbosa, 2014, p. 22). De modo a entender profundamente a história da imigração em Portugal, devemos recuar algumas décadas para momentos marcantes da história que mudaram diretamente o percurso migratório do país. Podemos iniciar esta análise a partir de meados dos anos 50, mais especificamente “entre 1955 e 1974, [em que] mais de 1 milhão de portugueses saíram oficialmente do país, o que corresponde a mais de 82.000 saídas/ano” (Arroteia, 2007, p. 2). Nesta fase, o pico da emigração portuguesa, ocorreu entre os anos de 1969 e 1973, consequência das mudanças políticas de outros países europeus, como a França e a Alemanha, que aplicaram “políticas de captação de migrantes postas em prática (...) envolvidos em processos de reconstrução e desenvolvimento no pós-II Guerra e com carências de mão-de-obra nos setores mais intensivos em trabalho, na indústria e na construção (...)” (Pires et al., 2020, p. 14). Outro fator que incentivou a saída de muitos/as cidadãos/ãs portugueses/as foi a política restrita do Estado Novo, integrada por medidas limitadoras da liberdade da população, o que incitou a emigração clandestina de muitos nacionais (Pires et al., 2020). Face a esta realidade, muitas pessoas acabaram por migrar por meios terrestres, levando a que os/as emigrantes optassem por países europeus por serem destinos mais próximos (Pires et al., 2020).

Em simultâneo, a população estrangeira em Portugal, até meados dos anos 70, era “numericamente pouco significativa. O censo de 1960 registava a presença de 29.000 estrangeiros a residir no país” (Baganha & Marques, 2001, p. 15). Por conseguinte, com a saída excessiva de nacionais e pouca entrada de estrangeiros/as, o país registou, nos anos 60, um saldo migratório negativo (Borrego, 2016). No entanto, o grande ponto de viragem no contexto migratório ocorreu após a revolução liberal democrática de 25 de abril de 1974 e após a independência das colónias, a partir de 1975. De acordo com Borrego (2016) estes acontecimentos levaram ao retorno massivo de emigrantes portugueses/as que se encontravam nesses territórios, sendo estes designados/as por “retornados/as”, juntamente com a vinda de cidadãos/ãs dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), transformando profundamente o mosaico migratório e cultural do país.

No que diz respeito aos/às “retornados/as”, é importante mencionar que o Decreto-Lei n.º 308-A/75, de 24 de julho, retirou a nacionalidade de uma parte substancial dos/as portugueses/as emigrados/as, tendo levado ao surgimento de uma “comunidade estrangeira imigrante de ancestralidade africana, que vai subseqüentemente crescer devido a um processo de reunificação familiar” (Baganha, 2005, p. 31). Com efeito, foi registado um total de 50 750 imigrantes no país no ano de 1980 (PORDATA, 2021b), como pode ser verificado na Tabela 1.1.

**Tabela 1.1 - Tabela da população estrangeira em Portugal desde 1960 até 2015.**

Anos	Nacionalidade				
	Total	Europa	África	América	Ásia
		Total	Total	Brasil	Total
1960	20.514	18.092	96	611	208
1965	21.229	17.535	168	769	232
1970	24.703	18.709	221	1.330	390
1975	31.983	21.414	503	2.848	1.181
1980	50.750	15.380	24.788	3.608	911
1985	79.594	22.082	34.936	6.804	2.582
1990	107.767	31.412	45.255	11.413	4.152
1995	168.316	44.869	79.231	19.901	6.728
2000	207.587	61.709	98.769	22.202	8.721
2005	274.631	88.781	124.541	31.500	12.837
2009	451.742	176.433	120.223	115.882	30.080
2015	383.759	155.137	93.583	80.515	44.969

Fonte: [PORDATA. 2021](#)

Nesta sequência de acontecimentos, destacam-se dois acordos políticos relevantes: a adesão de Portugal à Comunidade Económica Europeia (CEE) em 1986 e a Convenção de Schengen, que entrou em vigor em 1995. Após a assinatura desses acordos, o país tornou-se mais atrativo, tanto económica quanto politicamente para os/as imigrantes, pois permitiu “(...) criar um espaço de circulação europeu e uma cidadania europeia.” (Padilla & Ortiz, 2012, p. 163). Relativamente aos parâmetros legais, a Convenção de Schengen acabou por facilitar as condições de entrada dos imigrantes em território nacional com o Decreto-Lei n.º 34/2003 de 25 de fevereiro, que regulou as “(...) condições de entrada, permanência, saída e afastamento de estrangeiros do território português, nomeadamente fixando as regras quanto a vistos de entrada, condições de permanência, vistos de trabalho, direito de reagrupamento familiar e autorização de residência de estrangeiros” (Anastácio, 2019, p. 22).

É importante sublinhar que antes da realização destes acordos, a maior comunidade de imigrantes do país era de origem africana, especialmente dos PALOP (Padilla & Ortiz, 2012), que migravam, normalmente, acompanhados/as do seu núcleo familiar (Baganha & Marques, 2001). Contudo, após a adesão à CEE e a Convenção de Schengen, houve uma mudança interessante do perfil dos/as imigrantes em Portugal, em que, para além dos/as imigrantes de origem africana, “somaram-se os europeus e os brasileiros, respondendo a diferentes necessidades do mercado laboral” (Padilla & Ortiz, 2012, p. 163). Nesta fase (finais do século XX), a comunidade de imigrantes era, maioritariamente, incentivada a migrar por motivos laborais e económicos, e “por norma não trazem consigo as respetivas famílias” (Baganha & Marques, 2001, p. 19).

Assim, posteriormente à assinatura dos acordos políticos internacionais, ocorre tanto uma mudança na quantidade como na origem dos/as imigrantes, não só em Portugal, mas também noutros países europeus. Esta transformação deve-se à necessidade crescente de mão de obra na UE, resultado do alargamento da CEE, da queda do muro de Berlim e do desmembramento da União Soviética (Barbosa, 2014). Todavia, de acordo com Padilla & Ortiz (2012), o caso de Portugal era mais complexo comparativamente ao restante dos países da Europa, pois havia uma carência de profissionais tanto qualificada quanto pouco qualificada a nível nacional, consequência do êxodo de muitos portugueses pouco qualificados para outros países da Europa de Norte (Padilla & Ortiz, 2012).

Deste modo, a partir de meados dos anos 90, os/as imigrantes ocuparam diversas profissões no país. Por exemplo, os/as que eram provenientes do Brasil e da Europa atuaram em áreas mais qualificadas, como marketing, informática, medicina, entre outros campos. Enquanto os/as imigrantes provenientes dos PALOP, ocuparam cargos em áreas mais precárias, como a construção civil, substituindo a população portuguesa emigrada (Padilla & Ortiz, 2012). Nesta fase, também chegaram alguns/algumas imigrantes oriundos/as da Ásia (China, Índia, Paquistão e Bangladesh), que desempenharam um papel importante nas atividades comerciais do país (Pires, 2002), motivados pelos acordos comerciais realizados entre Portugal e China (Padilla & Ortiz, 2012). Esta configuração da migração, constituída tanto por imigrantes qualificados/as como por pouco qualificados/as, pode ser designada por “fluxos bipolarizados” (Góis & Marques, 2018, p. 131).

É possível apreender que o quadro migratório dos finais do século XX trouxe importantes mudanças para a sociedade portuguesa, tornando-a mais diversa étnica e culturalmente. Adicionalmente, alterou o posicionamento do país no sistema migratório internacional, que transitou “(...) de periferia (na Europa) para “porta de entrada” no sistema migratório europeu (Góis & Marques, 2018, p. 128). Estas mudanças incitaram o surgimento de novos debates e preocupações no âmbito da migração, que fez com que, “na década de 90, a questão das migrações se [tornasse] numa preocupação política, social, jurídica e académica” (Borrego, 2016, p. 7).

De facto, estas preocupações jurídicas tiveram impactos importantes na vida dos/as imigrantes. De acordo com Baganha & Marques (2001), um dos fatores que motivou a permanência dos imigrantes nos anos 90 foi a realização de dois processos de regularização extraordinária, que ocorreram em 1992 e em 1996: o primeiro processo regularizou um total de 39 000 pessoas e o segundo registou um total de 35 000 pessoas, aumentando assim a taxa de imigrantes regularizados no país.

Ainda neste contexto, Góis & Marques (2018), defendem que a comunidade imigrante presente em Portugal em 1999 reflete, de certa forma, a dependência pós-colonial, pois cerca de 55% da população migrante era proveniente das Comunidades de Países de Língua Portuguesa (CPLP). Porém, no início do século XXI, houve uma nova mudança na origem dos/as imigrantes no país, em que predominou a presença de diversos/as imigrantes da Europa de Leste, assim como o aumento da população brasileira (Góis & Marques, 2018).

Esse crescimento levou a um novo descontrolo burocrático da regularização dos/as imigrantes, pois muitos/as não eram habitantes regularizados e trabalhavam sem terem a permissão de residência normalizada para o fazer (Góis & Marques, 2018).

Em linha ao exposto, o artigo n.º 55 do Decreto-lei 4/2001 de 10 de janeiro facilitou a regularização desses imigrantes através da concessão de uma autorização de residência, caso cumprissem algumas condições relacionadas com contratos de trabalho, não tivessem questões jurídicas pendentes, não estivessem inscritos no Serviço de Estrangeiros e fronteiras (SEF), entre outros fatores (Diário da República, 2001). Destaca-se que, para além dos fenómenos de regulamentação extraordinária, o “Acordo Lula”, realizado em 2003, assinado especificamente entre Portugal e Brasil, regularizou todos/as os/as imigrantes brasileiros/as “que entraram no país até à data de assinatura do protocolo e que tenham contrato de trabalho válido” (Agência Lusa, 2005). Este tratado acabou por culminar na regularização de cerca de 14.000 brasileiros/as (Agência Lusa, 2005) como é possível verificar na Tabela 1.1, entre os anos 2000 e 2009.

É importante compreender que a adesão de Portugal à União Europeia levou a que o país adotasse uma postura mais transparente relativamente à conjuntura migratória nacional, especialmente em termos laborais (França, 2012). Neste sentido, muitas alterações legislativas voltadas para a regularização dos/as imigrantes foram implementadas e acabaram por desempenhar um papel fundamental na integração dos/as mesmos/as, tornando o país mais atrativo (Padilla & Ortiz, 2012). Aliás, “o acesso à nacionalidade portuguesa significa também o acesso à cidadania europeia, o que facilita a mobilidade dentro da União Europeia” (Padilla & Ortiz, 2012, p. 176). Este facto acabou por incentivar os movimentos migratórios, em que muitas vezes os/as imigrantes viam Portugal como porta de entrada para outros países europeus (Góis & Marques, 2011).

De modo geral, compreende-se que, com o decorrer dos anos, o contingente migratório foi, paulatinamente, evoluindo e tornando-se cada vez mais diversificado culturalmente, ocupando inúmeros espaços na sociedade portuguesa. No entanto, esta realidade mudou radicalmente com a crise financeira que teve início nos Estados Unidos, em 2008 e que rapidamente afetou inúmeros países pelo globo. Com efeito, a crise económica assolou Portugal entre os anos de 2009 e 2014 (D. Fernandes et al., 2021) e “teve consequências muito graves ao nível do desempenho económico, do emprego e consequentemente no

rendimento e bem-estar das famílias nacionais e imigrantes” (Pereira & Esteves, 2017, p. 136).

Como consequência da crise, o governo português negociou o resgate económico com a Troika, composta pelo Banco Central Europeu (BCE), pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) e pela Comissão Europeia (J. Reis et al., 2013). De forma a cumprir o memorando de entendimento com a Troika, o governo acabou por adotar uma política de austeridade, que gerou uma desvalorização interna, afetando os salários e cortes nas despesas públicas, entre outras medidas que influenciaram negativamente a economia e o poder de compra dos/as portuguesas/as e imigrantes (Pereira & Esteves, 2017).

Face a isto, “os fluxos migratórios rapidamente se ajustaram a este contexto. A emigração a partir de Portugal cresceu acentuadamente, atingindo volumes anuais próximos dos registados nas décadas de 60 e 70 do século passado, notando-se um simultâneo abrandamento nos movimentos de entrada” (Pereira & Esteves, 2017, p. 136). Outra consequência, de acordo com o SEF, foi o retorno de muitos/as imigrantes para o seu país de origem, como foi o caso de inúmeros/as imigrantes brasileiros/as (Padilla & Ortiz, 2012, p. 165). Esta evolução negativa acentuada da entrada de imigrantes pode ser verificada na Tabela 1.1 (página 9), entre os anos de 2009 e 2015. Depois da crise, Portugal assistiu a uma nova etapa de imigração baseada no êxodo estudantil e no reagrupamento familiar (Marques et al., 2014) como veremos mais detalhadamente nos próximos capítulos.

Resumidamente, Portugal viveu três fases principais de migração. A primeira decorreu entre 1975 e 1980, durante o período de independência das colónias e após o fim da ditadura no país, em que houve um aumento pouco significativo de cerca de 7280 imigrantes (PORDATA, 2021) (ver na Tabela 1.1). A segunda fase ocorreu a partir de meados dos anos 80, após os acordos internacionais realizados por Portugal (CEE e Schengen), que fizeram com que o país se tornasse num polo atrativo para os/as imigrantes, devido à necessidade de mão de obra e com novas leis de regularização no país. Nesta etapa, entre o ano de 1980 e 1985, foram registados mais de 28 000 imigrantes em Portugal (PORDATA, 2021), um valor quatro vezes maior do que a fase anterior, como é possível verificar na Tabela 1. Por fim, a terceira fase ocorreu com a crise de 2008, um momento de retrocesso nos movimentos migratórios em que o país deixou de ser atrativo, tanto para os/as nacionais como para os/as estrangeiros/as, levando à saída de 67 983 imigrantes no intervalo entre o ano de 2009 e

2015 (PORDATA, 2021), como é possível averiguar na tabela 1.1. Após essa fase, Portugal acabou por atrair um novo perfil de imigrantes, os/as estudantes internacionais.

### **1.3. A evolução migratória da comunidade brasileira em Portugal.**

A imigração, de acordo com França (2012), é um fenómeno “complexo, dinâmico e que abarca tantas diferentes esferas – sociais, políticas, culturais, económicas, religiosas” (França, 2012, p. 101). Como reflexo desta realidade, este capítulo visa assinalar as principais fases dos fluxos migratórios protagonizados pela comunidade brasileira em Portugal. Com base nos principais motivos que influenciaram estes fluxos, o contexto político e económico de ambos os países e a caracterização dos perfis dos/as imigrantes em cada fase. Importa ressaltar que as investigações e estudos feitos antes de 2012 subdividem o fluxo brasileiro para Portugal em duas fases principais. Todavia, em obras mais recentes (escritas a partir de 2019), os fluxos são divididos em quatro vagas. Assim, de forma a tornar a análise mais completa, iremos abordar as duas perspetivas.

Antes de abordarmos cada etapa, é importante abarcar o papel de Portugal para os/as imigrantes brasileiros/as. De acordo com o Relatório do Ministério das Relações Exteriores (MRE) (2021), Portugal é o segundo país do mundo a registar o maior número de imigrantes brasileiros/as em território nacional, atrás apenas dos Estados Unidos. Neste seguimento, o mesmo relatório afirma que, em 2020, foram registados/as em Portugal, um total de 276.000 brasileiros/as. Contudo, recordamos que estes dados abrangem apenas cidadãos/ãs imigrantes em situação regular, excluindo aqueles/as que estão em situação irregular ou com dupla nacionalidade (de algum país da UE). Por isso, o número de imigrantes é, na realidade, mais elevado.

Como mencionado previamente, alguns/algumas autores/as delimitam de maneira diferente os fluxos migratórios da comunidade brasileira em Portugal. Por exemplo, Malheiros, no livro “Imigração Brasileira em Portugal” (2007), divide os fluxos migratórios desta comunidade em duas fases principais: a primeira vaga, entre meados dos anos 80 e finais dos anos 90, e a segunda vaga, entre 1998/1999 até ao ano de 2007, quando o livro foi publicado. De maneira semelhante, França & Padilla, no artigo científico “Imigração brasileira para Portugal: entre o surgimento e a construção mediática de uma nova vaga”

(2018), publicado dez anos mais tarde, subdividem igualmente o fluxo nas mesmas vagas, prolongando a segunda vaga até 2010, quando a crise económica atingiu Portugal. Para além disso, numa perspetiva diferente de Malheiros, as autoras mencionam o possível surgimento de uma terceira vaga após a crise, isto é, em 2016. Todavia, França & Padilla (2018), afirmam que o perfil dos/as imigrantes da provável terceira vaga, apesar de apresentarem algumas características novas, ainda são muito semelhantes à segunda vaga, o que faz com que a definição e delimitação de uma nova fase migratória seja mais difícil.

Numa perspetiva mais recente, temos autores como Fernandes, Peixoto e Oltramari que, no artigo “A quarta onda da imigração brasileira em Portugal: uma história breve” (2021), organizam os fluxos da comunidade brasileira em quatro fases principais. A primeira fase ocorreu entre 1970 e 1990 (um período maior do que o mencionado nas duas obras anteriores), a segunda vaga a partir de 1990 e a terceira fase, a partir de metade da primeira década dos anos 2000. Finalmente, a última vaga é delimitada após a intervenção da Troika, em 2014/2015 e é interrompida pela pandemia da Covid-19, em 2020. Alicerçado nas diferentes leituras e análises, vamo-nos debruçar sobre a divisão de 4 vagas de migração brasileira em Portugal, apresentadas por Fernandes, Peixoto & Oltramari, por ser uma perspetiva mais recente dos fluxos migratórios. No entanto, destaca-se que as outras obras mencionadas servirão para apoiar este estudo, especialmente no que diz respeito às duas primeiras vagas, pois, todos/as os/as autores/as caracterizaram de forma semelhante os perfis dos/as imigrantes e as circunstâncias políticas e sociais de cada etapa.

Assim sendo, a primeira vaga, que, de acordo com a maioria dos/as autores/as estudados/as (França, 2012; França & Padilla, 2018, Gomes, 2013; Malheiros, 2007), ocorreu entre meados dos anos 80 e finais dos anos 90, foi fundada por razões políticas e económicas. De acordo com França (2012), esta fase foi influenciada por inúmeros acontecimentos que tornaram Portugal num país mais atrativo, como, por exemplo, o processo de redemocratização e a modernização do país, consequência do final da ditadura e da adesão à CEE (em 1986). Com efeito, estas mudanças impulsionaram a estabilidade económica e a modernização industrial nacional que, por sua vez, levaram ao aumento da necessidade de profissionais qualificados/as (França, 2012).

Em contrapartida, neste mesmo intervalo temporal, a realidade brasileira não era tão otimista, especialmente, após o choque petrolífero de 1979 (Barbosa & Lima, 2020),“o

Brasil via-se no limiar de uma grave crise financeira em meio à recessão e à rápida escalada da dívida externa”(Barbosa & Lima, 2020, p. 53). Para gerir a crise, alguns programas de estabilização económicos foram implementados pelo governo brasileiro e implicaram o aumento de impostos, a redução de despesas governamentais e dos salários nacionais (A. Barbosa & Lima, 2020).

Como consequência, “em meio à insegurança generalizada nos planos políticos, económico e social, à hiperinflação, à explosão da violência urbana, com suas diversas formas de expressão, e ao descrédito com a política e as instituições públicas”(A. Barbosa & Lima, 2020, p. 54), a população brasileira foi impulsionada a procurar qualidade de vida e estabilidade noutros países. Face a esta realidade, Portugal revelou ser um destino migratório apelativo, apresentado pelos media brasileiros como sendo um país estável a nível político e financeiro (A. Barbosa & Lima, 2020). Assim sendo, o número de imigrantes da primeira vaga era reduzido e constituído, sobretudo, por homens qualificados, que preencheram algumas lacunas profissionais existentes em Portugal após a adesão à CEE (D. Fernandes et al., 2021). Adicionalmente, a abertura da economia portuguesa transformou Portugal num país atrativo para investimentos internacionais, incluindo para o Brasil e, por isso, “alguns profissionais qualificados acompanharam as firmas brasileiras que se estabeleceram em Portugal nesse período” (Malheiros et al., 2007, p. 25).

A alta qualificação destes/as imigrantes, fez com que estes/as “fossem inseridos em postos de acordo com suas qualificações, principalmente em atividades ligadas à comunicação, computação, dentistas, design, diretorias e gerências” (França, 2012, p. 105). Durante a primeira vaga, os/as imigrantes foram bem recebidos/as no país (França, 2012), e ajudaram na modernização portuguesa, especialmente em áreas relacionadas com marketing, informática, entre outros âmbitos profissionais (D. Fernandes et al., 2021).

No que diz respeito à segunda vaga, esta teve início nos finais dos anos 90, e prolongou-se até à crise de 2008. No final dos anos 90, o contexto laboral português sofreu algumas alterações, nomeadamente no âmbito do aumento da qualificação dos/as profissionais nacionais, o que gerou a diminuição da oferta de empregos qualificados e bem remunerados, e aumentou a demanda de postos de trabalho menos qualificados (França, 2012). Por conseguinte, os/as imigrantes desta fase apresentavam níveis de qualificação inferiores comparativamente à primeira vaga. Por isso, estes/estas acabaram por ser integrados/as em

áreas profissionais pertencentes ao mercado de trabalho secundário, com cargos menos valorizados e com salários relativamente baixos (Malheiros et al., 2007).

De acordo com Malheiros (2007), esta “progressiva desqualificação” profissional dos/as imigrantes brasileiros/as acabou por acompanhar as necessidades económicas do país, que eram distintas da primeira vaga, com maior carência profissional em trabalhos menos qualificados. Neste seguimento, o autor define a migração brasileira com um “carácter dual”, isto é, os/as imigrantes brasileiros/as ocupam cargos tanto de elevada como de baixa qualificação, e esta realidade é evidente ao comparar a primeira e a segunda vaga migratória. É importante destacar que, durante este período, o número de imigrantes aumentou significativamente, com especial destaque para imigrantes do género feminino. A feminização da migração foi tão visível que a partir de “2003, o número de mulheres começou a superar o número de homens, mostrando-se como uma tendência até o presente momento” (França, 2012, p. 105). Já em 2019, as mulheres representavam cerca de 52% da comunidade brasileira no país (D. Fernandes et al., 2021). Contudo, o tema sobre a feminização migratória das mulheres brasileiras será aprofundado no subcapítulo 2.2 da dissertação.

A transformação do perfil dos/as imigrantes resultou na divisão da presença de mulheres e homens no mercado de trabalho. Numa perspetiva geral, os homens brasileiros estavam presentes, maioritariamente, em trabalhos relacionados com a construção civil e as mulheres em áreas vinculadas à estética, bem-estar e limpezas. Adicionalmente, os/as imigrantes foram inseridos em serviços de atendimento ao público, turismo, venda, etc. (França & Padilla, 2018). Convém sublinhar que, de acordo com França (2012), os cargos profissionais ocupados pelos/as brasileiros/as são, em parte, fruto da existência de estereótipos específicos sobre essa comunidade. Contudo, diferentemente do que ocorreu na fase anterior, a existência desses estereótipos fez com que a comunidade imigrante não fosse tão bem recebida e fosse percecionada como um problema para o país (França, 2012).

Face ao exposto, a existência de estereótipos fez com que as mulheres brasileiras fossem, muitas vezes, mal vistas, sendo vinculadas à beleza, à vaidade e à sensualidade. Estas ideias acabaram por influenciar tanto na integração laboral como social e estudantil das mesmas. Não obstante, estes estereótipos existentes e os respetivos impactos serão esmiuçados no capítulo 3 da dissertação e ao longo da investigação.

Outro fator importante que precisa ser mencionado nesta vaga é que em 2003, a comunidade brasileira se destacou numericamente e esta realidade só foi possível devido às condições legais específicas que promoveram a integração dos/as brasileiros/as no país. Isto é, devido à implementação de acordos que facilitaram a inserção de imigrantes oriundos/as do Brasil, nomeadamente, a criação do Estatuto de Igualdade de Direitos e Deveres, “um estatuto resultante do Tratado de Amizade, Cooperação e Consulta firmado entre Brasil e Portugal em 2000, que permite aos brasileiros residentes em Portugal gozar dos mesmos direitos e deveres que os cidadãos portugueses” (França & Padilla, 2018, p. 10). O estatuto concede o direito de exercício de atividades económicas, liberdade para trabalhar no país, acesso às funções públicas, capacidade eleitoral ativa, capacidade eleitoral passiva, etc. No entanto, esses direitos são apenas para cidadãos/ãs de nacionalidade brasileira maiores de idade, que residam em Portugal e que apresentem título de residência válido (SEF, sem data).

Acresce que, pelo facto do Brasil fazer parte da CPLP permitiu, e ainda permite, que os cidadãos/ãs beneficiem de determinados acordos multilaterais que acabam por facilitar a circulação de pessoas entre os países envolvidos no acordo (Góis & Marques, 2014). Concomitantemente, através deste acordo, o Decreto nº 34/2003, de 30 de julho de 2003, foram concedidos vistos de duração mínima de um ano para “um conjunto específico de cidadãos (e.g. homens de negócios, profissionais liberais, cientistas, investigadores/pesquisadores, desportistas, jornalistas e agentes de cultura/artistas)” (Góis & Marques, 2014, p. 56), de modo a promover a circulação das pessoas entre os países.

Paralelamente, em 2003, também foi assinado o Acordo Lula, que alterou significativamente a inserção da população brasileira no país ao possibilitar a regularização através do contrato laboral, como mencionado no subcapítulo anterior. Não obstante, França (2012) menciona que o acordo surge com um duplo interesse, que vai além das relações históricas das duas nações e do bem-estar dos imigrantes. A autora explica que Portugal precisou “(...) responder às pressões da União Europeia para obter uma maior transparência no mercado laboral, visto que nessa época o número de imigrantes em situação de irregularidade no país já se mostrava bastante elevado, em especial imigrantes de origem brasileira” (França, 2012, p. 107). De modo suplementar, França (2012) realça que os órgãos responsáveis por este acordo não foram eficazes ao aplicarem multas extremamente elevadas, que nem sempre os/as imigrantes tinham condições financeiras de pagar para

iniciar o processo de regularização. De forma coincidente, muitas empresas portuguesas empregadoras dificultavam a efetivação do contrato dos/as empregados/as (Padilla, 2007), tornando este processo de regularização menos eficiente do que o esperado. No entanto, mesmo assim, os valores de regularização foram extremamente elevados, tornando este momento bastante emblemático para os/as brasileiros/as.

A seguir a esta fase de crescimento migratório em Portugal, ocorreu a crise económica de 2008 que, como explicado no subcapítulo anterior, gerou uma quebra profunda nos fluxos migratórios no país. Os/As imigrantes viram-se obrigados/as a retornar ao seu país de origem devido ao aumento do desemprego que afetou, sobretudo, trabalhos desempenhados por estrangeiros/as, tais como: “construção civil, comércio e serviços de limpeza, proteção e segurança” (IEFP 2010 cit. Nunan & Peixoto, 2012, p. 243). Consecutivamente, a taxa de desemprego dos/as imigrantes, chegou aos 18.8% em 2010, sendo este valor 8% mais elevado do que a taxa de desemprego dos/as nacionais (Nunan & Peixoto, 2012). Com efeito,

O número de brasileiros inscritos nos Centros de Emprego mais do que duplicou entre 2007 e 2009, tendo passado de menos de 5.000 para 10.395 indivíduos em 2009 (...) os brasileiros foram os mais atingidos entre todas as principais nacionalidades estrangeiras. Em proporção dos desempregados estrangeiros, a tendência foi sempre crescente, atingindo 28,9% do total em 2010 (Nunan & Peixoto, 2012, p. 244).

Convém mencionar que a realidade económica vivida em Portugal entre 2010 e 2015 era absolutamente diferente da realidade de prosperidade económica do Brasil nessa fase, o que também incentivou ao retorno de imigrantes brasileiros/as ao seu país de origem.

Em 2008, o PIB [brasileiro] cresceu 5,1%, colocando o PIB per capita em seu patamar mais alto, correspondente a USD 8.800,00, mantendo a tendência ascendente desde 2000. O Brasil tornou-se conhecido como um dos integrantes dos BRIC's – Brasil, Rússia, Índia e China –, países que se destacaram pelo rápido crescimento de suas economias (Nunan & Peixoto, 2012, p. 238).

Assim, o contraste entre as realidades económicas fez com que, durante esses anos, a emigração para Portugal tenha diminuído e que muitos/as imigrantes tenham retornado em busca de melhores condições de vida no Brasil. Apesar disso, durante a crise verificou-se o crescimento do fluxo de alguns/algumas imigrantes qualificados/as e de uma quantidade significativa da presença de estudantes brasileiros/as em Portugal. Este fluxo de estudantes internacionais acabou por evitar a paragem quase absoluta do fluxo migratório no país (Fernandes et al., 2021). Inclusive, para Fernandes, et al., (2021), essa mobilidade de

estudantes durante a crise, e até mesmo a diminuição do fluxo migratório, caracteriza e justifica a definição de uma terceira fase migratória no país.

A estagnação dos fluxos migratórios e o decorrer da designada terceira vaga migratória durou apenas até 2015/2016. Os papéis entre os países foram invertidos e Portugal tornou-se novamente num polo atrativo para os/as imigrantes, pois conseguiu reerguer-se da crise com o fim do programa de austeridade e com o desenvolvimento de iniciativas legais que beneficiavam fiscalmente imigrantes qualificados/as e aposentados/as. Enquanto isso, o Brasil enfrentava o início de uma crise política com o “impeachment” da Presidente Dilma Rousseff (França e Paddila, 2018; D. Fernandes et al., 2021). A partir de 2016, as circunstâncias económicas e políticas dos dois países criaram efeitos atrativos e repelentes tanto no Brasil como em Portugal. No caso de Portugal, além das questões mencionadas, ocorreram “alterações ao regime de aquisição da nacionalidade de 2017 que permitiu que netos de portugueses [solicitassem] a nacionalidade portuguesa, a simplificação do processo de pedido de autorização de residência (...)” (França & Padilla, 2018, p. 10). Essas mudanças acabaram por facilitar o acesso de determinados/as imigrantes com projetos de migração definitiva, formando um novo perfil de imigrantes, que incluíam aposentados/as do setor público, investidores/as do setor imobiliário e cada vez mais estudantes para o ensino superior Português (D. Fernandes et al., 2021).

Em contrapartida, no Brasil, a crise política desencadeou “a crise social, ampliando o número de desempregados e disseminando o sentimento de insegurança individual diante da crescente violência (...). Ao mesmo tempo, a persistente desvalorização do real em relação às moedas internacionais (...)” (D. Fernandes et al., 2021, p. 49) foram fatores que tornaram Portugal, que vivia uma fase de prosperidade económica, um país sedutor para os/as que buscavam melhor qualidade de vida e segurança. Como consequência desta dualidade, houve um despertar da migração de brasileiros/as para Portugal e um novo perfil e, por isso, Fernandes et al., (2021), designam esta fase por “quarta onda da migração brasileira”, uma vaga que durou até ao início da pandemia da Covid-19, em 2020.

Na quarta vaga, a comunidade brasileira voltou a destacar-se como o maior grupo de estrangeiros/as em Portugal, na medida em que a proporção de brasileiros/as, entre os/as imigrantes no país, aumentou de 20,3% para 25,6% em 2017 e 2019 respetivamente (D. Fernandes et al., 2021). Em 2021, já ocupava cerca de 29,2% da população estrangeira do

país, mesmo com a crise pandémica que decorreu a partir de 2020. Há que salientar que, durante a pandemia e nos anos subsequentes, poderão surgir mudanças estruturais que justifiquem o surgimento a definição de uma nova vaga migratória. No entanto, definir esta nova vaga ou analisar o presente perfil dos/as imigrantes não é o principal objetivo deste estudo, mas sim aprender sobre o histórico da migração da comunidade brasileira em Portugal, a relação entre ambos os países e o surgimento do fluxo migratório estudantil no país.

Em suma, este capítulo revelou que as fases migratórias da comunidade brasileira para Portugal são fortemente influenciadas pela situação política e económica de ambos os países. Adicionalmente, compreende-se que os perfis dos/as imigrantes, na maioria das vezes, acompanham as necessidades do país de chegada e as dificuldades expressas no país de partida, e ajudam a colmatar, naturalmente, as lacunas laborais existentes em Portugal. Para mais, destacou-se a importância dos acordos luso-brasileiros em termos de regularização, que afetaram diretamente o crescimento numérico e a interação da população brasileira em Portugal.

## **Capítulo 2: Género e Migração**

### **2.1. O conceito de género e interseccionalidade**

Nesta fase da dissertação, pretende-se afunilar o tema da imigração brasileira em Portugal, mais especificamente em torno da presença das mulheres brasileiras no país. Para tal, neste subcapítulo serão introduzidos dois conceitos importantes que afetam o tema direta e indiretamente. Em primeiro lugar, o significado do conceito de género, que é um dos pontos fulcrais da investigação e, em segundo lugar, o conceito de interseccionalidade, através da visão da autora Kimberlé Creenshaw.

Antes de mais, na maior parte dos casos, ao pensarmos no conceito de género, relacionamo-lo, não só com a divisão social existente entre homens e mulheres, mas, também, indiretamente com a relação de poder existentes entre eles/as. De acordo com o

EIGE (European Institute for Gender Equality), o conceito de “género” significa “oportunidades e atributos sociais associados ao ser feminino e masculino e às relações entre mulheres e homens e raparigas e rapazes, bem como às relações entre mulheres e entre homens” (European Institute for Gender Equality, sem data).

É coerente pontuar que, apesar desta não ser a definição universal e única do conceito, o principal objetivo desta é desmistificar a influência do sexo anatómico nas condutas das pessoas (Rohden et al., 2009) e no seu lugar na sociedade. Neste sentido, de acordo com Lúcia Amâncio (2003), o surgimento do conceito de género pretendia

(...) colocar a questão das diferenças entre os sexos na agenda da investigação social, retirando-a do domínio da biologia, e orientava a sua análise para as condições históricas e sociais de produção das crenças e dos saberes sobre os sexos e de legitimação das divisões sociais baseadas no sexo (Amâncio, 2003, p. 687)

Inclusive, é importante destacar que a busca pela inserção da noção de género e a distinção do mesmo relativamente ao sexo biológico surgiu através dos movimentos feministas no século passado. Isto é, entre 1970 e 1980, as lutas em busca da emancipação feminina eclodiram através dos movimentos feministas, especialmente nos Estados Unidos e, em seguida, foram disseminadas internacionalmente (Rossi et al., 2012).

A eclosão do feminismo no âmbito internacional levou à I Conferência Mundial da Mulher, realizada entre 16 de junho e 2 de julho de 1975, no México. O evento contou com a presença de 14 000 representantes, provenientes de 113 países (Fáveri, 2014). Durante a conferência, a Organização das Nações Unidas (ONU) anunciou que a década entre 1976-1986 seria reconhecida como a “Década da mulher”. Para mais, o evento também foi útil para a aprovação, por parte da ONU, de um plano de ações que ambicionava “igualdade entre os sexos; integração da mulher no desenvolvimento; e promoção da paz” (Fáveri, 2014, p. 8).

Deste modo, durante a considerada “década da mulher”, especialmente, a partir dos anos 80, com a evolução dos movimentos feministas, as investigadoras feministas americanas passaram a priorizar assuntos relacionados com classe, etnia, religião e género. O objetivo era alcançar visibilidade ao integrar essas problemáticas nos meios de comunicação e incentivar implementações políticas a favor da igualdade de género (Rossi et al., 2012). Todavia, deve-se chamar a atenção para o facto de que a perceção de género em si, assim

como o impacto da biologia nos comportamentos e expectativas existentes sobre os sexos, é absolutamente influenciada pela cultura, crença religiosa e/ou educação das pessoas (Rohden et al., 2009). Por isso, em cada contexto cultural e/ou social, pode haver uma assimetria maior ou menor entre os géneros, influenciada pelo papel do homem e da mulher nas diferentes sociedades.

Com base nessa realidade, acreditamos que seja importante abordar a Teoria da Assimetria Simbólica (TAS), que está diretamente vinculada ao “perfil” ou comportamento considerado socialmente mais feminino ou masculino supostamente dominante entre os homens e as mulheres da sociedade. Ou seja, o comportamento expectável de cada um deles. Amâncio (2002) esclarece que a assimetria simbólica demonstra a desigualdade na percepção de géneros, pois os estereótipos entre masculino e feminino não são considerados circulares, na medida em que as representações subjetivas dos homens permitem que estes sejam vistos como indivíduos livres. Enquanto as mulheres apresentam uma liberdade mais limitada, na qual estas são sempre associadas à sexualidade (Amâncio, 2002).

Como reflexo desse pensamento, Barbosa (1998, p. 112) afirma que a “(...) assimetria das relações de género impede a visibilidade das mulheres, cortam-lhes a palavra, e os textos que, para além de serem mulheres (...) pouco há para dizer sobre ela”. Conclui-se, assim, que existem claros condicionalismos impostos pelas assimetrias vinculadas às representações de género que delimitam a vida tanto dos homens como das mulheres. Novamente, ao pensarmos nessa dicotomia, é extremamente importante entender a influência cultural na assimetria simbólica dos géneros. Por este ângulo, os autores Rohden et al. (2009) reforçam a ideia de que essas crenças e percepções culturais limitam o padrão comportamental das pessoas. Por exemplo, no caso da cultura ocidental, o homem é visto e aceite como mais agressivo e forte, enquanto a mulher é mais delicada e frágil.

No que diz respeito a essas noções, Fonseca (1995) justifica a hegemonia masculina na sociedade através do papel que os homens desempenhavam na caça, que os posicionava acima das mulheres. Além do mais, o autor explica que nas sociedades pastoris, as mulheres eram consideradas propriedades sexuais dos homens, de tal modo que,

“(...) para preservar e perpetuar o controle da sexualidade, as meninas são educadas para a extrema castidade, para sentir vergonha do corpo e treinadas para a vida privada, para os trabalhos

domésticos. Aos meninos, ao contrário, é incentivada a vida pública, a coragem, a virilidade e a independência.” (Fonseca, 1995, p. 54).

Consecutivamente, se analisarmos bem a forma como as mulheres eram ensinadas, de acordo com Fonseca (1995), percebemos que, na atualidade, continuam a existir muitos resquícios desse pensamento em determinadas culturas de maneira mais ou menos discreta. Por isso, pode-se compreender que, inevitavelmente, alguns traços da história acabam por ter repercussões na divisão social entre homens e mulheres nos dias de hoje, evidenciando assim a continuidade do patriarcado, ou seja, a dominação masculina na hierarquia de gêneros (Piscitelli, 2008).

Na busca por converter essas assimetrias e no conseqüente crescimento dos movimentos feministas, o papel das investigadoras feministas foi fundamental para elucidar outras características sociais que acabam por gerar exclusão social, especialmente quando sobrepostas. Face a isto, a autora Kimberlé Crenshaw, considerada uma referência no âmbito da pesquisa sobre etnia e feminismo e autora de inúmeros artigos sobre feminismo negro<sup>4</sup>, chamou a atenção para o conceito de “interseccionalidade”, que consideramos ser fundamental para esta análise.

O conceito em si surgiu com a necessidade de Crenshaw (1991) em explicar que as mulheres negras, devido a terem uma identidade naturalmente interseccional, isto é, representam um gênero e uma cor, nunca são discriminadas por apenas um destes fatores, mas sempre pelos dois. Desta maneira, a autora foi capaz de enfatizar que “(...) a existência de vários eixos de desigualdade (raça, etnia, gênero, etc.) que, tal como avenidas numa grande cidade, transcorrem de modo independente, contando, no entanto, com múltiplas e variadas intersecções” (Crenshaw 1989, 1993, 2002 cit. Alonso, 2010, p. 25).

Deste modo, as pessoas que se enquadram nos diferentes eixos acabam por sofrer desigualdades e exclusões de uma maneira única e diferente das restantes pessoas, pois fazem parte de um conjunto de categorias consideradas subordinadas nas sociedades em

---

<sup>4</sup> Crenshaw, K. (1989). Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics. *University of Chicago Legal Forum*, 1989(8), 31. & Crenshaw, K. (1991). Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Color. *Stanford Law Review*, 43(6), 1241. <https://doi.org/10.2307/1229039>

geral (Alonso, 2010). Neste aspeto, outras autoras feministas não ocidentais, especialmente as que se dedicavam às teorias pós-coloniais, também evidenciaram publicamente outros fatores de diferenciação que levavam a práticas de segregação e exclusão nas diferentes sociedades. Nomeadamente, tópicos relacionados com a sexualidade, a religião, a cor e, até mesmo, a nacionalidade (Shohat, 1992; MacKlinotck, 1992; Mohanty, 1991 cit. Piscitelli, 2008, p. 266).

Com efeito, Piscitelli (2008) menciona que as autoras Shohat (1992), MacKlinotck (1992) Mohanty (1991) deram bastante importância à nacionalidade enquanto fator de diferenciação: “(...) elas aludiam ao posicionamento desigual, em escala global, propiciado pela nacionalidade. Isso que, à falta de um nome melhor, chamo de localização, para aludir à posição estrutural das nacionalidades que estão interagindo” (Piscitelli, 2008, p. 266).

No caso da categorização com base na nacionalidade, Piscitelli (2008) realça que as mulheres brasileiras vivem determinados preconceitos de forma distinta apenas por serem brasileiras. Tal acontece devido à sexualização das mulheres oriundas do Brasil. Concomitantemente, “no lugar desigual atribuído ao Brasil no âmbito global, a nacionalidade brasileira, mais do que a cor da pele, confere-lhes essa condição. E essa racialização é sexualizada.” (Piscitelli, 2008, p. 269). Não obstante, a autora realça que essas relações podem variar de país para país, de acordo com o contexto migratório, com as relações estabelecidas com o Brasil, com a classe social das imigrantes e até mesmo a cor de pele das mesmas (Piscitelli, 2008).

Em suma, para sondarmos mais sobre os estereótipos em torno das mulheres brasileiras foi importante recuar no tempo para analisar a luta contínua em rever a influência da anatomia na percepção e hierarquização social dos géneros. Assim como a compreensão da intersecção de outros fatores sociais, que constituem a identidade social das pessoas (Crenshaw, 1991), tais como a nacionalidade. Desta maneira, qualquer pessoa que apresente um ou mais fatores de diferenciação acaba por experienciar uma multiplicidade de injustiças sociais (Ted Talk, 2016).

## **2.2. A feminização da imigração: mulheres brasileiras em Portugal.**

Abordar a temática sobre estereótipos em torno das mulheres brasileiras e da presença de estudantes brasileiras em Portugal exige uma contextualização histórica acerca da evolução e visibilidade das mulheres na migração em geral. Desta maneira, neste subcapítulo, pretende-se explicar, de forma breve, o início da feminização da migração, como as mulheres eram invisibilizadas no seu percurso migratório e como essa realidade mudou gradualmente.

Assim sendo, podemos iniciar esta temática ao afirmar que, durante muito tempo, no âmbito migratório, as mulheres eram vistas apenas como acompanhantes dos seus maridos. De facto, anteriormente, o modelo familiar era predominantemente baseado na imagem de uma família patriarcal em que o homem assumia a função de provedor financeiro do lar (Morokvasic, 1984), e a mulher se responsabilizava por cuidar da casa e dos/as filhos/as.

Consecutivamente, quando as famílias migravam, o provedor continuava a ser o homem da família e as mulheres acompanhavam e garantiam suporte domiciliar, sem nunca serem consideradas “sujeitos no processo migratório” (Assis, 2007, p. 748) ou até mesmo imigrantes autónomas (R. Albuquerque, 2005). Com base nesta realidade, até 1970, a literatura invisibilizava a presença das mulheres na migração (R. Albuquerque, 2005), de tal forma que Zlotnik (1995) menciona que “as mulheres eram vistas como “dependentes” e ao migrarem eram reconhecidas apenas como esposas, mães e filhas de homens imigrantes” (Tradução livre da autora, Zlotnik, 1995, p. 229). Seguindo esta perspetiva de invisibilidade de género, Assis (2007) explica de forma clara que a migração não é neutra em termos de género, na medida em que o próprio termo “migrante” tinha uma conotação masculina, como se todos os imigrantes fossem homens. Contudo, apesar da demora, essa perceção mudou progressivamente.

Segundo Albuquerque (2005), em 1960, a feminização da migração começou a ser mais recorrente. No caso da Europa, havia muitas imigrantes oriundas de Portugal, Jugoslávia e Espanha na França. Por este motivo, devido ao forte crescimento dos movimentos feministas a partir dos anos 70 e 80, já aprofundado no subcapítulo anterior, houve um aumento de investigações voltadas para as desigualdades de género nas ciências sociais, com enfoque na feminização da migração (R. Albuquerque, 2005). Não obstante, ainda demorou algum

tempo até que as mulheres deixassem de ser diretamente vinculadas à reunificação familiar e/ou como dependentes financeiramente dos seus cônjuges (Miranda, 2009).

Deste modo, a inserção da feminização da migração na literatura veio, não só realçar a presença e a importância das mulheres no âmbito migratório, como também ajudou a elucidar publicamente as diferentes experiências migratórias de ambos os sexos. Pois, “os papéis socioculturais, as necessidades, oportunidades, restrições e vulnerabilidades diferem de mulheres e homens” (Malheiros e Baganha, 2007; Miranda, 2009 cit. Coelho, 2021, p. 17).

Nesta linha de pensamento, Albuquerque (2005) destaca a autora Morokvasic, como sendo uma das primeiras mulheres a desenvolver uma obra sobre a imigração feminina. Morokvasic trouxe reflexões importantes sobre as relações de poder existentes nas diferentes sociedades guiadas por mulheres imigrantes e outras minorias na sociedade. Além disso, a autora afirma que, dentre essas relações de poder, as mais importantes são as de “(...) género e de classe e a relação entre estas mulheres e o estado-nação, seja enquanto imigrantes, estrangeiras ou minorias étnicas” (Morokvasic 1993, p. 465 cit. R. Albuquerque, 2005, p. 2). É importante destacar que, apesar do aumento da visibilidade das mulheres imigrantes e do reconhecimento deste assunto na literatura, essa mudança não foi sentida no dia a dia das mulheres (Miranda, 2009). Segundo Zlotnik (2003 cit. Miranda, 2009), a razão por trás dessa disparidade recai sobre as profissões precárias vinculadas à economia informal, exercidas pelas mulheres nos países de chegada, sendo esse um dos fatores que levava e ainda leva à invisibilidade das mesmas na migração (Zlotnik, 2003 cit. Miranda, 2009).

Numa perspetiva geral, a maioria das mulheres exercia funções relacionadas com trabalhos domésticos, cuidados pessoais e prostituição. Estas profissões faziam com que fossem subestimadas nos dados estatísticos, que por muito tempo nem sequer incluíam o sexo nos relatórios (Miranda, 2009). Ainda demorou algum tempo para que as mulheres fossem realmente percecionadas com um papel de relevância e economicamente ativas nos países de chegada (Miranda, 2009).

À luz do que já foi dito no subcapítulo anterior, a migração feminina também pode ser verificada de forma multidimensional nas dificuldades e preconceitos, nunca voltados apenas para um aspeto, mas sim para vários, isto é, o género, a cor, a nacionalidade, sendo estes fatores determinantes de pré-julgamento e segregação social. Seguindo esta linha,

Albuquerque (2005) destaca que as abordagens feministas valorizam cada vez mais essas questões, com grande enfoque na relevância destas especificidades e na sua inter-relação:

(...) articulação das questões de género, de classe e de pertença étnica e da análise do modo como cada uma destas variáveis influencia as outras e, em simultâneo, é por elas influenciada. Assim, as vivências das mulheres imigrantes e ou de minorias – a sua posição no mercado de trabalho, as relações com a família, o seu grau de autonomia, de participação ou de inserção social – dependem da forma como estas variáveis se conjugam. Outras variáveis como a orientação sexual e a idade são também consideradas importantes para compreender a complexidade e pluralidade das trajectórias de cada mulher (R. Albuquerque, 2005, p. 2).

Em termos práticos, pode-se concluir que existe um estatuto de maior ou menor privilégio vinculado a determinadas características predominantes nas imigrantes, que podem ajudar ou prejudicar as posições que irão assumir nas diferentes hierarquias das sociedades de chegada (R. Albuquerque, 2005).

Existem algumas adversidades comuns, enfrentadas por mulheres de diferentes etnias, tons de pele e nacionalidades, as quais, muitas das vezes, não são uma realidade para os homens imigrantes. Para comprovar isso, iremo-nos debruçar sobre a pesquisa de Lisboa (2007), realizada na Universidade Internacional de Mulheres, na Alemanha nos anos 2000. Neste trabalho, a investigadora dedicou-se a entender os motivos da ida e as condições laborais de algumas imigrantes de origem filipina, peruana e indonésia para a Europa. É importante destacar que os resultados obtidos pela autora são bastante coerentes e poderiam ser o testemunho de muitas outras mulheres, por isso, faz sentido serem aqui apresentados. Porém, por ter sido uma pesquisa qualitativa, não podemos generalizar as suas conclusões, apenas usá-las como exemplo.

No caso das mulheres imigrantes entrevistadas, na sua maioria, com trabalho na área das limpezas, as principais dificuldades enfrentadas são: falta de compromisso por parte dos patrões na regularização das imigrantes, salários muito baixos e, muitas vezes, as horas extras não são consideradas no valor total pago e sobrecarga de trabalho (Lisboa, 2007). Concomitantemente, a violência e o abuso sexual também foram questões mencionadas pelas participantes. Adicionalmente, foram referidas outras dificuldades mais específicas relacionadas com a área laboral ou mais gerais, como as línguas, costumes, etc., (Lisboa, 2007).

Seguindo este raciocínio, a investigação de Wall, Nunes & Matias (2005 cit. Miranda, 2009), que visou analisar as trajetórias de mulheres brasileiras, cabo-verdianas e ucranianas em Portugal, levou a conclusões semelhantes. Ou seja, os autores afirmam que as “(...) mulheres, mais provavelmente do que os homens, são expostas a trabalho forçado, a exploração sexual, a prostituição forçada e a outros tipos de violência. Com maior frequência aceitam más condições de trabalho e salários baixos, expondo-se a sérios riscos de saúde” (Wall et al., 2005 cit. Miranda, 2009, p. 29).

Com base nas dificuldades mencionadas, é também importante recordar que existem determinadas expectativas quanto aos papéis a serem desempenhados pelos/as imigrantes nos países de chegada. De acordo com Coelho (2021), essas expectativas sobrepõem-se aos/às imigrantes, estando diretamente relacionado com o género destes/as.

Em suma, a evolução da feminização da migração é bastante evidente. Inicialmente no contexto migratório, as mulheres viviam na sombra dos homens, sendo consideradas apenas as suas acompanhantes ou filhas. Por não serem economicamente independentes, e/ou trabalharem em áreas abrangidas pela economia informal, nem sequer eram incluídas nas estatísticas. No entanto, a partir dos anos 70, não só a realidade migratória mudou, na medida em que muitas mulheres passaram a migrar autonomamente, como também passaram a ser incluídas nas temáticas políticas e sociais. Essa inclusão chamou a atenção, não só para as diferentes experiências de género no processo migratório, como para as de outras minorias.

À luz do que foi abordado, é interessante conseguir ver o reflexo da evolução da feminização migratória em Portugal. Por exemplo, de acordo com o PORDATA (sem data), em 2021 foram registadas cerca de 338 809 mulheres e 359 727 homens com permissão de residência no país. É possível concluir que, em termos práticos, o sexo masculino ainda é predominante em termos de migração em Portugal. Não obstante, a enorme quantidade de mulheres estrangeiras no país demonstra a liberdade que as mulheres têm atualmente de migrar, trabalhar, estudar e gerir a sua vida autonomamente, sem serem consideradas acompanhantes ou membros da família de alguém do sexo oposto, e sendo integradas nas estatísticas, diferente do que acontecia no passado.

Apesar desta progressão, a sociedade ainda impõe muitas dificuldades e expectativas em torno das mulheres imigrantes. Por isso, no próximo capítulo aprofundar-se-ão os conceitos

de representação social e estereótipos em torno das mulheres de nacionalidade brasileira em Portugal.

## **Capítulo 3: Representações Sociais das Mulheres Brasileiras em Portugal**

### **3.1. Definição da representação social.**

Nesta etapa da dissertação, iremo-nos focar brevemente em torno da explicação do significado, simbolismo e importância das representações sociais nas sociedades atuais. A principal ambição deste subcapítulo é esclarecer os tipos de representações sociais existentes, assim como a origem das mesmas e, consecutivamente, quais os impactos destas nas relações entre as pessoas, especialmente entre o exogrupo e o endogrupo de uma sociedade.

Para iniciar esta jornada das representações, apresentaremos a perspetiva do principal responsável pelo desenvolvimento da Teoria das Representações Sociais (TRS), Serge Moscovici. No que respeita às TRS, o autor menciona que, no mundo moderno, as representações sociais resultam numa forma de apreensão do mundo e, “portanto, temos de encarar a representação social, tanto na medida em que ela possui uma contextura psicológica autónoma como na medida em que é própria da nossa sociedade e da nossa cultura”(Moscovici, 1978, p. 45). Por outras palavras, na visão de Moscovici, as representações sociais fazem parte da perceção individual das pessoas e, apesar do cariz psicológico, está inerentemente incluída nas diferentes culturas.

Similarmente, a fim de analisar mais a fundo o conceito das Representações Sociais (RS) podemos debruçar-nos sobre a perspetiva da autora Denise Jodelet (1985) que defende que as RS são reproduzidas através de um conhecimento cognitivo, capaz de construir imagens, categorias, teorias e conceitos. Além do mais, a autora afirma que as RS são “socialmente elaboradas e compartilhadas, contribuem para a construção de uma realidade comum, que possibilita a comunicação” (Jodelet, 1985, cit. Spink, 1993, p. 300).

Desta maneira, é possível verificar que as representações, apesar de serem construções mentais, podem levar à objetificação das pessoas através da transformação de conhecimentos científicos em senso comum, com base nas categorizações sociais, valores culturais e individuais (Moscovici, 1978). Com efeito, estas transformações e noções abstratas relativamente a uma pessoa ou a um grupo de pessoas faz com que essas ideias se tornem, paulatinamente, tangíveis, saindo do âmbito imaginário para o real de forma bastante rápida (Moscovici, 1988, cit. Spink, 1993).

De acordo com as autoras Correia e Neves (2011), a objetificação ocorre em três etapas principais: i) a construção seletiva, momento em que a informação é escolhida e descontextualizada do objeto; ii) a esquematização, fase em que ocorre a organização da informação selecionada e, por fim, iii) a naturalização, onde todas as ideias e conceitos são percecionados como categorias naturais.

Não obstante, é extremamente importante entender que, no geral, as representações sociais e as objetificações realizadas pelas pessoas nunca são, de facto, um reflexo absolutamente verdadeiro da pessoa ou cultura representada (Spink, 1993), antes pelo contrário, são apenas interpretações do real. Na realidade, isto significa que as representações que construímos surgem através de um conjunto de ideias pré-concebidas, com base em experiências boas ou menos boas que temos. Muitas vezes somos influenciados por uma opinião global que as pessoas partilham e, infelizmente, essa partilha acaba por promover generalizações de ideias sobre determinadas pessoas/minorias/culturas/coisas. Desta maneira ocorre a “construção dos atributos que definem os membros do endogrupo e do exogrupo, na construção de uma visão partilhada do meio envolvente e na visibilidade da diferença dos outros grupos” (Vala, 1997, p. 10).

Inclusive, é de notar que, segundo a Tradição Vigotskiana (Vygotsky & Cole, 1978), as pessoas acabam por ser, involuntariamente, um símbolo do grupo ao qual pertencem, sendo observados como um “sujeito genérico” (Spink, 1993, p. 307), com características heterogéneas do grupo dentro de si. Para entender esta realidade em termos práticos, basta pensarmos que, muitas vezes, associamos um/a amigo/a de outra nacionalidade como representante/símbolo de toda a sua nação. Embora pareça ser um comportamento pouco racional, acaba realmente por acontecer. De forma semelhante, com alguma frequência, nós próprios/as somos sujeitos/as desse tipo de avaliação por parte de outras pessoas.

Por exemplo, ao inserirmo-nos num novo contexto e ao nos apresentarmos como portugueses/as ou brasileiros/as, as pessoas acabam por realizar “associações” mentais com memórias, ideias e até alguns estereótipos que nos possam classificar como sujeitos dentro de um conjunto de características ligadas à nossa origem. As consequências óbvias desse tipo de comportamento são que, muitas vezes, não nos enquadrámos no conjunto de ideias pré-determinadas sobre o grupo ao qual supostamente pertencemos. Claro que essas ideias podem ser positivas ou negativas e podem levar ao afastamento ou aproximação das pessoas sem nos conhecerem. Com efeito, é possível culpar essa realidade nas construções das RS e dos estereótipos.

Todavia, convém enfatizar como surgem essas atribuições, que rapidamente se transformam em generalizações de grandes grupos. Para entender isso, aprofundaremos as perspectivas de alguns autores (Bonomo e Souza, 2013; Braga, 2011; Moraes, 2003; Moscovici, 1978; Vala, 1997 cit. Batista & Bonomo, 2016), que defendem que existem três tipos de Representações Sociais. O primeiro tipo de representação é a RS Hegemónica, capaz de gerar conhecimento amplamente partilhado, de forma coerciva e dominante (Batista & Bonomo, 2016). Em segundo lugar, temos as RS Polémicas, que refletem o posicionamento de grupos minoritários, guiado pela identidade social e as relações de conflito entre diferentes grupos (Vala, 1997). Por último, as RS Emancipadas, que se baseiam na história e na memória ancorada na relação entre os grupos, que permanece uma memória coletivamente partilhada e não são consideradas discutíveis (Batista & Bonomo, 2016).

Desta forma, entende-se que as representações são construídas de dissemelhantes maneiras e são capazes de moldar as relações das pessoas, assim como a posição social das mesmas. No caso da migração e da representação dos/as imigrantes, a realidade é a mesma, na medida em que os crescentes movimentos migratórios proporcionam relações interculturais mais intensas entre os/as imigrantes e os/as nacionais. Porém, nem sempre estas relações são construídas de uma forma positiva.

No caso da migração brasileira na Europa, em muitos países como Portugal, Espanha, França e Itália, existe uma imagem construída acerca dos/as imigrantes e do papel que desempenham no país de chegada. Muitos vinculam os/as imigrantes à mão de obra pouco qualificada, prostituição, interesses económicos, etc. (Meihy, 2013; Piscitelli e Burgueño, 2008; Torresan, 2013 cit. Batista & Bonomo, 2016). Essas associações acabam por delinear

a construção de uma relação negativa entre o endogrupo e o exogrupo, fazendo com que estes sejam vistos como ameaça ou como pessoas inferiores.

Após a leitura deste subcapítulo, podemos concluir que a TRS desenvolvida por Moscovici, e aprofundada por muitos/as outros/as autores/as ao longo dos anos, fundamenta-se na partilha de ideias e noções mentalmente construídas, influenciadas por diferentes contextos, podendo ser hegemónicas, polémicas e emancipadas. No entanto, o que torna o processo das RS mais complexo é a veracidade por detrás das representações construídas, pois, estas são frequentemente produzidas a partir de mitos, ideias negativas e estereótipos discriminantes de um grupo percecionado como uma ameaça. Com efeito, as RS acabam por desempenhar um papel fundamental na hierarquia social que os indivíduos assumem nas diferentes sociedades e a maneira como são tratados pelo exogrupo (Batista & Bonomo, 2016). Esta realidade acaba por afetar o quotidiano e a qualidade de vida de qualquer minoria que lida com estereótipos e representações sociais enviesadas.

### **3.2. Estereótipos das mulheres brasileiras: as origens**

Um dos objetivos desta dissertação consiste em apresentar a origem dos estereótipos das mulheres brasileiras em Portugal para depois relacionar o seu impacto na vida das estudantes universitárias brasileiras. Para alcançar este propósito, neste subcapítulo apresentaremos a definição e as vertentes do conceito de estereótipo. Em seguida, introduziremos alguns momentos históricos nacionais com impacto internacional, que marcaram para sempre a perceção da população portuguesa face às mulheres brasileiras no geral.

No seguimento do que foi estudado no subcapítulo anterior, iremo-nos debruçar sobre o entendimento do que realmente significa o conceito de estereótipo. De acordo com Lippman (1997 cit. Meira, 2011, p. 4), o estereótipo funciona como uma “imagem típica que surge na mente quando se pensa num determinado grupo social”. Para o autor, um dos grandes problemas deve-se ao facto de as pessoas terem uma tendência em definir antes de ver. Por isso, ele afirma que, “Na maior parte das vezes, “não vemos e, só, depois definimos – primeiro definimos e depois vemos”. Temos a tendência de perceber o que escolhemos, influenciados pelos estereótipos estabelecidos por nós e pela nossa cultura” (Tradução livre da autora, Lippmann, 1997, p. 16).

Como aludido anteriormente, no que refere às representações sociais, os estereótipos também são considerados uma espécie de “hábitos do pensamento”, tornando-se uma construção automática para as pessoas (A. S. Santos, 2007) . Similarmente, Meira (2011) defende que essas construções e imagens criadas pelos estereótipos acabam por surgir da necessidade que a mente humana tem em organizar sujeitos e objetos em categorias, considerando este um processo quase que inevitável.

Ao estudar os estereótipos, podemos afunilar ainda mais o conhecimento e entender a existência do conceito de estereótipo de género, que está diretamente relacionado com temática por se tratar apenas de mulheres de uma determinada nacionalidade. Assim, conforme o Escritório do Alto-Comissário das Nações Unidas para os Direitos Humanos (ACNUDH), “un estereotipo de género es una visión generalizada o una idea preconcebida sobre los atributos o las características, o los papeles que poseen o deberían poseer o desempeñar las mujeres y los hombres.” (ACNUDH, sem data). Por conseguinte, Costa e Cyntia (sem data) declaram que “(...) ora, substancialmente as mulheres são diferentes e sofrem opressões diferentes, e os estereótipos de género favorecem e/ou intensificam essas opressões”, e essa é uma realidade que veremos claramente nos parágrafos seguintes.

Agora que já compreendemos exatamente os conceitos por detrás da possível construção do imaginário da mulher brasileira e o impacto destes nas relações sociais das pessoas em sociedade, precisamos perceber quais são e de onde vêm os estereótipos das mulheres brasileiras em Portugal. Para tal, o primeiro passo recai sobre recuarmos ao período da colonização, em 1500. Acredita-se que a primeira construção da imagem da mulher brasileira ocorreu por meio de uma carta escrita por Pero Vaz de Caminha (1500), que acompanhou Pedro Álvares Cabral no percurso de colonização do Brasil. A carta foi direcionada ao “El Rei D. Manuel I de Portugal” e teve inúmeras repercussões históricas por ser um dos primeiros documentos a descrever o contacto entre os navegadores portugueses e os/as índios/as brasileiros/as (Gabrielli, 2006).

Na Carta, Pero Vaz de Caminha relatou a chegada ao Brasil, a reação da população residente às chegadas das embarcações, o seu aspeto físico, incluindo as suas vestimentas (ou a falta delas). Ademais, foi igualmente relatada a postura dos/as índios/as, o que comiam ou não, a sua bondade, a inocência e a ausência de crenças religiosas. Similarmente, as

mulheres brasileiras foram mencionadas algumas vezes, sempre descritas pelo seu físico, pela sua nudez, pela “falta de vergonha” em mostrar as partes íntimas e pela forma como se comportavam e cuidavam dos/as seus/suas filhos/as, como veremos nos trechos a seguir:

- “Ali andavam entre eles três ou quatro moças, bem moças e bem gentis, com cabelos muito pretos, compridos pelas espáduas, e suas vergonhas tão altas, tão cerradinhas e tão limpas das cabeleiras que, de as muito bem olharmos, **não tínhamos nenhuma vergonha.**” (*A carta de Pero Vaz de Caminha*, 1500)
- “E uma daquelas moças era toda tingida, de baixo acima daquela tintura; e certo **era tão bem-feita e tão redonda, e sua vergonha (que ela não tinha) tão graciosa, que a muitas mulheres da nossa terra, vendo-lhe tais feições, fizera vergonha, por não terem a sua como ela.**” (*A carta de Pero Vaz de Caminha*, 1500)
- “(...) entre eles, quatro ou cinco mulheres moças, nuas como eles, que não pareciam mal. Entre elas andava uma com uma coxa, do joelho até o quadril, e a nádega, toda tinta daquela tintura preta; e o resto, tudo da sua própria cor. Outra trazia ambos os joelhos, com as curvas assim tintas, e também os colos dos pés; e **suas vergonhas tão nuas e com tanta inocência descobertas, que nisso não havia nenhuma vergonha.** Também andava aí outra mulher moça com um menino ou menina ao colo, atado com um pano (não sei de quê) aos peitos, **de modo que apenas as perninhas lhe apareciam. Mas as pernas da mãe e o resto não traziam pano algum**” (*A carta de Pero Vaz de Caminha*, 1500)
- “Entre todos estes que hoje vieram, não veio mais que uma mulher moça, a qual esteve sempre à missa e a quem **deram um pano com que se cobrisse.** Puseram-lho a redor de si. **Porém, ao assentar, não fazia grande memória de o estender bem, para se cobrir. Assim, Senhor, a inocência desta gente é tal, que a de Adão não seria maior, quanto a vergonha.**” (*A carta de Pero Vaz de Caminha*, 1500)

Com base nos trechos apresentados, é de notar que a inocência e a nudez do povo originário do Brasil não foram ao encontro dos costumes e valores cristãos dos colonizadores. De tal modo que, o autor da carta menciona inúmeras vezes o facto de “não haver nenhuma vergonha”, e mesmo quando lhe taparam com um pano, para estar presente na celebração da missa, a índia em questão “não fazia grande memória de o estender bem, para se cobrir”.

Outro ponto revelador e extremamente preocupante, que afeta as mulheres até ao dia de hoje, é a comparação que Pero Vaz de Caminha faz entre as mulheres brasileiras e portuguesas. Este afirma as suas diferenças físicas ao dizer que “era tão bem-feita e tão redonda, e sua vergonha (que ela não tinha) tão graciosa, que a muitas mulheres da nossa terra, vendo-lhe tais feições, fizera vergonha, por não terem a sua como ela.” (*A carta de Pero Vaz de Caminha*, 1500).

É interessante realçar que a falta de vestuário relatada na carta pode ter mais do que uma interpretação, causando efeitos diferentes no imaginário sobre o Brasil. Neste seguimento, Ruivo (2010) aborda duas interpretações diferentes. A primeira recai sobre a inocência inerente à população indígena, uma vez que não viam maldade na exposição física. Por outro lado, pode ser visto como um comportamento que torna os/as índios/as tão irracionais quanto os animais, em que usam o seu corpo como convite de práticas sexuais exageradas. Dito de outra forma, há uma possível erotização do corpo dos/as colonizados/as, como se a sua nudez fosse um convite sexual aos colonizadores.

Seguindo esta mesma linha de pensamento, Adelman (2004), ao focar-se nos estudos feministas pós-coloniais, elucidou-nos, também, sobre a forma como a mulher não-ocidental, no período colonial, era objetificada. Elas eram vistas como mais “livres” sexualmente, não só pela sua nudez, mas pelo seu comportamento, semelhante ao que vimos no testemunho de Caminha. Não obstante, a autora reforça a postura do homem colonialista face às mulheres, ao mencionar que:

(...) No imaginário do homem colonialista (que se manifesta tanto numa longa tradição ocidental literária e artística quanto nas representações midiáticas da atualidade), essa Mulher não ocidental frequentemente aparece como repositório de uma sexualidade livre, ainda não submetida aos controles civilizatórios que “domesticaram” as mulheres ocidentais e, nesse sentido, como fantasia/tentação do desejo masculino (Adelman, 2004, p. 33)

Desta maneira, pode realmente interpretar-se o cunho sexual em torno das mulheres colonizadas, sendo consideradas divergentes das mulheres ocidentais, tanto no seu físico como no seu valor como mulheres. Tal acontecia devido aos marcadores claros que eram colocados entre “esta” e a “outra” mulher, isto é, entre as não-ocidentais e as ocidentais (M. Albuquerque et al., 2019), ou neste caso em específico, entre as portuguesas e as brasileiras.

Destarte, pode-se concluir que o Brasil foi descrito como “(...) sendo um lugar de natureza esplêndida, habitado por um povo indolente, fisicamente atraente, porém sem organização social e sem religião” (Gabrielli, 2006, p. 43). Esse relato, entre outros documentos históricos, permitiram a elaboração de um imaginário sobre a cultura brasileira, um marco que cunhou para sempre o Brasil e os/as brasileiros/as (Gabrielli, 2006).

A construção do imaginário sexual brasileiro evoluiu muito desde a colonização. Com o passar dos anos, ocorreram outros acontecimentos marcantes na relação entre Portugal e Brasil, que permitiram o desenvolvimento e a reafirmação de alguns estereótipos da comunidade brasileira. Neste sentido, podemos avançar temporalmente para os anos 2000, para um episódio que ocorreu em solo português e que é muito destacado entre os/as estudiosos/as sobre o tema dos estereótipos das mulheres brasileiras em Portugal, conhecido por “Mães de Bragança”, que ocorreu em 2003. Nesta fase, a relação colonial entre as nações já havia sido, há muito tempo, finalizada e a migração de brasileiros/as para Portugal era comum devido à partilha da mesma língua, como foi explicado nos subcapítulos anteriores sobre as fases de migração.

Assim sendo, o episódio das “mães de Bragança” baseia-se na elaboração de um abaixo-assinado direcionado ao governador civil, às polícias e à Câmara de Bragança (Fidalgo, 2003), realizado por quatro mulheres, que mais tarde deram nome ao acontecimento. O documento tinha como objetivo elucidar publicamente as entidades e a população sobre a presença de prostitutas brasileiras na região e o impacto destas na vida dos/as cidadãos/ãs, especialmente dos homens casados da cidade. As autoras alegavam que os seus lares e maridos estavam a ser corrompidos devido à presença de mulheres prostitutas brasileiras na região. De acordo com Fidalgo (2003), a carta mencionava relatos como: “sabemos que desde o início dos tempos sempre houve prostituição, mas o que está a acontecer em Bragança é uma autêntica onda de loucura, que tem de ser combatida e travada” (Fidalgo, 2003). Concomitantemente, as autoras do abaixo-assinado mencionavam que esses acontecimentos levaram a que os seus cônjuges estivessem mais ausentes nas obrigações domiciliárias, contraíssem dívidas e abandonassem e negligenciassem a família.

Além disso, acusaram “as prostitutas brasileiras que nos últimos tempos invadiram a cidade” de terem dado a volta à cabeça dos maridos. (...) Garantem mesmo que aquelas mulheres estão por toda a cidade, em apartamentos, e que vários homens já deixaram as

famílias para se juntarem com elas” (Fidalgo, 2003). Complementarmente, mencionaram na carta a presença de casas de alterne ilegais e apelaram ao apoio de autoridades para trazer justiça e paz para o local. Contudo, a presença de alternes ilícitos e da ocorrência de prostituição já era de conhecimento geral. Para mais, a polícia recebia queixas de cidadãos/ãs portugueses/as contra a situação, mas também de imigrantes que, muitas vezes, sofriam violência física por parte dos/as moradores/as (Fidalgo, 2003).

O ponto de virada nesta situação foi a repercussão internacional que as “mães de Bragança” alcançaram, pois, o assunto recebeu destaque na revista *Time*<sup>5</sup>, com o artigo “*When the Meninas Came to Town*” (2003). O artigo contém cinco páginas e descreve minuciosamente a experiência de uma das “mães de Bragança” (designada por Paula), que partilha com o público internacional a sua visão sobre as mulheres brasileiras e os danos que causaram na cidade e nos seus maridos.

O artigo começa por contextualizar a região de Bragança geograficamente e por abordar o tráfico de mulheres brasileiras para fins sexuais, tanto de forma coerciva como pela sua própria vontade (Ripley, 2003). Em seguida, o artigo apresenta o testemunho de Paula que partilha a sua história e afirma que “Os homens são culpados, mas as meninas são as mais sujas” (Tradução livre da autora, Ripley, 2003), facilitando a criação de uma imagem clara de que a culpa é partilhada, mas que a mulher tem um peso maior e que são as consideradas mais “sujas” pelo seu comportamento.

Em seguida, o artigo consegue testemunhos de homens que frequentam os bares e locais de prostituição, que descrevem, sempre de maneira pejorativa e apelativa, as práticas das imigrantes no ambiente noturno.

They are watching eight pretty young Brazilian women take turns dancing with a pole on a makeshift stage, twirling and arching under the low colored lights. In between dances, the women talk to them; they tell jokes and giggle and don't mind if the men touch their hair. "We come to see friends, to drink and to watch the girls," says Georges, who, like his father, is a regular. And 90% of the younger men also come to choose a woman to have sex with after they leave, Georges says. "It is discreet, anonymous. It is one night. (Ripley, 2003).

---

<sup>5</sup> A Revista Time, publicada semanalmente nos Estados Unidos e, também, na Europa, é uma das revistas mais conhecidas do mundo, dedicada a assuntos da atualidade (Porto Editora, sem data) .

Para completar, o artigo apresenta o testemunho de prostitutas brasileiras, reafirmando ainda mais a realidade e a problemática em questão:

Anita, 25, is one of the veterans; she arrived a whole two months ago. In July, she tells me, she kissed her crying mother goodbye and boarded a plane out of Brazil to Paris (where there is said to be less scrutiny of Brazilian "tourists"). She knew full well she would be working as a prostitute. In Paris, she was met by her new boss, Top Model owner Manuel Podence, who had paid for her flight and would drive her to Bragança to work at his club. And to her great relief, she says, he was very kind (..) Anita has a sweet smile and brown doe eyes underlined with pencil. She is wearing a blue miniskirt and beige sandals with straps that crisscross up to her knees. Like many of the other Top Model girls, she is not glamorous, but she is pretty and approachable. She is warm and affectionate, touching your hand to make a point, eager to please. All the qualities of a successful prostitute. (Ripley, 2003).

No entanto, as páginas seguintes do artigo da revista *Time* continuam a relatar a vida e a rotina das prostitutas brasileiras. Ao mencionarem que vão ao salão de beleza juntas, o facto de serem consideradas mais vaidosas e sensuais em comparação com as mulheres portuguesas, mantendo até de certa forma uma postura colonial ao descrever as diferenças: “(...) As brasileiras – é verdade – são extremamente exóticas, muito sensuais. Ninguém tem culpa”, ela diz, é apenas a lógica resultante da cultura latina contra a cultura tradicional Europeia, as antigas colónias voltam a casa” (Tradução livre da autora, Ripley, 2003)<sup>6</sup>.

Pode-se concluir que tanto o abaixo-assinado como o artigo da revista, delineiam claramente uma imagem da mulher brasileira, caracterizadas por serem, maioritariamente, prostitutas, sem pudor, muito sensuais e que vieram para roubar os maridos das mulheres portuguesas. Nesta linha de pensamento, Gomes (2013) ressalva a discrepância do estereótipo das mulheres brasileiras em relação às portuguesas, onde ele afirma que “as mulheres brasileiras foram construídas como as pecadoras, destruidoras do lar; enquanto as portuguesas foram pensadas como mães e esposas exemplares” (M. S. Gomes, 2013, p. 873). Como consequência, gerou-se uma expectativa comportamental negativa em torno das mesmas. Apesar de já se passarem mais de 20 anos, essa imagem ainda é uma realidade que

---

<sup>6</sup> Texto original: “And Brazilians — it's true — are very exotic, very sensual. It's no one's fault," she says, just the logical result of a modern Latin culture bumping up against a traditional, European one, the old colony coming home” (Ripley, 2003).

assombra muitas imigrantes que buscam qualidade de vida e bem-estar no país e que estão distantes do mundo do trabalho sexual.

Em síntese, este subcapítulo permitiu ilustrar o funcionamento da construção dos estereótipos através da criação de imagens mentais, às quais recorreremos com frequência ao entrar em contacto com determinados sujeitos e objetos. Seguindo este raciocínio, buscamos, nesta etapa da dissertação, entender como as imagens a respeito das mulheres brasileiras podem ter surgido e destacamos dois grandes momentos abordados pela maioria dos/as investigadores/as: os detalhes da Carta de Pero Vaz de Caminha, no tempo da colonização do Brasil, e o abaixo-assinado das “mães de bragança”, em 2003.

Possivelmente ocorreram outros acontecimentos que perpetuaram o imaginário sexual das mulheres brasileiras. Todavia, no contexto português, estes destacaram-se pela sua importância, não só pela relação colonial, mas também pelo contexto e impacto regional e internacional de ambos os acontecimentos. Vale ressaltar que, em ambas as situações, a sexualidade, a falta de pudor e a erotização do corpo das mulheres estiveram sempre presentes, assim como um discurso demarcado pela diferença entre “nós” e “elas”, eficientes para fomentar a relação de desigualdade e a imagem distorcida sobre as mulheres brasileiras no geral. Além disso, em ambas as situações, as mulheres foram posicionadas como culpadas ou menos envergonhadas do que os homens ao apelar sempre para uma clara divergência de estereótipo de género, conceito evidenciado no início do subcapítulo.

### **3.3. Disseminação da imagem sexualizada da mulher brasileira: Brasil e Portugal**

Nesta etapa da dissertação, será investigada a maneira como o imaginário sobre a mulher brasileira é disseminado transnacionalmente entre Portugal e o Brasil. O objetivo principal deste subcapítulo é entender o impacto da comunicação mediática de ambos os países e a influência do turismo sexual brasileiro na fomentação e manutenção contínua do estereótipo existente em torno da mulher brasileira.

Antes de iniciar esta jornada do mundo da comunicação e do impacto da mesma na sociedade, iremo-nos basear numa metáfora bastante atual de Machado (2002) sobre as representações sociais. O autor compara as vivências dos/as brasileiros/as à sombra das

representações sociais com o roteiro de um filme, em que os/as imigrantes se veem obrigados/as a desenvolver a sua personagem à luz dos estereótipos criados. Para exemplificar esta metáfora, Machado (2002) afirma que os estereótipos funcionam como “(...) roteiros-prisão imaginários, aos quais os brasileiros, às vezes rendem-se, outras estimulam, e outras, ainda recusam (...) e suas atuações dialogam com tais pressupostos, em geral, tão fantasiosos quanto os roteiros involuntários a que estão sujeitos” (Machado, 2002, p. 100). Ainda, o autor ressalva que o público, isto é, os/as portugueses/as, não se comportam meramente como espetadores/as, pois são bastante críticos (negativamente) face aos “papéis” desempenhados pelos/as imigrantes, tornando o fardo do estereótipo ainda mais árduo.

Face ao exposto, parece-nos importante refletir sobre o papel dos media na disseminação das RS, que permitem a construção desse “roteiro” aludido por Machado. De facto, sabemos que a comunicação social desempenha um papel fulcral na construção, organização e posicionamento da sociedade em geral, quase com uma função educativa e informativa para toda a população. Inclusive, Arruda (2002, p. 134) afirma que “a comunicação é berço e desaguadouro das representações”.

Assim sendo, convém pontuar a forma como a comunicação representa as mulheres nas sociedades, em especial nas sociedades portuguesa e brasileira. Neste âmbito, Meyer (2004) afirma que existe uma articulação intrínseca entre o género e a educação, que é, também, abrangida pelos meios de comunicação em massa, incluindo cinema, música, literatura, novelas, etc. Seguindo esta ordem de pensamento, o autor afirma que a cultura é eficiente na transformação dos indivíduos/as, onde “aprendem a se reconhecer como - homens e mulheres, no âmbito das sociedades e grupos a que pertencem.” (Meyer, 2004, p. 15).

No entanto, esta transformação pode ser a favor ou contra a igualdade de género na sociedade e pode, claramente, afetar a perceção da sociedade face ao papel e comportamento dos homens e das mulheres. No caso da disseminação dos estereótipos das mulheres brasileiras nos media, a informação é apresentada de forma sexista e visa a promoção de representações refratárias sobre as mulheres, especialmente nos media brasileiros.

Muitos/as autores/as argumentam que o próprio Estado brasileiro fomenta a imagem de prostituição e a “brasilidade” das mulheres nacionais, o que pode, de facto, ser algo que põe em causa a dignidade de muitas imigrantes brasileiras pelo mundo. Um dos primeiros fatores

que comprova a venda do “imaginário” da mulher brasileira pelo próprio país recai sobre um conjunto de propagandas promovidas pela Embratur<sup>7</sup> (Agência Brasileira de Promoção Internacional do Turismo), que fomentava o turismo sexual no país, especialmente entre a década de 1970 e até meados dos anos 1990.

Nas propagandas promovidas pela Embratur, havia fotos de mulheres de biquíni, extremamente sensuais, divulgadas quase “ (...) como um “ponto turístico”, a ser conhecido, explorado, desbravado” (M. Albuquerque et al., 2019, p. 439), como é possível verificar na Figura 3.1. Além disso, a instituição acabou por criar uma imagem do país com base na ideia de que o Brasil se resume ao futebol, Carnaval, calor, praias paradisíacas, mulheres sensuais e alegria (F. Oliveira et al., 2011).

**Figura 3.1 - Capa da Embratur em 1983**



Fonte: [Mantovani & Paulo, 2014](#)

Apesar das propagandas mencionadas não serem atuais, ainda hoje existem vestígios da promoção do turismo sexual através da promoção da colonização dos corpos e da liberdade

---

<sup>7</sup> A [Embratur](#), antigo Instituto Brasileiro de Turismo, é atualmente conhecida como Agência Brasileira de Promoção Internacional do Turismo. No presente, a Embratur é o órgão responsável pela formulação de ações promocionais de comércio, produtos, serviços e destinos brasileiros no contexto internacional.

sexual no país. Um exemplo disso foi trazido pelas autoras Albuquerque, Bragança e Lima (2019), num estudo sobre o “Os padrões de identificação da mulher brasileira no exterior: o caso das intercambistas da universidade federal fluminense”. As autoras destacaram um trecho de um discurso do presidente Jair Bolsonaro sobre as mulheres no país, realizado em 2019. O líder político afirmou publicamente no Palácio do Planalto “que o Brasil “não pode ser o país do turismo gay”. Segundo relato da revista digital *Crusoé*, que participou no encontro, o mandatário disse que, se alguém “quiser vir aqui fazer sexo com uma mulher, fique à vontade” (ANSA, 2019)

É de notar que este tipo de depoimento, não só “vende” a imagem do turismo sexual brasileiro, como assegura a ideia de liberdade sexual, prostituição e, de certa forma, a objetificação de todas as mulheres brasileiras a nível internacional, tornando-as, efetivamente, um ponto turístico. Por conseguinte, Albuquerque et al. (2019) refletem sobre a maneira como tais comentários acabam, igualmente, por expor as mulheres nacionais a uma observação e a uma permissão de acesso não consensual dos seus corpos, expondo-as ao preconceito e à violência, tanto física quanto psicológica, levando indiretamente à sua exclusão social.

Outro aspeto a ser pontuado ainda dentro dos média brasileiros são as telenovelas brasileiras, especialmente as que também são transmitidas em Portugal. Inúmeros autores/as como Ferin-Cunha e Silva (2014), Correia e Neves (2011), Machado (2002), França e Padilla (2018), entre muitos/as outros/as, realçam a relevância e impacto das telenovelas brasileiras na imagem do Brasil e especialmente da sexualidade brasileira ao ajudar na criação e manutenção dos estereótipos existentes (Correia & Neves, 2011).

É importante pontuar que as telenovelas brasileiras são um produto cultural extremamente importante para o Brasil. De facto, as telenovelas envolvem o trabalho de um elevado contingente artístico, promovem empregabilidade e conhecimento ao serem produzidas e transmitidas em diversos canais televisivos que, normalmente, contam com um elevado número de espetadores/as pelo país e, também, pelo mundo. Ademais, as telenovelas brasileiras sempre desempenharam um papel de extrema importância na educação e lazer dos cidadãos/ãs brasileiros/as. No entanto, estes recursos culturais podem ter alguma percentagem de responsabilidade na construção da imagem internacional do país, nomeadamente em Portugal.

Devido à facilidade linguística e à proximidade cultural, Portugal promove inúmeras novelas brasileiras que acabam por reforçar a identidade brasileira em relação à Portugal (França & Padilla, 2018). Além disso, as telenovelas assistidas em Portugal acabaram por aproximar a população portuguesa da brasileira, criando uma familiarização com o vocabulário, com a comida, com os Estados brasileiros e até com o quotidiano apresentado nas novelas (Ferin Cunha, 2005).

De entre os inúmeros estudos existentes sobre os estereótipos das mulheres brasileiras, uma grande parte das investigações chamaram a atenção para a telenovela “Gabriela, Cravo e Canela” baseada no romance de Jorge Amado. Esta obra marcou tanto a história cultural do Brasil como o imaginário português sobre o mesmo. A telenovela em questão foi um marco na história brasileira, pois foi desenvolvida no final da ditadura, numa fase de redemocratização e liberdade artística, inserida num contexto político e social experienciado única e exclusivamente pelo Brasil, o que pode levar à falta de compreensão da população portuguesa em inúmeros aspetos da obra (Ferin Cunha & Silva, 2014).

Por conseguinte, esta foi a primeira telenovela brasileira exibida em Portugal. Contudo, é importante explicar que a novela foi transmitida em Portugal no ano de 1977, dois anos após o 25 de abril, numa fase também de muitas mudanças no país. A obra foi líder de audiência durante 16 anos na Rádio Televisão Portuguesa (RTP), o que levou a que, mais tarde, o canal privado Sociedade Independente da Comunicação (SIC) estabelecesse um monopólio de transmissão das novelas brasileiras da Globo em Portugal (Ferin Cunha, 2005).

No que concerne ao conteúdo da novela, Ferin-Cunha & Silva (2005) realçam que a sensualidade e as cenas de intimidades sexuais transmitidas na televisão causaram certa estranheza na população portuguesa por serem considerados/as mais conservadores/as. No entanto, as temáticas e cenas consideradas mais sensuais da novela levaram a uma rutura comportamental das práticas sexuais em Portugal, desenvolvendo “(...) novos modelos, mais prazerosos e descompromissados socialmente, para a sexualidade.” (Ferin Cunha & Silva, 2014, p. 27). Em contrapartida, Ferin Cunha e Silva (2014) ressaltam que a novela impulsionou os estereótipos sexuais sobre as mulheres brasileiras vinculados à imagem de mulatas e exóticas (Figura 3.2), assim como mercado do sexo e do casamento.

Numa visão geral, a telenovela trouxe de volta tudo o que foi aludido anteriormente sobre o corpo colonial, sobre a nudez e libertinagem sexual do país. De forma semelhante, muitas outras telenovelas brasileiras acabam por favorecer a imagem sensual sobre as mulheres brasileiras, tanto dentro como fora do país (Correia & Neves, 2011). Essas representações são consideradas prejudiciais e criam expectativas erradas face às imigrantes

**Figura 3.2 - Personagem Gabriela na primeira e na segunda versão da telenovela “Gabriela, Cravo e Canela”, baseada no romance de**



Fonte: [SAPO, 2017](#) (imagem da esquerda) e [Moretti, 2012](#) (imagem da direita).

brasileiras em Portugal, onde se torna expetável que estas sejam sensuais, sem pudor e que estejam “disponíveis” e interessadas em relações sexuais com qualquer pessoa.

Para além do turismo sexual mencionado e dos enredos e personagens das telenovelas brasileiras, é, também, significativo observar o outro lado da moeda, isto é, como os media portugueses promovem a imagem da mulher brasileira e de que forma isso afeta a vida das imigrantes num todo. Na visão de Pontes (2004), há uma relação evidente entre o género e a nacionalidade na representação da mulher brasileira nos media portugueses. A autora alude que esse processo tem como pano de fundo uma relação clara entre centro e periferia através dos simbolismos da mulher exótica e da sensualidade feminina, inseridos nas características mais vinculadas ao Brasil, que são a alegria, a sensualidade e a simpatia (Pontes, 2004).

Ao longo dos anos, podemos ver vários exemplos de revistas, programas de televisão com personagens brasileiros e até reportagens nos jornais que perpetuam posturas xenófobas, disfarçadas por piadas, inclusive, já foram realizadas várias investigações sobre o tema (Oliveira et al., 2011; Correia & Neves, 2011; Castro, 2021; Branco, 2021; França & Padilla, 2018) e algumas notícias foram destacadas como principais responsáveis dessa disseminação dos estereótipos das mulheres brasileiras. Neste sentido, apresentaremos alguns casos que consideramos ser preponderantes na construção do imaginário existente.

O primeiro exemplo que a ser apresentado causou alguma controvérsia na população portuguesa e baseia-se no lançamento do livro “Os segredos das Mulheres Brasileiras para manter homens loucamente apaixonados”, escrito pela autora brasileira Nelma Penteadó. O livro foi promovido por revistas femininas, acompanhadas por manchetes e títulos bastante apelativos à sexualidade, erotização do corpo colonial e, de certa forma, até à competitividade e distinção entre as mulheres brasileiras e portuguesas. Todas as capas e entrevistas abordam sempre a perspectiva de que as mulheres brasileiras conseguem, facilmente, conquistar qualquer homem, de forma quase que natural, ideia perpetuada e evidente desde o colonialismo.

Podemos ter como base o exemplo da revista *Focus*, lançada em 2010, com o título de "Eles adoram-na, elas odeiam-na: Os segredos da mulher brasileira", seguido da frase "Os dez mandamentos que usam para seduzir os homens" (F. Oliveira et al., 2011). Em termos visuais, a revista apresentou a imagem de uma mulher de biquíni com as cores da bandeira do Brasil (Figura 3.3).

Figura 3.3 - Capa da Revista Focus, lançada em 2010



Fonte: [Mourão, 2010](#)

Não é de surpreender que o resto da reportagem fomente ainda mais a sensualidade e os “poderes de sedução” das mulheres brasileiras. Oliveira et al., (2011) ressaltam alguns pontos da reportagem que se destacam, pois mencionam a sexualização proveniente do colonialismo através de trechos como “Será este sucesso apenas um reflexo da migração em massa que se tem verificado de Terras de Vera Cruz para o chamado país irmão, (...)” (F. Oliveira et al., 2011, p. 7). Similarmente, remetem, novamente, às diferenças marcantes entre “nós” e os “outros/as” ao compararem mulheres de duas nacionalidades distintas, ao questionar: “(...) será que elas têm alguma coisa, um toque especial que as portuguesas não têm?” (F. Oliveira et al., 2011, p. 7).

É evidente que esse tipo de artigos em revistas de largo alcance populacional, especialmente em 2010, com imagens e textos tão explícitos marcam e ajudam a criar, ainda

mais, uma imagem generalizada da mulher brasileira, especialmente entre o público feminino. O que é surpreendente pela negativa é que podemos saltar onze anos para frente e ver que os resquícios de notícias como essa ainda estão presentes nos media portugueses.

Um exemplo claro dessa realidade ocorreu no início de 2021, num programa de televisão de comédia chamado “Patrões Fora”, da SIC, que contou com a participação da atriz brasileira Luana Piovani. A atriz interpretou o papel de uma “brasileira destruidora de lares (...) Com uma roupa bem provocativa, a amante (papel de Luana) troca ofensas com Benvinda (Noémia Costa), enquanto disfarça que está com Ernesto apenas por dinheiro.” (Castro, 2021). Para perpetuar ainda mais o discurso de ódio, frases como “Deixa a Benvinda arriar na brasileira que ela merece” foram proferidas durante o episódio (Branco, 2021).

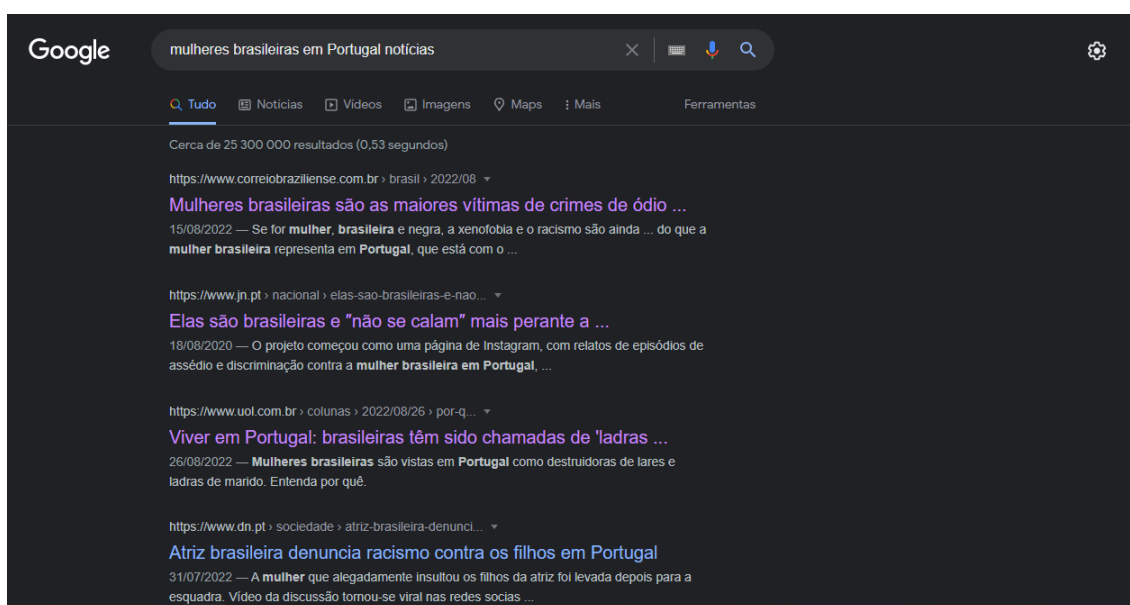
Esses tipos de programas fazem-nos pensar novamente na ideia de roteiro estabelecido para os imigrantes, aludido por Machado. O apelo ao estereótipo é visível através dos diálogos e do comportamento da personagem do programa. Programas televisivos semelhantes dificultam muito a integração e tratamento igualitário das imigrantes brasileiras no país em todos os âmbitos. A promoção deste tipo de conteúdo é inadmissível e antiquada. Por outro lado, no contexto atual, com a internet e as redes sociais, a comunidade imigrante tem tido mais espaço para demonstrar insatisfação e de partilhar as suas histórias. Por isso, muitas pessoas demonstraram repúdio nas redes sociais face ao programa em questão, que foi acusado de xenofobia por muitas pessoas nas redes sociais.

Neste sentido, acreditamos que seja importante chamar a atenção de que a internet e os movimentos dos/as imigrantes têm dado espaço para que as notícias estejam mais direcionadas para os problemas de discriminação em si do que para a disseminação do estereótipo. Para compreender isso, na figura 3.4, partilhamos uma pesquisa no *Google* sobre “Mulheres brasileiras em Portugal – notícias” e a pesquisa demonstrou um conjunto de artigos e sites que falam sobre discriminação, preconceito e sobre a problemática em si em torno da exclusão e da xenofobia em termos nacionais. Por um lado, é negativo, pois demonstra que, com o crescimento do contingente imigrante, a discriminação acaba por

aumentar. Por outro lado, demonstra que a internet e os media proporcionam espaço e visibilidade para as problemáticas atuais inseridas na realidade migratória.

Outra questão reveladora, que não pode ser deixada de lado neste subcapítulo, é que a comunicação mediática desempenha um papel fundamental na construção e organização da sociedade. Assim sendo, Portugal, como grande recetor da comunidade imigrante brasileira,

**Figura 3.4 - Pesquisa no google com a frase: “Mulheres brasileiras em Portugal – notícias”, realizada no dia 29/09/2022**



Fonte: [Link da pesquisa realizada](#)

tem a importante responsabilidade de integrar os imigrantes e de não gerar conteúdos que levem à sua discriminação e exclusão social. É importante mencionar que, ao longo dos anos, o país mudou muitas vezes o discurso sobre os/as imigrantes, de acordo com as fases e com os tipos de imigrantes que estavam no país.

França & Padilla (2018) apresentam a perspetiva de que os media portugueses se adaptam e mudam a exposição da comunidade brasileira de acordo com o seu interesse.

Argumentam que, na segunda fase migratória de brasileiros para Portugal, as notícias eram sempre em torno da violência no Brasil, sexualização das mulheres, e até da “vigarice” e falta de compromisso dos brasileiros no geral. Contudo, com a nova vaga de imigrantes a partir de 2016, com estudantes, investidores e com o surgimento dos Visto Gold, a postura dos media mudou profundamente. As autoras aludiram que:

Há, portanto, uma intenção clara de demarcar a diferença entre a atual imigração brasileira e a anterior. A representação do brasileiro como ignorante, vigarista, malandro e criminoso tem sido substituída por uma imagem que ressalta principalmente uma classe social economicamente afluente, com elevadas habilitações profissionais e com projeto migratório familiar (2018, p. 17).

Igualmente, as autoras destacam que, durante essa fase, os media faziam questão de reforçar que muitos/as brasileiros/as buscaram a sua regularização através de laços familiares, de modo a demonstrar a relação destes/as imigrantes com a população europeia direta ou indiretamente, a fim de minimizar a diferença entre o “eu” e os “outros/as” (França & Padilla, 2018). Até as mulheres brasileiras, nas reportagens, eram descritas de forma diferente, sendo sempre mencionadas pelas suas formações, profissões e razões que as faziam migrar, sem quaisquer ilações vinculadas à prostituição ou à sexualidade (França & Padilla, 2018).

De modo geral, as mudanças apresentadas por França & Padilla (2018) no conteúdo promovido pelos media portugueses sobre migração nacional têm um sabor agridoce, pois, demonstra que os media promoviam uma imagem positiva dos/as imigrantes apenas quando era benéfico que o país os/as recebesse, e quando vinham de uma classe privilegiada de imigrantes. Tal realidade demonstra que a integração destes/as não é igualitária e que varia de acordo com as suas origens e profissões.

Em suma, este subcapítulo abordou alguns fatores impulsionadores da disseminação da imagem sexualizada da mulher brasileira. Foram destacadas as propagandas promovidas pela Embratur, a postura do líder político brasileiro, Jair Bolsonaro, as telenovelas brasileiras e os media portugueses, incluindo artigos em revistas, programas televisivos, etc. Numa perspectiva geral, foi possível compreender que o Estado brasileiro teve, e ainda tem, alguma margem de responsabilidade na promoção da sexualização da mulher brasileira internacionalmente e na ideia de que o Brasil é um mercado da alegria, da simpatia e das festas. Porém, os media portugueses não seguem um caminho muito distinto, apesar de mudarem de linguagem nas diferentes fases migratórias, perpetuam, muitas vezes, a ideia de

que as mulheres brasileiras visam realmente roubar os maridos das portuguesas por serem mais sedutoras e mais “acessíveis” para o sexo. Tais representações afetam claramente a integração, o bem-estar e a segurança das mulheres brasileiras em Portugal.

Por fim, este subcapítulo também realçou que a globalização e a rapidez da partilha de informação permitem que a comunidade brasileira tenha mais visibilidade. Atualmente, os/as imigrantes conseguem utilizar as redes sociais para demonstrar insatisfação, expor situações de desconforto e lutar pelos seus direitos como mulheres e imigrantes, independentemente do papel que desempenhem na sociedade portuguesa.

## **Capítulo 4: Estudantes Brasileiras no Ensino Superior, no Distrito do Porto.**

### **4.1. Estudantes internacionais em Portugal: dados estatísticos e relevância**

Neste subcapítulo iremos apresentar e analisar os dados estatísticos atualizados com base em relatórios oficiais da Direção-Geral do Ensino Superior (DGES) entre os anos de 2019 e 2021. O objetivo é expor o número de estudantes internacionais no país, com especial destaque nas universidades do Porto. Adicionalmente, pretende-se, também, chamar a atenção para o número de estudantes brasileiros/as inscritos no Ensino Superior português e realizar uma categorização por género desses estudantes, de modo a afunilar o tema da tese e nos aprofundarmos sobre as estudantes brasileiras no distrito do Porto antes do início do estudo empírico que será realizado.

Inicialmente, é importante explicar que a migração movida pelos estudos e por novas competências linguísticas é uma das principais motivações migratórias da atualidade (Altbach & Knight, 2007; King, Findaly, & Ahrens, 2010; Staniscia, 2012; Videira, 2013 cit. Iorio & Fonseca, 2019). Neste sentido, o ensino superior português tem sido porta de entrada para estudantes internacionais de todo o mundo, inclusive da comunidade brasileira.

Importa, também, clarificar a existência do estatuto de “Estudante Internacional”, aprovado no Decreto-Lei n.º 36/2014, no dia 10 de março<sup>8</sup>, voltado para a captação de estudantes provenientes de outros países que não pertencentes à Europa (Guerreiro et al., 2019), através do estabelecimento de meios legais organizados para recebê-los/as. A criação deste estatuto promove a presença de estudantes internacionais em Portugal, incentiva a internacionalização das instituições do ensino superior e é benéfico em termos económicos para o país de chegada (Guerreiro et al., 2019). Para mais, a mobilidade de estudantes reforça as relações com os sistemas educativos estrangeiros de investigação, incentiva a migração e dá espaço para o surgimento de novos talentos, assim como aproxima comunidades de diferentes culturas (Guerreiro et al., 2019). Concomitantemente, a mobilidade de alunos/as acaba por promover a evolução do conhecimento científico através do aumento do “(...) número de publicações em artigos internacionais, formação de redes transnacionais de pesquisa, aprendizado de novas técnicas inexistentes (...)” (França, 2016, p. 205).

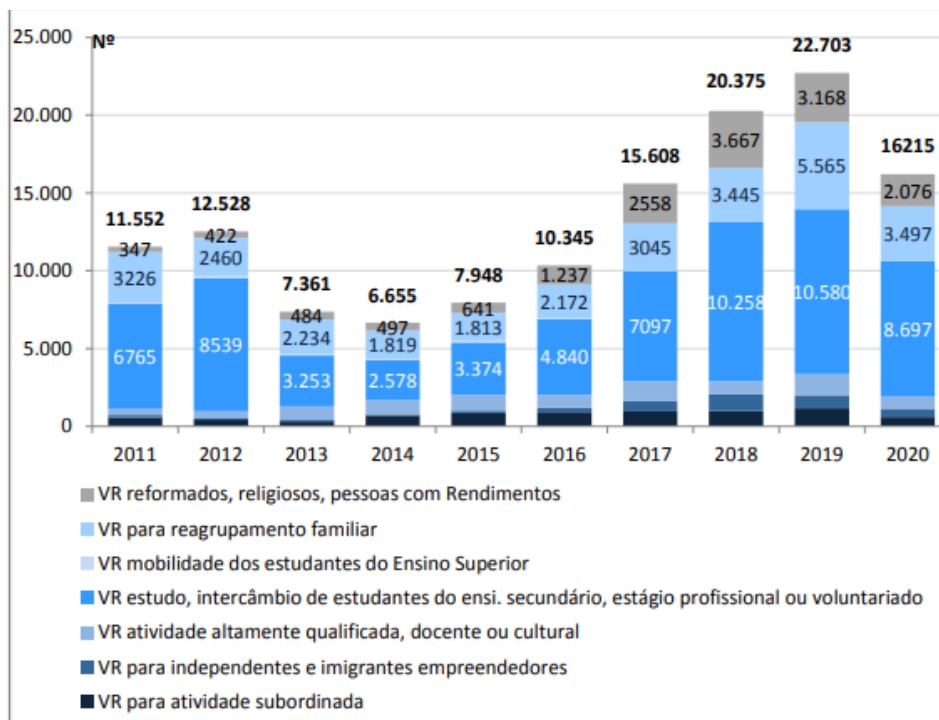
Um fator importante e eficiente na atração de alunos/as internacionais para o país baseia-se no prestígio das universidades nacionais. Neste sentido, no âmbito das instituições académicas portuguesas, a Universidade do Porto (UP) foi considerada a melhor instituição nacional no ranking Quacquarelli Symonds (QS) ao estar posicionada no 274.<sup>a</sup> lugar a nível mundial. Atualmente, a UP é a única instituição nacional no “top 300” (T. Reis, 2022), tornando-se, assim, num polo atrativo para alunos/as de todo o mundo. Paralelamente, antes de analisarmos os dados dos/as alunos/as inseridos no estatuto de estudantes internacionais, devemos verificar o fluxo migratório atual no país. Com base nos dados fornecidos pelo Relatório de Imigração Fronteira e Asilo, referente ao ano de 2021 promovido pelo SEF, Portugal apresenta, pelo sexto ano consecutivo, o crescimento da população estrangeira. Assim, comparativamente ao ano de 2020, verificou-se uma evolução positiva de cerca de 5,6%, “totalizando 698.887 cidadãos estrangeiros titulares de autorização de residência” em Portugal (Estrela et al., 2022). No que concerne às nacionalidades presentes no país, a comunidade brasileira mantém-se como sendo a principal ao representar 29,3% do total de estrangeiros no país (Estrela et al., 2022).

---

<sup>8</sup> Ministério da Educação e Ciência — Decreto-Lei n.º 36/2014 de 10 de março, no.40, Diário da República (2014). <https://files.dre.pt/1s/2014/03/04800/0181801821.pdf>.

Nesta sequência, também devemos avaliar o tipo de vistos fornecidos para os/as imigrantes, e focar-nos, especialmente, nos pedidos dos estudantes internacionais. Para tal, no gráfico 4.1 podemos verificar a quantidade crescente de vistos requeridos no âmbito dos “VR mobilidade dos Estudantes do Ensino Superior” e “VR estudo, intercâmbio de estudantes do Ensino secundário, estágio profissional ou voluntariado” nos últimos anos. Adicionalmente, o Relatório de Indicadores de Integração de Imigrantes, promovido pelo Observatório das Migrações (2021), apresenta a quantidade de requerimentos de vistos por nacionalidade. No caso dos/as imigrantes oriundos/as do Brasil, os vistos mais pedidos recaem sobre “VR estudo, intercâmbio de estudantes do ensi. secundário, estágio profissional ou voluntariado”, tanto em 2019 como em 2020 (53,8% em 2018, 54,1% em 2019 e 64,5% em 2020) (C. Oliveira, 2021), como é possível verificar no gráfico 4.1.

**Gráfico 4.1 - Vistos de residência atribuídos em Portugal entre 2011 e 2020**



Fonte: [Oliveira, 2021](#)

Seguindo a mesma tendência, os/as alunos/as brasileiros/as têm-se destacado numericamente nas instituições de ensino superior português (IES) como sendo o maior contingente de estudantes nas universidades desde 2017/2018. A comunidade brasileira já ultrapassou os/as alunos/as de origem africana (DGES, 2020b) (Tabela 4.1), que costumavam ser a maior comunidade de estudantes estrangeiros/as do país (DGES, 2020b). Todavia, é importante reter que a maioria /as estudantes internacionais provêm das CPLP (DGES, 2020b), como é possível verificar no quadro da Tabela 4.2.

**Tabela 4.1 - Principais nacionalidades dos novos estudantes matriculados ao abrigo do Estatuto de Estudante Internacional em**

	2019/20
Brasil	2 838
Cabo Verde	926
Guiné-Bissau	708
Angola	521
São Tomé e Príncipe	111
Outras	373
<b>TOTAL</b>	<b>5 477</b>

Fonte: [DGES, 2020](#)

**Tabela 4.2 - Percentagem de estudantes internacionais procedentes das várias áreas geográficas entre 2014 e 2020**

ÁREAS GEOGRÁFICAS	ANOS LETIVOS						Todos os anos
	2014/15	2015/16	2016/17	2017/18	2018/19	2019/2020	
Ásia	0,96	2,65	4,34	2,69	1,34	1,13	1,96
África, sem PALOPs	6,69	0,43	2,82	1,40	1,44	1,44	1,69
Europa, sem UE	0,96	2,30	0,65	0,42	0,33	0,40	0,57
CPLP	88,15	90,44	87,35	88,12	92,31	94,18	91,30
Médio Oriente	1,72	0,94	0,11	0,26	0,68	0,22	0,43
Magrebe	0,00	0,51	0,16	0,32	0,20	0,31	0,27
América Central e do Sul, sem Brasil	1,53	1,28	4,07	4,74	3,25	2,28	3,10
União Europeia	0,00	1,19	0,05	0,32	0,00	0,00	0,16
América do Norte	0,00	0,26	0,43	0,19	0,18	0,04	0,16
Oceania	0,00	0,00	0,00	0,00	0,03	0,00	0,01
NS / NR	0,00	0,00	0,00	1,52	0,25	0,00	0,35
Total (%)	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
TOTAL (nº)	523	1 172	1 842	3 082	3 964	5 477	16 060

Fonte: [DGES \(2020\)](#)

No que concerne às vagas para alunos/as internacionais nas universidades portuguesas, de acordo com uma nota de comunicação social realizada pela DGES, no dia 10 de março de 2020, o número de alunos/as internacionais inscritos no IES foi de 5477, com um aumento de 38% face ao ano letivo de 2018/2019. Convém ressaltar que a universidade do Porto foi a instituição com o maior número de matrículas de estudantes internacionais (595 estudantes, que representam 7% do total dos seus novos estudantes e 11% do total de estudantes internacionais no país) (DGES, 2020a).

No que diz respeito ao género dos/as estudantes matriculados/as no ensino superior em Portugal, de acordo com o PORDATA (2021), em 2021, o número de mulheres inscritas no ensino superior foi 220.851, representando cerca de 53,6% do total de estudantes, ou seja, um número ligeiramente acima dos universitários do género masculino. Assim, destacamos que, perante estes dados, essa é a realidade já comum nos últimos anos, como é possível verificar na tabela 4.3.

**Tabela 4.3 - Alunos/as matriculados/as no ensino superior: total e por sexo**

Anos	Sexo		
	Total	Masculino	Feminino
2017	361.943	167.919	194.024
2018	372.753	172.235	200.518
2019	385.247	176.660	208.587
2020	396.909	182.178	214.731
2021	411.995	191.144	220.851

Fonte: [PORDATA. \(2021\)](#)

Além do mais, de acordo com o Relatório Estatístico Anual 2020, realizado pelo observatório para as Migrações (OM) no ano de 2019, verificou-se “um incremento significativo nas mulheres estrangeiras residentes titulares de AR para atividade profissional

subordinada (+74,1%), para estudo no ensino superior e investigação (+67,3%), e ainda, para estudo no ensino secundário e estágios (+87,3%)” (C. Oliveira, 2021, p. 68). Tal permite interpretar que, não só o número de mulheres imigrantes se tem tornado cada vez mais significativo, como muitas delas são estudantes numa IES em Portugal. Essa é uma das principais razões de mobilidade, o que torna o estudo em questão ainda mais relevante.

Para finalizar, com base nos dados e tabelas apresentadas, foi possível entender que os movimentos migratórios permanecem em crescente evolução em Portugal e que a comunidade brasileira, como já mencionado em capítulos anteriores, continua a ser a nacionalidade estrangeira de maior peso numérico no país. Essa realidade também se reflete na presença de alunos/as internacionais nas universidades portuguesas, lideradas novamente pelo Brasil e por outros/as estudantes das CPLP. Adicionalmente, é possível verificar que a presença de alunos/as internacionais no país é uma mais-valia para Portugal, pois incentiva a interculturalidade, o crescimento financeiro e intelectual do país, sendo, inclusive, uma das principais razões por detrás do movimento migratório de muitas pessoas atualmente.

## **4.2. Motivações da presença dos/as alunos/as brasileiros/as em instituições portuguesas e a importância da mobilidade dos/as estudantes**

No último capítulo do enquadramento teórico, apresentaremos as principais razões que motivam a transição e a presença de alunos/as brasileiros/as nas IES portuguesas, representando o maior grupo de estudantes estrangeiros/as no país. O principal propósito desta etapa é enumerar e explicar algumas iniciativas e acordos políticos existentes que facilitam a mobilidade dos/as alunos/as e algumas razões também sociais que motivam a comunidade brasileira de estudantes a escolher Portugal e as suas universidades como suas instituições de ensino. Todavia, convém mencionar que, durante a fase de pesquisa empírica, ao contactar alunas brasileiras, um dos objetivos também recai sobre entender a razão que levou à escolha de Portugal como país de migração, de modo a confirmar ou refutar o que será apresentado em termos teóricos neste subcapítulo.

Primeiramente, é importante recordar que no subcapítulo 1.3 abordámos profundamente a evolução da presença e do perfil da comunidade brasileira imigrante em Portugal, sendo

apresentada também a presença de estudantes brasileiros/as, especialmente a partir da quarta vaga migratória, ou seja, a partir de 2016. No entanto, Iorio (2018) destacou que a mobilidade de estudantes brasileiros/as para a Europa, nomeadamente para Portugal, foi iniciada bem mais cedo, especificamente no período colonial, através da “mobilidade das chamadas “elites” brasileiras para Portugal”(Iorio, 2018a, p. 167). Deste modo, a autora realça que até o Brasil constituir instituições de ensino nacionais, os/as alunos/as viam-se obrigados a migrar para estudar. Por isso, a relação em termos universitários entre Portugal e o Brasil já tem um longo histórico, inclusivamente, entre 1577 e 1822, a Universidade de Coimbra formou cerca de 2.464 estudantes brasileiros (em Direito) (Enciclopédia Barsa, 1989, p. 391 cit. Iorio, 2018a).

Noutra perspetiva mais atual, Fernandes et al., (2021) afirma que a crescente presença de estudantes brasileiros/as em Portugal correspondeu com o início da aplicação do Programa Ciência sem Fronteiras (CsF), lançado em 2012, durante a presidência de Dilma Rousseff, através do Decreto N.º 7.642, de 13 de dezembro de 2011. O programa ambicionava incentivar o intercâmbio científico entre o Brasil e outros países (Lusa, 2012), de modo a impulsionar a expansão e a internacionalização da ciência, tecnologia, inovação e a competitividade profissional e social da população brasileira (Governo Federal Brasileiro, 2022).

De acordo com o Governo Federal Brasileiro (2022), o Programa CsF é resultado do esforço conjunto dos Ministérios da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), da Educação (MEC) e das Secretarias de Ensino Superior e de Ensino Tecnológico do MEC (Governo Federal Brasileiro, 2022). O programa pretendia proporcionar “(...) 101 mil bolsas em quatro anos para promover intercâmbio, de forma que alunos de graduação e pós-graduação façam estágio no exterior com a finalidade de manter contato com sistemas educacionais competitivos em relação à tecnologia e inovação.” (Governo Federal Brasileiro, 2022). No entanto, os resultados superaram as expectativas, pois em julho de 2016 o mesmo

já havia concedido 101.446, sendo que 92.862 tinham sido implementadas nas modalidades graduação-sanduíche<sup>9</sup>, mestrado, doutorado-sanduíche, doutorado-pleno, pós-doutorado e apoio a pesquisadores estrangeiros visitantes. Os principais

---

<sup>9</sup> O conceito de Modalidade Sanduíche no Brasil é semelhante ao programa Erasmus na Europa, em que o/a estudante realiza somente parte do curso no país de destino (que normalmente varia entre 6 meses a 1 ano) (Iorio, 2018b, p. 135)

destinos desses estudantes foram os EUA e o Reino Unido, e em Dezembro de 2015 os dados do site deste programa colocavam Portugal na nona posição (com 3.843 bolsistas) (Iorio, 2018, p. 135).

Nesse sentido, realçamos outras iniciativas semelhantes às CsF que providenciaram bolsas de estudo para alunos/as realizarem o ensino superior em Portugal. Iorio (2018) destaca alguns programas promovidos pela CAPEs (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e pelo CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) (instituições de fomento da MEC e da MCTI), que já existem no Brasil desde 1950. No caso do CNPq, o principal objetivo era a pesquisa científica e tecnológica e, gradualmente, ofereceram inúmeras bolsas para a mobilidade entre vários países, atingindo em 2013 cerca de 1.596 bolsas vigentes em Portugal (Iorio, 2018).

Similarmente, Iorio (2018) também chamou a atenção para a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) por ser umas das principais agências brasileiras no fomento à pesquisa científica e tecnológica no país (*A instituição: A FAPESP*, sem data). De acordo com a autora, entre os anos de 2000 e 2014:

A FAPESP enviou 247 estudantes brasileiros do ensino superior para Portugal, distribuídos pelos graus de Doutorado, Mestrado, Pós-Doutorado, Iniciação Científica e Pesquisa. Destes, a maioria foi para a área das Ciências Humanas, seguida pelas áreas da Linguística, Letras e Artes e Ciências Exatas e da Terra. Aqui também as principais instituições de acolhimento foram: A Universidade de Lisboa, a Universidade de Coimbra e a Universidade do Porto (Iorio, 2018, p. 174).

Este tipo de programas, bolsas e medidas são extremamente importantes para incentivar os/as estudantes a terem acesso a um ensino superior internacional de qualidade e para se sentirem apoiados pelo governo brasileiro e português para alcançarem os seus sonhos. Por conseguinte, é com base nessas boas práticas educacionais que há crescimento social, económico e científico entre os diferentes países, através da troca de conhecimentos, experiências e perspectivas.

Para além das bolsas e das iniciativas brevemente mencionadas, a criação do Estatuto de “Estudante Internacional” em Portugal, mencionado no subcapítulo anterior, estabeleceu, também, uma nova forma de ingresso de alunos/as internacionais nas instituições universitárias em Portugal (T. Gomes, 2019). De acordo com o Decreto-lei n.º 36/2014 de 10 de março, os/as estudantes internacionais são integrados/as no sistema de ensino superior

português através de um concurso especial de acesso. Contudo, não pagam as mesmas propinas e emolumentos que os/as alunos/as nacionais pagam (Decreto-Lei n.º 36/2014 de 10 de março, 2014), como é possível verificar na Tabela 4.4.

**Tabela 4.4 - Valores de Propinas e Emolumentos da Faculdade de Economia da Universidade do Porto (FEP)**

Propinas 2022/2023	Estudantes de nacionalidade portuguesa ou da UE		Estudantes Internacionais		Estudante intern. CPLP	
	T. Integral	T.Parcial	T. Integral	T.Parcial	T. Integral	T.Parcial
Licenciatura	697,00€	243,95 - 557,60€	3500€	1225€ - 2800€	1925€	673,75€ - 1540€
Mestrado	1500€	525€ - 1200€	5000€	1750€ - 4000€	2750€	962,50€ - 2200€
Doutoramento	2750€	962,50€ - 2200€	6000€	2100€ - 4800€	3300€	1155€ - 2640€

Fonte: [FEP - Propinas e Emolumentos, sem data](#)

Em termos práticos, essa mudança permitiu que os/as estudantes brasileiros/as se candidatassem às universidades, fossem estas nacionais (brasileiras) ou internacionais, mais especificamente, portuguesas, recorrendo à mesma forma de ingresso, isto é, através do Exame Nacional de Ensino Médio do Brasil (ENEM) (T. Gomes, 2019). Porém, para estudar em Portugal os/as estudantes precisam ter uma nota mínima de 500-600 pontos no exame, conjuntamente com uma série de regras que variam de acordo com a instituição e com o respetivo curso de licenciatura desejado (T. Gomes, 2019). Após a admissão, os/as estudantes têm direito a uma autorização de residência no país com o tempo de duração máxima do curso. Posto isto, aceder a um ensino internacional através do ENEM, tornou o sonho de muitos estudantes em viver fora do país, especialmente na Europa, algo mais acessível.

Outro fator que auxilia a presença de alunos/as oriundos do Brasil em Portugal é, sem sombra de dúvidas, a língua portuguesa. Certamente, a facilidade na comunicação é considerada uma questão fulcral na integração dos/as estudantes, pois, “o objetivo básico da comunicação, por mais ingênua que seja, é ser entendido e afetar de alguma maneira a percepção do receptor acerca do que foi transmitido” (R. Santos, 2008). Esta prática é

facilitada quando partilhamos a mesma língua, mesmo que com variações de vocabulários, como é o caso do português do Brasil e de Portugal.

Por conseguinte, defende-se que “naturalmente é a língua em comum que Portugal tem com estes países [CPLP] que tem permitido atingir a capacidade de atração que se tem verificado ao longo dos anos, com uma tendência que aponta para uma ainda maior concentração nesses países.” (DGES, 2020b). Assim sendo, acreditamos que muitos/as alunos/as brasileiros/as se sintam ainda mais motivados/as pela questão linguística, na medida em que serão capazes de compreender bem as diferentes áreas de ensino, terão facilidade tanto na comunicação escrita quanto na verbal e, em termos sociais, também é uma mais-valia.

Com base nos programas, medidas e acordos mencionados, é de extrema relevância destacar que podem existir inúmeras outras razões que incentivem os/as brasileiros/as a escolherem Portugal como destino de migração, como por exemplo, laços familiares, testemunhos de outras pessoas que fizeram um percurso académico em Portugal, razões económicas, entre outros fatores, que tentaremos entender na fase de entrevistas com as alunas brasileiras. Embora esse não seja o principal objetivo da tese, ainda assim, é uma questão importante a realçar, especialmente devido à tendência do crescimento da comunidade estudante brasileira em Portugal.

Destacamos, ainda, que, de acordo com um estudo desenvolvido por King, Findlay e Ahrens (2010) sobre mobilidade de estudantes, muitos migram para obter mais experiência, complementar os seus currículos ou até mesmo ter a oportunidade de viajar e conhecer novos locais, fatores esses que também devem ser valorizados, mesmo que indiretamente, através dessas medidas e políticas que os/as impulsionam a realizar o ensino no exterior. Com efeito, muitos/as brasileiros/as acabam por conseguir trabalho e viver no país que escolheram para estudar, neste caso, em Portugal.

Em síntese, compreendemos que existem inúmeros fatores que propiciam a presença de estudantes brasileiros/as nas Instituições do Ensino Superior Portuguesas, nomeadamente programas como as CsF, bolsas de instituições como CNPq e a FAPESP. Similarmente, outro fator que facilitou a inserção de alunos internacionais foi a integração do status de “Estudante Internacional”, que foi fundamental na regulamentação e apoio da integração dos

alunos/as estrangeiros nas IES, especialmente no âmbito financeiro, criações de concursos especiais, condições de acesso, vistos de estudante, entre outras questões. Em paralelo, uma das principais razões que se acredita estar por detrás da elevada presença de imigrantes brasileiras/os no âmbito universitário português é a partilha da mesma língua como sendo um ponto facilitador na integração, adaptação e sucesso universitários dos/as mesmos/as.

A informação apresentada até ao momento permitirá uma análise mais realista e contextualizada durante a parte II da Dissertação (Investigação Empírica). Destaca-se que, na segunda parte, iremo-nos dedicar ao enquadramento metodológico e a análise das entrevistas realizadas a algumas alunas e ex-alunas brasileiras do IES portuguesas, com vista a entender os objetivos da mobilidade, a consciência do estereótipo existente em torno das mulheres brasileiras e o impacto destes na sua integração no âmbito universitário. Sempre utilizando como base todo o percurso do enquadramento teórico realizado até à presente página da dissertação. Esperemos que a jornada daqui em diante seja reveladora, transparente e que incite as relações interculturais.

## **Parte II – Investigação Empírica**

## Capítulo 5: Enquadramento Metodológico

Após a realização do Enquadramento Teórico (Parte I), foi possível aprofundar inúmeros conceitos relevantes e entender os estereótipos existentes em torno das mulheres brasileiras, assim como a sua origem e a forma em que estas representações têm sido disseminadas ao longo dos últimos anos. Além disso, um enquadramento sobre a realidade migratória em Portugal também foi apresentado de forma a contextualizar e preparar os/as leitores/as e a investigadora para o segundo momento da dissertação, a Investigação Empírica.

Neste seguimento, nesta fase da dissertação, iremos explicar e justificar a metodologia escolhida para alcançar os objetivos pretendidos com base na ideia de Grawitz (1993 cit. Carmo & Ferreira, 2008, p. 193), que defende que os métodos são um conjunto de “(...) operações que são realizadas para atingir um ou mais objetivos, um corpo de princípios que presidem a toda a investigação organizada (...). Constituem de maneira mais ou menos abstracta ou concreta, precisa ou vaga, um plano de trabalho em função de uma determinada finalidade”. Dito de outro modo, a escolha do método delimita a maneira e a estratégia que permitirão à investigadora alcançar os objetivos pretendidos.

Assim sendo, como previamente abordado, a dissertação visa entender o possível impacto dos estereótipos existentes sobre as mulheres brasileiras na integração das alunas oriundas do Brasil, no âmbito universitário com especial enfoque nas universidades do Porto. De maneira a realizar uma investigação realista e representativa, a metodologia escolhida deve respeitar as vertentes subjetivas e humanas da investigação, impedindo a generalização dos resultados.

### 5.1. Objeto de estudo

O primeiro passo dentro do processo de investigação é delimitar o que se pretende investigar, isto é, definir claramente o objeto de estudo da investigação (Carmo & Ferreira, 2008). Na visão de Carmo e Ferreira, “mergulhar cegamente num processo de recolha de dados sem delimitar minimamente o objecto de estudo resulta numa perda de tempo e energias que reduzem naturalmente as condições objectivas para uma pesquisa bem sucedida” (Carmo & Ferreira, 2008, p. 46). Por isso, esta etapa é primordial e necessária

para o desenrolar de uma investigação assente num tema previamente pensado, estudado e estabelecido. Este planeamento e definição permitem que tanto a investigação teórica como a empírica fluam de forma bem-sucedida e visem alcançar objetivos claros.

Nesta linha, o objeto de estudo será delimitado também com base na perspetiva de Carmo e Ferreira (2008), que defendem que este deve responder às seguintes perguntas: “O quê?”; “Quem?”; “Onde?” e “Quando?” (Carmo & Ferreira, 2008). Com efeito, o objeto de estudo da investigação é: O impacto dos estereótipos na integração de estudantes brasileiras no âmbito universitário no Porto.

## **5.2. Objetivos gerais e específicos**

A definição dos objetivos de estudo, tanto gerais como específicos, é essencial para o planeamento de toda a dissertação, “(...) dado que muitas das decisões subsequentes dependerão do(s) objetivo(s) que se pretenda(m) alcançar” (Silva et al., 2014, p. 180).

Deste modo, o objetivo geral da investigação é entender o impacto e a influência dos estereótipos vinculados às mulheres brasileiras na integração de estudantes brasileiras no seio universitário, com enfoque em algumas universidades no distrito do Porto. Este objetivo surge com a perspetiva pessoal de que, por vezes, episódios de preconceito podem ser mais disfarçados no seio académico. Tal pode ocorrer devido ao possível receio por parte das vítimas de serem percecionadas de forma negativa face à entidade de ensino, os/às professores/as e até mesmo à necessidade de integração nos grupos sociais.

É importante mencionar que o âmbito académico inclui o contacto com docentes, colegas de curso, atendimento administrativo e/ou situações em salas de aula e avaliações. Paralelamente, a investigação será pautada pelos seguintes objetivos específicos:

- a) Identificar as origens dos estereótipos existentes a respeito das mulheres brasileiras em Portugal;
- b) Caracterizar os estereótipos e as representações sociais das mulheres brasileiras através da perspetiva das mesmas;
- c) Compreender a razão pela qual as imigrantes em questão escolheram uma universidade portuguesa para a realização do seu estudo;

- d) Compreender se existe ou não algum impacto das representações sociais na integração de alunas brasileiras no ensino superior e verificar como este se concretiza.

### **5.3. Questões orientadoras**

Com base nos objetivos propostos, é importante delimitar e definir questões orientadoras que devem ser respondidas durante a preparação da dissertação através da investigação empírica e/ou teórica. Assim, de acordo com Quivy e Campenhoudt (1995, p. 34), a pergunta de partida é a principal maneira de pôr em prática a rutura dos preconceitos e das noções prévias, sendo este um dos processos fundamentais no âmbito científico. Consecutivamente, definir a pergunta de partida não é um processo simples e, por isso, os autores defendem que estas devem ser claras, exequíveis e pertinentes.

Seguindo, então, os conselhos de Quivy e Campenhoudt, a pergunta orientadora da investigação é: A existência de estereótipos em torno das mulheres brasileiras pode afetar a integração das estudantes brasileiras no seio universitário?

### **5.4. Paradigma metodológico**

À luz do tema escolhido, tanto no enquadramento teórico quanto na fase empírica, foram abordadas noções analíticas importantes, tais como estereótipos, representações sociais, estereótipos de género e interseccionalidade, entre muitos outros. Temas como estes exigem uma abordagem exploratória de contacto direto com o grupo-alvo, de modo a compreender a experiência singular das pessoas, que possam ou não ter lidado com alguns dos temas em questão enquanto imigrantes. Posto isto, a metodologia qualitativa de pesquisa revelou ser a mais adequada, na medida em que é considerada uma abordagem “(...) particularmente importante para o estudo das relações sociais, dada a pluralidade dos universos de vida.”(Uwe, 2005, p. 1). A este propósito, esta metodologia privilegia a “(...) análise de microprocessos, através do estudo das ações sociais individuais e grupais, realizando um exame intensivo dos dados, e caracterizada pela heterodoxia no momento da análise” (Martins, 2004, p. 292).

Uma das vantagens da metodologia qualitativa é, sem dúvida, o seu cariz humanista. Na visão de Mack et al. (2005), esta metodologia permite compreender verdadeiramente as experiências individuais de cada pessoa ao dar a liberdade para que descrevam as suas emoções, sensações, crenças e percepções. Por isso, acreditamos que esta seja a metodologia ideal para o objeto de estudo, por ir ao encontro ao objetivo de entender as experiências individuais de algumas universitárias brasileiras.

Realça-se que a metodologia qualitativa adota um método de pesquisa exploratório que fomenta a realização de perguntas que exigem respostas mais abrangentes. Partindo desta realidade, é de extrema importância que os/as participantes se sintam à vontade para responder às questões colocadas com as suas próprias palavras, sem qualquer limitação ou censura (Mack, 2005). Essa liberdade levou a que a investigadora se adaptasse à personalidade e à postura de cada participante, dando espaço e confiança para que estas não sentissem qualquer desconforto ou medo em expor as suas opiniões.

Outra razão que suporta a escolha deste tipo de metodologia recai sobre os valores descritivos vinculadas à mesma, isto é, de acordo com Merriam (1998), os estudos de caso qualitativos são descritivos, pois visam uma exposição rica do fenómeno estudado. Desta forma, esta metodologia vai diretamente ao encontro do que é pretendido, pois, a investigadora visa descrever detalhadamente o impacto dos estereótipos sobre as mulheres brasileiras na experiência universitária de alunas brasileiras através do contacto direto com as mesmas, como iremos ver nos próximos subcapítulos.

Convém mencionar, também, que na vertente qualitativa, este trabalho é considerado um estudo de caso. Na visão de Yin (1988 cit. Carmo & Ferreira, 2008, p. 234), um estudo de caso é uma abordagem empírica que investiga um fenómeno atual no seu próprio contexto. Ademais, visa explicar fenómenos por meio de inúmeras fontes de informação, tal e qual ao objetivo da tese, que recai em compreender a experiência de universitárias brasileiras através da realização de algumas entrevistas.

## **5.5. Métodos de recolha de dados**

No âmbito do procedimento metodológico da investigação é, igualmente, importante selecionar uma técnica de pesquisa apropriada para esta investigação, tendo como base os

objetivos previamente delineados e descritos. No domínio da metodologia qualitativa, existem inúmeras técnicas que poderão guiar a implementação do estudo empírico com ferramentas e métodos que influenciam diretamente a forma como a resposta aos objetivos serão alcançadas. Face a isto, acredita-se que a técnica mais apropriada para a compreensão da problemática e a obtenção de respostas realistas é a entrevista semiestruturada.

De acordo com Hill (2014 cit. Alves et al., 2021), esta técnica baseia-se no desenvolvimento de um guião de entrevista com perguntas flexíveis em que o investigador tem a “(...)liberdade em recorrer ou não a todas as questões que formulou e em seguir a ordem que determinou previamente” (Hill, 2014 cit. Alves et al., 2021, p. 20). Desta forma, o/a investigador/a é capaz de se adaptar ao desenvolvimento da entrevista e às respostas do/a entrevistado/a.

A entrevista semiestruturada é uma das técnicas mais comuns da metodologia qualitativa, devido à sua eficácia em trazer uma perspetiva mais humana sobre os problemas presentes nas investigações (Mack et al., 2005). Adicionalmente, de acordo com Mack et al., esta técnica dá a oportunidade para que os/as participantes se possam expressar livremente e contribui para que o/a investigadora/a alcance as respostas desejadas. Para isso, este/a deve criar um guião capaz de seguir a linha das hipóteses e problemáticas da investigação, estando “diretamente ajustado ao seu objeto”(Beaud & Weber, 2007, p. 134).

Contudo, existem aspetos importantes que devem ser levados em consideração durante a fase de entrevistas e no desenvolvimento do guião. Neste sentido, Quivy et al., (1995) sugerem que as entrevistas ocorram de acordo com o tema proposto pelo/a investigador/a, e não baseado naquilo que os/as participantes desejam expor. Nesta mesma perspetiva, convém destacar que, ao longo do contacto com as participantes, é crucial evitar influenciar as suas respostas, seguindo o conselho de Mack que afirma que “(...) os participantes não devem ser conduzidos com base em noções pré-concebidas, ou encorajados a fornecer determinadas respostas específicas, expressando aprovação ou desaprovação do que dizem” (Tradução livre da autora, Mack, 2005, p. 29)<sup>10</sup>. De facto, todos esses cuidados foram levados em consideração ao longo desta etapa.

---

<sup>10</sup> Citação original: “They do not lead participants according to any preconceived notions, nor do they encourage participants to provide particular answers by expressing approval or disapproval of what they say.” (Mack, 2005, p.29)

No que concerne ao desenvolvimento do guião de entrevista, este foi dividido em três momentos principais<sup>11</sup>: I) Caracterização sociodemográfica das participantes; II) Fase de adaptação em Portugal e III) Impacto dos Estereótipos na Integração. No total, o guião contava com 13 perguntas diretas e 11 questões de resposta aberta e, por ser uma entrevista semiestruturada, o número de perguntas poderia variar. As perguntas diretas correspondem à informação sociodemográfica de cada participante, que foram feitas logo no início da entrevista, enquanto as restantes questões foram realizadas como uma conversa mais informal. Às vezes, era possível seguir a ordem do guião, outras não, variando de acordo com a informação partilhada pelas respondentes, de forma a respeitar sempre o ritmo e tópico da conversa. Juntamente com o guião, a mestranda preparou o termo de consentimento<sup>12</sup>, que todas as participantes concordaram e assinaram antes de iniciar as entrevistas. Para mais, durante as entrevistas surgiram outras perguntas para além das que estavam no guião, pois faziam sentido de acordo com a experiência partilhada e que poderiam ser benéficas para o tema do estudo.

Desta maneira, para alcançar os objetivos propostos foram realizadas 10 entrevistas no total. Todas as participantes foram contactadas através das redes sociais ou pelo *Whatsapp*. No que diz respeito à realização das entrevistas, todas ocorreram *online*, por uma questão de facilidade em termos de horário e de deslocação. Durante esta etapa, foram utilizadas duas plataformas: primeiramente, o *Zoom* (durante a entrevista teste e a 2ª entrevista), mas devido ao limite de tempo da versão gratuita do programa, a investigadora optou, mais tarde pelo *Google Meets*, que deixou as participantes e a investigadora mais à vontade em termos de tempo. De modo geral, as entrevistas duraram entre 25 minutos a 1 hora.

A investigadora teve o cuidado de gravar o áudio de todas as entrevistas realizadas, através da aplicação *Dictafone*, disponível no telemóvel da mesma. Todavia, é relevante mencionar que as gravações só ocorreram com o consentimento por escrito de todas as participantes, com o comprometimento de que o registo seria utilizado unicamente para a transcrição do conteúdo. No entanto, mesmo com a gravação, a investigadora tirou notas durante a entrevista para garantir que nenhum momento importante passava despercebido e que as ideias e frases principais ficavam propriamente salvaguardadas. Na fase de transcrição

---

<sup>11</sup> O guião da entrevista encontra-se no Anexo I

<sup>12</sup> O termo de consentimento encontra-se no Anexo II

do conteúdo, a investigadora utilizou o *Word online*, que facilita no processo de transcrição de áudios de forma automática. Após a utilização desse programa, a investigadora teve de corrigir a linguagem da transcrição automática, organizar e formatar a informação, de modo a facilitar o processo seguinte de análise de conteúdo.

Por fim, durante esta etapa da dissertação foram sentidas algumas dificuldades, nomeadamente, encontrar participantes interessadas e estabelecer horários compatíveis para a realização da entrevista. Durante a mesma, por vezes, ocorreram problemas de conexão *online* ou sons de fundo que dificultaram a perceção das falas. Ademais, apesar de acontecer raramente, algumas participantes desmarcaram em cima da hora a entrevista ou deixaram de responder à investigadora. Com efeito, a etapa relativa à realização de entrevistas acabou por durar cerca de quatro meses, tendo tido início no dia 2 de agosto de 2022 e terminando no dia 5 de novembro do mesmo ano. Contudo, nenhuma destas dificuldades impossibilitou o alcance do número pretendido de entrevistadas nem a obtenção de resultados significativos para a dissertação.

## **5.6. Definição da amostra**

A metodologia qualitativa escolhida e a técnica da entrevista semiestruturada permitiram dar o devido protagonismo e voz ao grupo-alvo que, neste caso, incide sobre mulheres brasileiras com mais de 18 anos que estudam/estudaram em universidades no distrito do Porto. O estudo abrange alunas e ex-alunas, tendo em conta que tanto podiam incluir pessoas que não concluíram os estudos, como as que já finalizaram a licenciatura, mestrado e doutoramento. Este equilíbrio permitiu a obtenção de uma visão temporal dual, isto é, um quadro da realidade dos anos anteriores através de alunas que já terminaram e/ou não concluíram os estudos e uma realidade mais atual, com base nas experiências de alunas que estão, neste momento, a estudar.

É importante mencionar que não foi definida uma única universidade como foco de estudo, mas sim várias instituições (públicas e privadas) do distrito do Porto. A escolha da região foi influenciada pela localização geográfica da investigadora. Além de que, de acordo com os dados estatísticos do SEFSTAT (2022), o Porto conta com a presença de cerca de 24.591 imigrantes brasileiros/as regularizados/as e, dentro destes valores, 13 830 são

mulheres, revelando ser a comunidade imigrante dominante neste distrito. Adicionalmente, como previamente abordado, a universidade do Porto é a instituição do país que mais recebe estudantes internacionais, especialmente da comunidade brasileira (DGES, 2020a).

A seleção da amostragem também é um fator importante, pois neste caso é não probabilística, na medida em que se visou alcançar uma boa estimativa das características da população (Carmo & Ferreira, 2008). Para mais, a amostragem é de conveniência e “poderá tratar-se de um estudo exploratório cujos resultados obviamente não podem ser generalizados à população a qual pertence (...), mas do qual se poderão obter informações preciosas (...)” (Carmo & Ferreira, 2008, p. 215).

Por fim, destaca-se que o contacto com o grupo-alvo aconteceu através da abordagem “bola de neve”, em que “a partir de elementos da população já conhecidos se identifiquem outros elementos da mesma população” (Carmo & Ferreira, 2008, p. 216). Desta forma, a investigadora contactou algumas estudantes do ensino superior que conhecia informalmente e, mais tarde, essas participantes indicaram outras conhecidas e colegas que igualmente se interessaram pelo tema possibilitando, assim, alcançar uma amostra total de 10 participantes. Outro aspeto importante no que diz respeito à amostra são as características sociodemográficas das participantes. Nesta fase da dissertação também nos iremos debruçar sobre esses dados através de uma descrição generalizada das informações das 10 entrevistadas, que poderá ser observada na Tabela 5.1.

Neste seguimento, no que concerne à idade das participantes, o intervalo da amostra é dos 22 aos 36 anos de idade. A naturalidade das entrevistadas é bastante variada: 30% pertencem ao Rio de Janeiro, outros 30% a Minas Gerais, 20% a Belém do Pará, 10% a Curitiba e o restante 10% é proveniente do Rio Grande do Sul. Atualmente, 70% das entrevistadas vivem no distrito do Porto, não obstante, 20% vivem em Braga e apenas uma participante, isto é, 10% vive em Forlí, em Itália. Apesar de nem todas estarem no Porto de momento, frequentam ou frequentaram o ensino superior no respetivo distrito, sendo este um dos fatores primordiais para que participassem na pesquisa. Dentre as participantes o intervalo de tempo de residência no país é bastante variado, entre 2-17 anos. Contudo, realça-se que apenas duas das participantes já viviam em Portugal há muitos anos antes de realizar o ensino superior no país, as restantes vieram de propósito para isso.

No âmbito da formação académica das participantes, consideramos algumas informações relevantes. Por exemplo, a nível da habilitação literária das participantes, 30% apresentam a licenciatura completa, outras 30% o mestrado completo, 30% tem o ensino secundário finalizado e apenas 10% das participantes tem pós-graduação. É importante destacar que 9 Instituições de Ensino foram incluídas na pesquisa. Em toda a amostra, apenas duas das participantes estudaram na mesma instituição. Além disso, convém destacar que uma das entrevistadas teve experiência em duas universidades diferentes e, por isso, partilhou a sua experiência em ambas.

Por fim, mas não menos importante, as profissões das participantes são extremamente variadas. De facto, 4 das entrevistadas trabalham na sua área de formação; 4 das participantes trabalham em áreas distintas da sua formação; e 2 dedicam-se integralmente aos estudos, como será possível verificar na Tabela 5.1.

**Tabela 5.1 - Caracterização sociodemográfica das participantes**

Universitárias	Idade	Naturalidade	Distrito de residência atual	Tempo de residência em Portugal	Habilitação Literária	Curso	Faculdade	Período Letivo	Profissão
1	26	Minas Gerais	Porto, Portugal	3 anos	Mestrado	Mestrado em Educação Física	FADEUP - Faculdade de Desporto da Universidade do Porto	2019-2021	Operadora de loja
2	22	Minas Gerais	Braga, Portugal	17 anos	Licenciatura Completa	Mestrado em Relações Internacionais e Diplomacia	Universidade Portucalense (UPT)	2021-2024	Estudante
3	36	Rio Grande do Sul	Braga, Portugal	6 anos	Mestrado	Mestrado em Empreendedorismo e Administração	ISCAP - Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto	2016-2018	Consultora de Empreendedorismo
4	22	Minas Gerais	Porto, Portugal	5 anos e meio	Licenciatura	Licenciatura em Comunicação	ESAD - Escola Superior de Arte e Design	2019-2022	Trabalhos autónomos na área de Design
5	26	Belém do Pará	Porto, Portugal	15 anos	Ensino secundário	Licenciatura em Biologia	FCUP - Faculdade de Ciências do Porto	2016-2018	Designer de moda e lojista
6	23	Rio de Janeiro	Porto, Portugal	4 anos e meio	Ensino secundário	Licenciatura em Engenharia Civil	ISEP - Instituto Superior de Engenharia do Porto	2020	Esteticista
7	29	Belém do Pará	Porto, Portugal	4 anos	Mestrado	Mestrado em Direito	FDUP - Faculdade de Direito da Universidade do Porto	2018-2019	Bancária
8	24	Rio de Janeiro	Forlì, Itália	4 anos	Pós-graduação	Licenciatura em Relações Internacionais e Línguas	FLUP - Faculdade de Letras da Universidade do Porto	2021-2022	Técnica de Projetos Europeus
9	23	Curitiba	Porto, Portugal	4 anos	Licenciatura	Licenciatura em Engenharia Mecânica	ISEP - Instituto Superior de Engenharia do Porto	2019-2021	Engenheira Mecânica
10	23	Rio de Janeiro	Porto, Portugal	2 anos e 8 meses	Ensino secundário	Licenciatura em Medicina	FMUP - Faculdade de Medicina da Universidade do Porto	2019-2020	Estudante

## 5.7. Análise de conteúdo

No seguimento do estudo empírico, o último passo e um dos mais importantes da investigação é a análise das entrevistas e, para isso, utilizaremos como técnica principal a Análise de Conteúdos (AC), desenvolvida por Laurence Bardin. Na visão do autor (1977, p. 9), a AC significa “um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais subtis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a «discursos» (conteúdos e continentes) extremamente diversificados” (Bardin, 1977, p. 9). Esta análise pode ser feita no âmbito quantitativo ou qualitativo.

Similarmente, Quivy e Campenhoudt (1995) mencionam que a análise de conteúdos ocorre através de técnicas precisas, que incluem frequências de determinadas respostas ou dupla ocorrência de termos utilizados. Para mais, os autores também abordam que apenas as utilizações de métodos estáveis permitem que o/a investigador/a realize uma interpretação parcial do conteúdo, sem indagar o seu ponto de vista na análise e é isso que pretendemos fazer com os dados recolhidos.

Com efeito, optamos por realizar a análise do conteúdo com base na perspectiva de Bardin (1977), que subdivide esta etapa em três grandes momentos:

1. A pré-análise: esta fase baseia-se na compreensão do que é relevante ou não no conteúdo obtido nas entrevistas para responder aos objetivos e pergunta de partida estabelecida. Por isso, Bardin menciona que esta etapa visa “(...) a organização, embora ela própria seja composta por actividade não estruturadas, «abertas», por oposição à exploração sistemática dos documentos” (Bardin, 1977, p. 96).
2. A exploração do material: na perspectiva de Bardin (1977), nesta etapa o/a investigador/a deverá dedicar-se a codificação do conteúdo à luz dos objetivos previamente definidos e nas respostas que a investigação visa encontrar. É importante destacar, que durante esta investigação, utilizamos a técnica indutiva, isto é, os códigos e as categorias são desenvolvidos com base no destaque de momentos relevantes das entrevistas, que mais tarde são comparadas e organizadas em possíveis categorias que serão criadas durante a análise (Acadêmica, 2020). Para a categorização, utilizamos o programa MAXQDA,

que facilita a categorização das entrevistas e a criação de nuvens de palavras com as categorias elaboradas.

3. Tratamento do Resultado e Interpretação: Nesta última etapa, Bardin (1977) afirma que os resultados são apresentados de modo a serem significativos, através de estatística ou de forma fatorial.

Para alcançar os objetivos pretendidos, no próximo capítulo da dissertação serão apresentados os resultados de uma fase intensa de leitura, organização e interpretação das entrevistas realizadas. Assim, serão expostas às categorias encontradas, as respostas aos objetivos previamente delimitados e o destaque de momentos das entrevistas que foram mais marcantes dentro do tema do estudo. Convém destacar que a análise foi guiada pela informação e conceitos apresentados ao longo do Enquadramento Teórico, de modo a incorporar a análise teórica na parte empírica da investigação.

O principal objetivo é responder à questão “A existência de estereótipos em torno das mulheres brasileiras pode afetar a integração das estudantes brasileiras no seio universitário?”. A resposta só será alcançada através da análise das experiências das participantes sem generalizar o conteúdo a todo o grupo-alvo, mas acreditando que os resultados obtidos podem refletir a realidade de uma parcela da população feminina universitária brasileira em Portugal.

## **5.8. Pressupostos éticos**

A ética é uma das questões mais importantes de qualquer trabalho de investigação e visa salvaguardar o/a investigador/a, as pessoas envolvidas e os objetivos subjacentes à investigação. Realça-se que “a definição dos princípios [éticos] não tem em vista restringir a liberdade científica dos investigadores, mas antes proporcionar-lhes um quadro de incentivo e apoio à reflexão crítica sobre o seu trabalho (CeIED/ULHT, 2014, p. 3).

Assim sendo, usaremos como base a Carta de Princípios éticos de investigação desenvolvida pelo Centro de Estudos Disciplinares da Educação da Universidade Lusófona de Humanidade e Tecnologia (CeIED/ULHT), em 2014. O primeiro princípio a ser priorizado foi o da “participação voluntária e informada” das participantes, isso significa que os/as participantes estavam cientes da investigação e desejaram, de livre vontade, fazer parte

da mesma. Nesta mesma linha, a investigadora se responsabilizou por assegurar o princípio do “direito de retirada”, em que as participantes, “em qualquer momento se podem retirar da investigação.” (CeIED/ULHT, 2014, p. 6).

Similarmente, foi valorizada a prática de “evitar dano” com base nas informações pessoais que foram partilhadas, resultantes das diferentes vivências das participantes. Consequentemente, a investigadora teve cuidado em “não ir além da intrusão inteiramente necessária aos objetivos do estudo, devendo desistir de ações que se verifique trazer ao participante alguma forma de prejuízo emocional ou outro.” (CeIED/ULHT, 2014, p. 6). Além disso, o respeito pela confidencialidade/anonimato das participantes foi sempre uma prioridade ao longo da investigação. Com o objetivo de salvaguardar esses valores, foi elaborado um termo de consentimento que foi assinado por todas as participantes. O documento salvaguarda os direitos mencionados anteriormente e garante o compromisso e sigilo por parte da investigadora. Seguindo esta linha, durante a análise, as participantes serão retratadas como “Universitária 1,2,3...”, de modo que as mesmas não sejam identificadas.

Compete ainda mencionar que a “honestidade” foi um valor subjacente presente ao longo de toda a investigação. A investigadora tentou sempre comunicar com “exatidão, adequação e transparência os objetivos e intenções da investigação, os métodos e procedimentos efetivamente utilizados, bem como a base de dados que vem a ser constituída” (CeIED/ULHT, 2014, p. 8). Por fim, mas não menos importante, podemos destacar a “confiabilidade” dos assuntos tratados, de forma a garantir que os resultados são apresentados de forma justa completa e imparcial (CeIED/ULHT, 2014, p. 8), sem alterar qualquer palavra ou testemunho partilhado pelas participantes envolvidas.

Em suma, respeitar os princípios éticos destacados permite a qualidade e transparência do trabalho de investigação apresentado. Devido ao tema em questão e ao acesso à informação de momentos pessoais das vidas das participantes, é essencial respeitar a integridade e a segurança das envolvidas como forma de agradecimento também pela participação voluntária das mesmas nesta investigação. Paralelamente, há um compromisso por parte da investigadora em honrar os/as autores/as apresentados ao longo da dissertação ao referi-los corretamente, de acordo com os seus contributos académicos e sociais e ao analisar acertadamente o que apresentaram, sem enviesar ou mudar as suas palavras.

## Capítulo 6: Trabalho de Campo

### 6.1. Análise e discussão de conteúdo: entrevistas

Este capítulo da dissertação é um dos momentos fulcrais e mais esperados desta investigação, pois resulta da análise e apresentação das perspetivas e experiências de 10 universitárias brasileiras que estudaram em diferentes universidades no Porto. Esta etapa baseia-se no resultado da leitura, análise e categorização das entrevistas realizadas.

É importante explicar que as categorias e as subcategorias desenvolvidas foram delineadas através de uma longa análise das entrevistas semiestruturadas e do reconhecimento de alguns padrões estabelecidos entre as respostas fornecidas pelas participantes. Na tabela 6.1 (também disponível no Anexo III), é possível observar a categorização à luz dos objetivos específicos da tese.

**Tabela 6.1 - Categorização das entrevistas**

Objetivos	Categorias	Descrição	Subcategoria
1) Caracterizar e identificar os estereótipos e a representação social das mulheres brasileiras.	<b>A) Noções individuais sobre os estereótipos</b>	Pretende-se verificar as definições individuais de cada participante a respeito da existência ou não de estereótipos sobre as mulheres brasileiras, assim como entender se já sabiam da existência dos mesmos antes de vir para Portugal.	<b>A1) Definição dos estereótipos</b>
			<b>A2) Noções prévias</b>
			<b>A3) Impacto dos</b>
2) Compreender a razão pela qual as participantes escolheram estudar numa universidade portuguesa	<b>B) Factores que contribuíram para a escolha de Portugal como país de migração</b>	O objetivo é entender o que motivou as participantes a migrarem e a estudarem em Portugal.	<b>B1) Ensino</b>
			<b>B2) Experiência e carreira internacional</b>
			<b>B3) Língua</b>
			<b>B4) Qualidade de vida</b>
			<b>B5) Família</b>
3) Compreender se existe ou não, algum impacto das representações sociais na integração de alunas brasileiras no ensino superior.	<b>C) Integração</b>	o objetivo é entender como ocorreu a integração das participantes no país e nas instituições de ensino frequentadas	<b>C1) Adaptação inicial no</b>
			<b>C2) Circulo de amizades</b>
	<b>D) Episódios de Xenofobia e Preconceito na Universidade</b>	Pretende-se compreender se todas as participantes passaram ou não por episódios de preconceito ou xenofobia, consequentes dos estereótipos vinculados ao Brasil. E caso tenha acontecido, quais foram os episódios	<b>D1) Género e sexualidade</b>
			<b>D2) Intelectualidade e discriminação nas avaliações</b>
			<b>D3) Língua</b>
	<b>E) Relação com a universidade</b>	Pretende-se entender se após os a ocorrência de episódios de desconforto, as participantes pediram ajuda ou informaram a administração da universidade. Ademais, desejamos compreender a perspectiva das participantes face a melhorias que as universidades podem realizar para evitar esse tipo de situações	<b>D5) Praxes académicas</b>
			<b>E1) Busca de suporte</b>
			<b>E2) Recomendações para as universidades</b>

Os capítulos seguintes visam responder à questão de partida da investigação (A existência de estereótipos em torno das mulheres brasileiras pode afetar a integração das estudantes brasileiras no seio universitário?), assim como cumprir com os objetivos

específicos estipulados no capítulo anterior, através da apresentação e análise das unidades de registo de cada categoria. Importa mencionar que toda a análise será feita à luz do conteúdo aprofundado durante o enquadramento teórico da dissertação, ou seja, todas as teorias, definições e conceitos apresentados na parte inicial da investigação serão úteis para compreender e interpretar as respostas das participantes.

## **6.2. Caracterização e identificação dos estereótipos/representação social da mulher brasileira**

Ao longo do enquadramento teórico, debruçamo-nos sobre a migração brasileira e afunilamos o conteúdo em torno do estereótipo destas imigrantes em Portugal. Através dessa contextualização, chegamos à conclusão de que existe uma associação entre género e nacionalidade que remete à sexualização das mulheres brasileiras. De acordo com muitos/as autores/as, essa representação resulta da relação imperial e colonial entre Portugal e Brasil, o turismo sexual brasileiro, (Pontes, 2004), assim como dos media e das telenovelas.

Nesta primeira fase da análise, compete-nos entender se as respondentes concordam ou não com a existência de um imaginário sexualizado em torno das mulheres brasileiras. Com base nas respostas desenvolvemos a categoria: Noções individuais sobre os estereótipos, e subdividimos a mesma em três subcategorias: definição dos estereótipos, noções prévias e impacto dos estereótipos. Esta categoria pretende verificar as definições individuais de cada participante a respeito da existência ou não de estereótipos sobre as mulheres brasileiras, assim como entender se já possuíam conhecimento prévio sobre os mesmos antes de vir para Portugal. Por fim, depreender as possíveis consequências dos estereótipos existentes.

## **6.3. Definição do estereótipo**

Posto isto, para alcançar os objetivos mencionados, primeiramente, a investigadora perguntou se as participantes acreditavam na existência de um estereótipo/uma imagem em torno das mulheres brasileiras e todas as participantes responderam afirmativamente. Apenas após essa afirmação, a investigadora pediu que definissem esse imaginário. Neste seguimento, as respostas foram as seguintes:

“Que, ai, que são mais fáceis, que vieram para roubar os homens...”

[Universitária 1]

Claro, óbvio! Somos tomadas como mulheres fáceis (...). Tem o estereótipo da mulher fácil, até com o nosso tipo de roupa ou a forma como nos vestimos ou como estamos, como falamos, nos torna fáceis ou acham que estamos sendo competitivas com as outras mulheres.

[Universitária 4]

E...sim tem muito, com certeza. **Nós, nós somos vistas como objeto sexual. E que a gente veio para cá para tirar o lugar das portuguesas, tirar os maridos das outras.** As próprias mulheres, muitas mulheres nos enxergam dessa forma. Eu já ouvi muita coisa disso assim. Não tanto das pessoas da minha idade, do meu ciclo, mas das pessoas mais velhas, morrendo de medo das brasileiras, porque elas vêm para cá para **roubar os maridos.** Eu acho que sim. Eu posso até dizer com certeza que sim existe, não é nem “achismo”. Com certeza tem. E... **assim é, por influência de antigamente, muito dos mais velhos, as novelas que mostram a mulher brasileira como um produto.** Eu não sei se eu posso usar alguns termos mais...? (...) Como **um objeto sexual.** Tipo, eu ouço muito, muito, muitas coisas sobre isso. E é triste e é constrangedor demais. E assim, não que no Brasil não tenha, mas aqui eles vêm a gente, não como... **não como uma mulher bonita, mas como uma brasileira que veio aqui para fazer qualquer coisa.**

[Universitária 6]

Acredito! Acredito que está associado a muitas coisas, mas assim desde a **parte sexual, de sexualização...** como se a mulher brasileira soubesse **fazer coisas incríveis que a mulher portuguesa não faz.** “Ela deixa o homem louco, ela faz essas coisas”, não é? Sim, enfim. A situação de que **ela vem para cá para se relacionar, para encontrar um marido, pegar uma nacionalidade, alguma coisa assim.**

[Universitária 7]

Nestas três primeiras descrições, é possível verificar que as participantes estão em concordância com o estereótipo, destacando sempre a imagem mais sexual vinculada às mulheres brasileiras. De modo geral, mencionaram que as mulheres são percebidas como um objeto sexual, como mulheres mais acessíveis e que vieram para Portugal para “tirar os maridos das outras”. Gostaríamos de chamar a atenção para a fala da universitária 6, que enfatiza a existência da relação dos estereótipos com a geração mais velha, e que estes imaginários são muito disseminados nas novelas brasileiras, usando a frase: “como se a mulher brasileira fosse um produto”.

De facto, a ideia de que as telenovelas têm um peso na construção da imagem da mulher brasileira vai de encontro a um dos fatores mencionados no enquadramento teórico sobre as possíveis origens e fontes de disseminação do estereótipo da mulher brasileira. As autoras França e Padilla (2012) explicam que “(...) a larga difusão das novelas contribuiu para que o corpo feminino brasileiro fosse ainda mais estereotipado e sexualizado, reforçando o

imaginário colonial português dominador e opressor em relação a essas mulheres.” (França & Padilla, 2018, p. 118).

Para além dessas definições, gostaríamos de destacar que algumas universitárias chamaram a atenção para a forma como as mulheres são percebidas como inferiores intelectualmente, como é possível ver nos parágrafos seguintes:

Quando eu cheguei cá, eu nunca recebia só um estereótipo da “brasileira”, por parte dos homens, um olhar sexual, não! **Eu recebi um olhar de má, de burra, a nível universitário (...)**

*[Universitária 3]*

Eu acho que o estereótipo está muito relacionado com **é uma veia que já é muito ligada à própria maneira que as pessoas veem a mulher como um objeto**. Então a mulher brasileira não sairia desse contexto. Eu não estou falando especificamente assim do contexto académico, mas acho que a gente está falando de um contexto geral da imagem da brasileira, não apenas em Portugal, mas num ambiente internacional, que também da valorização que os próprios brasileiros têm das mulheres, não é? E acho que isso reflete aí, então, sim, **o corpo sempre muito objetificado**. E aí, por consequência, eu acho que tem a **desvalorização do intelecto da brasileira, que vem pela supervalorização do corpo**, né? E aí é como se ela tivesse, a mulher brasileira, eu sempre tivesse ali para servir, para dispor. É meio que nesse sentido.

*[Universitária 8]*

As mulheres são... cara, eu acho que em primeiro lugar, é assim que eu sinto muito é que eles **não enxergam os brasileiros igualmente capacitados** para fazer exatamente a mesma coisa que eles fazem (...). É difícil eles te enxergarem como igual, é difícil eles enxergarem que você também sabe aquilo que fala, seja do que for, seja de coisas técnicas, ou seja, de coisas, tipo da vida, sabe? **Eles não... é difícil porque eles não, não, não escutam o que o que você diz e o que você faz da mesma forma que eles escutariam se fosse um europeu, por exemplo, sabe?** Então eu acho que eles não nos enxergam, **não nos enxergam como igual intelectualmente e, também, culturalmente**, pelo que eu percebo, pelos milhões de piadas que eu escuto. Eles enxergam a cultura brasileira inferior, sabe? uma cultura onde tudo é permitido, onde tudo é uma bagunça onde nada funciona. Tipo, eu acho que, eu acho que esses 2 pontos intelectualmente e culturalmente.

*[Universitária 9]*

**Que a gente é fácil, que a gente é limitada intelectualmente**. Eles sempre ficam chocados, isso com brasileiros no geral, mas quando eles descobrem que a gente fala inglês, essas coisas assim. Eu acho que principalmente essa questão de **a mulher ser fácil, e de estarmos aqui para poder conseguir visto, para conseguir cidadania portuguesa, para conseguir entrar na Europa e tal. Eu acho que isso é comum em vários países latinos, mas como em Portugal, especificamente, teve a colonização, então parece que a gente vem para cá e o preconceito é muito forte aqui, sobre a gente ser fácil, sabe? De vir para cá para isso, de só se envolver com o português para isso...**

*[Universitária 10]*

Três das dez universitárias deram especial enfoque à maneira como as imigrantes brasileiras são consideradas pouco competentes. Importa realçar que a Universitária 9 é da área de Engenharia Civil, onde há maior predominância de alunos homens. Perante estes depoimentos, depreende-se da realidade de que a imagem sexualizada da mulher a remete também, à pouca capacidade intelectual. Nesta mesma linha, as participantes abordam a

comparação e valorização da cultura portuguesa e até mesmo da europeia face à brasileira: “não nos enxergam como igual intelectualmente e, também, culturalmente, pelo que eu percebo, pelas milhões de piadas que eu escuto. Eles enxergam a cultura brasileira inferior, sabe?” (universitária 9).

Esta desvalorização da cultura brasileira, em que o Brasil é visto de acordo com a descrição feita pela Universitária 9, como “uma cultura onde tudo é permitido, onde tudo é uma bagunça onde nada funciona.”, pode representar vestígios de uma relação colonial entre Portugal e Brasil. Inclusive, a Universitária 10 aborda que “(...) isso é comum em vários países latinos, mas como em Portugal, especificamente, teve a colonização, então parece que a gente vem para cá e o preconceito é muito forte aqui (...)”. Esta relação acaba por fazer com que o Brasil seja visto como um local pouco civilizado e desorganizado, logo, inferior a qualquer cultura europeia.

Para além das questões culturais e intelectuais, algumas entrevistadas realçaram que tem havido uma mudança positiva nos últimos anos sobre a representação das mulheres brasileiras:

**Mas antigamente, eu acho que era bem forte.** Eu até lembro de uma experiência em que da primeira vez que eu fui para uma escola, a minha mãe foi lá na Secretaria tratar dos papéis e quando o viram a cor dela e o sotaque, já acharam, assim, diferente, não gostaram, já disseram “**ai vocês vem do Brasil para roubar o nosso marido aqui de Portugal**”. Então ...antigamente tinha muito estereótipo, entendeu? Para eles todas as mulheres brasileiras nunca vinham à procura de um trabalho digno, **era sempre ir para prostituição**, para as drogas..., **nunca encaravam as mulheres brasileiras como pessoas de trabalho digno**, pessoas de família. Como meu pai é um pouquinho mais claro do que nós, mesmo sendo brasileiro, **deduziram que a minha mãe tinha casado com um português, então eu acho que agora está melhor**. Só que já foi estereótipo assim gigantesco que a gente conseguiu sentir na pele mesmo.”

[Universitária 2]

**Essa imagem ainda existe, tá? Mas já é melhor do que foi, do que era**, porque assim, a gente pensa que 2016 foi logo ali, não é? Mas não é. Mas não, foi há muito tempo, principalmente porque para um imigrante, não é? É muito tempo. Em 2016, quando eu cheguei, ainda tinha poucos brasileiros, não é? Não era assim aos montes. Essa enxurrada, que tem agora que é quase que natural, não é? Mas na altura, não, não é...tinha muitos, mas não era como é agora. Eu cheguei, estou eu, estou, logo como negativa, só por eu ser brasileira (risos), pois eles pensam **que a gente não trabalha e que viemos roubar o marido delas**. Esses estereótipos eu ouvia de várias senhoras de idade que usavam essas frases assim. Pronto.

[Universitária 3]

Totalmente! Principalmente aqui na Europa! Eu acho que as mulheres brasileiras **são vistas ainda, é claro que a tendência tem sido isso mudar um pouco ao longo dos anos, e lá está da aproximação do Brasil com Portugal na comunicação, nas redes sociais e isso tudo**. Mas tem muito essa coisa da mulher brasileira **ser fácil e de ser “quente”, mas de uma forma mais pejorativa**. E você vê que eles falam do tipo “Ah, então tu és brasileira” (imitando a voz de outra pessoa), mas com um tom muito pejorativo, sabe? Tu sabe que tu é brasileira, já passou por isso, de certeza! Mesmo que seja uma vez na vida. **Eu acho que toda mulher brasileira já passou por alguma situação assim**. É,

então eu, eu acho que sim, ainda tem essa mentalidade muito machista em relação às mulheres, vindo principalmente dos homens. Mas também tem **mulheres, as mais velhas**, que você se vê, que elas ficam meio com o pé atrás quando ver que você é brasileira e tal que. Porque elas mudam a postura delas com você, especialmente a forma de tratar.

*[Universitária 5]*

Como é possível verificar, a mudança de mentalidade mencionada foi justificada por uma das participantes pelo crescimento do número de imigrantes no país, enquanto outra entrevistada explica que poderá ter sido resultado do contacto mais direto entre as duas culturas, possibilitado pelas redes sociais e pelos media. É difícil mensurar se o imaginário tem vindo a regredir ou não, mas é bastante positivo que algumas pessoas sintam essa evolução. Contudo, ainda assim, é possível apurar que todas as entrevistadas chamam a atenção para questões muito semelhantes face à imagem da mulher brasileira, incluindo sempre a sexualização, a intelectualidade, o interesse por homens portugueses, muitas vezes motivadas pela obtenção dos documentos europeus.

Para além disso, algumas das participantes mencionaram o facto de as mulheres serem diretamente vinculadas à prostituição. Acreditamos que essa realidade está relacionada com muitos fatores, mas que poderá ter um resquício da imagem das imigrantes, consequente do episódio das “mães de Bragança”. Importa mencionar que, nessa altura, havia, na região de Bragança, muitas mulheres prostitutas de nacionalidade brasileira que ficaram conhecidas por serem “destruidoras de lares” e por atraírem descaradamente os maridos das portuguesas, com a imagem de “pecadoras e “viciosas”.

Como efeito, surgiu, naturalmente, uma comparação e competição entre as portuguesas e as brasileiras, inclusive, Pais (2010, p. 15) menciona que, no episódio das “mães de Bragança”, “os “pobres homens” (...) culpam as suas mulheres de não terem os dotes sedutores das brasileiras e de não saberem fazer as “coisas” que elas sabem fazer”. Seguindo esta mesma linha de pensamento, a universitária 4 mencionou sentir um certo ambiente de competitividade entre as mulheres: “nos torna fáceis ou acham que estamos sendo competitivas com as outras mulheres”, consequência do imaginário existente. Sabemos que o acontecimento das “Mães de Bragança” não é certamente o único causador de todas as representações mencionadas, mas pode, indubitavelmente, ter colaborado para marcar a memória dos/as portugueses/as.

## 6.4. Noções prévias dos estereótipos

A pergunta seguinte visava entender se as entrevistadas já tinham ou não conhecimento sobre o imaginário da mulher brasileira. Apenas 4 das 10 participantes tinham algum conhecimento, as restantes não tinham qualquer noção sobre esse imaginário. Todavia, mesmo as que já tinham alguma ideia sobre isso, não entendiam o que realmente significava ser mulher brasileira em Portugal e mencionaram que sentir isso na pele não foi fácil, como é possível ver nas respostas seguintes:

**Sim, sim, já tinha ouvido falar, então eu já vim meio que preparada.**

*[Universitária 1]*

**Tinha ideia de que acontecia, porque essa minha amiga dizia, mas não a assim tão real a ponto de sentir na pele.** As pessoas têm de entender que cada um tem...tem brasileiras que são mais atiradas, e tem outras que não, assim como em qualquer cultura, não é? portuguesas, espanholas, enfim, como todas as outras. Então foi isso, quando eu vim, foram só essas informações que eu tinha. **Mas eu nunca imaginei, porque a gente nunca imagina que vamos conseguir tirar de letra, não! Depois você está na situação e você está lá em baixo e triste. Portanto é isso.**

*[Universitária 3]*

**Sim. Como brasileiro, a gente sempre ouvia brasileira no exterior é puta, homem brasileiro no exterior, é golpista, sabe? É estelionatário.** Acho que a gente sempre ouve isso, sempre tem aquela imagem de Carnaval, até em filmes e coisas assim.

*[Universitária 10]*

**Não da forma como é,** mas imaginava sim porque desde o Brasil, eu já sabia que a mulher brasileira sempre foi muito sexualizada e também pela mídia, etc... então as pessoas pensam, “meu Deus, Carnaval, Rio de Janeiro, mulher pelada, praia”. É uma coisa que é difícil de desassociar, eu acho que já vim para cá sabendo que existia uma fama, mas assim chegando aqui se comprovou, e é isso. Mas não vim para cá achando que isso nunca acontece e **cheguei aqui e levei um susto.** Não! já vim sabendo que existia.

*[Universitária 7]*

Em contrapartida, as restantes participantes mencionaram que não tinham qualquer conhecimento prévio, o que acabou por ser uma surpresa negativa e um empecilho na adaptação das mesmas.

**É, não, não acho que...não especificamente da mulher brasileira,** no geral, sabe? É, eu tinha a noção que muitos estrangeiros falavam do corpo da mulher brasileira, mas não em contexto internacional. Então, tipo, era muito mais relacionado, sei lá, ao samba e à mulata.

*[Universitária 8]*

**Não, não fazia a menor ideia.** Infelizmente, eu vim com uma cabeça, com a ideia de que aqui era 1001 maravilhas, que as coisas que passavam no Brasil, jamais iriam passar aqui. Quando da verdade parece que aqui é mais intenso até. **Como você não está preparada para passar por essas situações,**

**por você achar que não tem, parece que vem com um impacto muito maior. Eu não fazia menor ideia. Não tinha noção nenhuma.**

*[Universitária 6]*

**Não, não fazia ideia.**

*[Universitária 5]*

**Não! Não imaginávamos sequer.** É uma coisa que eu nunca tinha pensado.

*[Universitária 4]*

Deste modo, compreendemos que algumas participantes ressaltaram a existência de marcadores culturais que ajudam no imaginário criado sobre a mulher brasileira. Foram mencionados tópicos como o samba, o Carnaval, a cor e a praia, fatores que as participantes dão a entender que moldam a imagem de sensualidade e de liberdade sexual das imigrantes. Durante a pesquisa teórica da dissertação, foram realçados os principais impactos dos media na imagem da mulher brasileira, tanto em Portugal, como no Brasil e foram abordados, também, o turismo sexual do Brasil como um fator preponderante na criação desse imaginário. Com as contestações das participantes, é possível evidenciar como esta realidade se reflete no dia a dia das mesmas.

No enquadramento teórico, demos destaque ao artigo “Retratos da mulher brasileira nas revistas Portuguesas”, de Oliveira, Cabecinhas e Cunha, que mencionaram a capa e o conteúdo de um artigo da Revista *Focus* sobre “Os segredos das mulheres brasileiras”, lançada em 2010. A revista continha fotos de mulheres brasileiras com trajes típicos de Carnaval com a seguinte legenda: “O Carnaval dura... dura... dura! Apesar de durar apenas três dias, o estereótipo da mulher com pouca roupa no Carnaval estende-se pelo resto do ano” (F. Oliveira et al., 2011, p. 8), como é possível verificar na figura 6.1. É interessante e preocupante observar que esta legenda, de mais de dez anos atrás, vai ao encontro do que as universitárias transmitiram nas entrevistas, ao demonstrarem que as mulheres brasileiras são, constantemente, retratadas com imagens de festa, samba, cor e sexo.

Figura 6.1 - Página 125 da Revista Focus, lançada em 2010



Fonte: [Mourão, 2010](#)

Vale relembrar que essa não é só a imagem que as revistas portuguesas partilham. De certa forma, essa é também a imagem que representa o turismo no Brasil, indo, mais uma vez, ao enquadramento teórico, onde foi apresentado o impacto do turismo sexual na vida das imigrantes, nomeadamente na sua imagem. Albuquerque et al. (2019) mencionam que os media brasileiros, assim como alguns órgãos e líderes políticos (por exemplo: a Embratur, e o ex-presidente Jair Bolsonaro mencionados previamente), acabaram por reforçar e propagar a imagem da mulher brasileira tanto a nível nacional quanto internacional. Com efeito, é possível verificar que realmente existem consequências claras desta disseminação, tanto nas suas vidas pessoais como profissionais e no âmbito universitário.

## 6.5. Impacto dos estereótipos

Nesta etapa da entrevista, a investigadora tentou entender se, do ponto de vista das participantes, o imaginário discutido e os preconceitos afetam ou não a vida das mulheres

brasileiras no país. Realçamos que, por ser uma entrevista semiestruturada, nem todas as participantes responderam a essa questão de forma direta. No entanto, as principais respostas foram as seguintes:

Hm...eu acho que pode ter uma...a mulher brasileira, ela pode ser **mais subjugada e ela pode ser mais assediada por causa disso**. Como se ela fosse mais **propensa a aceitar comentários de cunho sexual, ou propostas indecentes**. Eu acho que, nesse sentido, a **mulher brasileira acaba saindo mais, mais ainda do que as mulheres já** são vulnerabilizadas no contexto social.

*[Universitária 8]*

Afeta muito, **afeta no mercado de trabalho, afeta em relações até mesmo de amizades. Torna-se mais difícil ter uma relação saudável e de amizade real também com os rapazes, porque sempre se torna como se fosse com segundas intenções. Às vezes, não... sempre!** Nem sempre tem essas segundas intenções. Então, e até no mercado de trabalho torna-se mais competitivo. **Parece que estamos querendo tomar o lugar das outras mulheres, e não**. Isso acaba atrapalhando, o estereótipo atrapalha muito. Muito, muito. Dá até aquele medo de “Como que eu vou me vestir para o trabalho?” para não ser aquele tipo de mulher que vai ser olhada e sempre fala “ah lá a brasileira”. Isso é terrível.

*[Universitária 4]*

Definitivamente. Eu acho que sim, principalmente **em termos de trabalho e vida secular**. Eu vejo muitas diferenças de mulheres: Vêm cá para o primeiro trabalho e o que encontram é numa fábrica e às **vezes são mal interpretadas, são mal vistas**. As pessoas olham de lado só porque são brasileiras e eu acho que, definitivamente **isso afeta o dia-a-dia e acaba se tornando, uma insegurança até**.

*[Universitária 2]*

A gente tenta **tomar um pouco mais de cuidado**, algumas roupas a gente acaba evitando ou, sei lá, **a gente acaba, parece que sempre vai, mas vai com medo**.

*[Universitária 1]*

Nas quatro opiniões expostas, todas as participantes mencionaram que o estereótipo leva a algum tipo de desconforto e, até mesmo, ao medo da maneira de como serão interpretadas, o que afeta o cotidiano, a vida laboral e as relações sociais das mesmas. Posto isto, podemos concluir que o peso das representações sociais, sentidas quase como senso comum, acaba por ser um forte divisor na sociedade. Acreditamos que o/a imigrante acaba por ser o/a “sujeito genérico” (Spink, 1993, p. 307), ou seja, em virtude dos estereótipos existentes, cada mulher brasileira carrega consigo o peso de todos os estereótipos propagados e acaba por ser tratada pela sociedade como tal. Por isso, todas acabam por se queixar relativamente do mesmo.

Devido à origem marcadamente mais sexual do imaginário da mulher brasileira, as participantes acabam por desabafar que precisam ter cuidado na maneira como se vestem, como falam como se comportam no seu dia a dia. Podemos concluir que esse imaginário limita e gera desconforto na relação das mulheres com os seus próprios corpos, e até com as

próprias roupas, devido ao medo de serem “mal vistas” pela sociedade. Perante esta realidade, a Universitária 4 expressou que precisa ter cuidado até na maneira como fala com professores e colegas, por receio de parecer que existem segundas intenções por detrás das suas ações, o que levou a que sentisse dificuldades em construir amizades na universidade, como é possível ver no seu depoimento:

Como estudante **me fez questionar várias vezes se ali era realmente o meu lugar, se eu realmente seria avaliada ou se eu seria avaliado como um português, avaliado como qualquer outra colega que estivesse lá** ou me fez questionar se aquela típica frase que a gente lê no Facebook da vida, aquelas páginas de discussões que é “**volta para a tua Terra**”, **se aquilo se se enquadrava e me fizeram questionar várias vezes se eu conseguiria terminar uma licenciatura ou não.** E como **mulher me fez repensar várias vezes o tipo de roupa que eu ia vestir** ou no meu tom de voz ou da maneira que eu fosse sorrir ou me sentar ou **como que eu olharia para um professor para não significar que eu estava dando em cima dele ou dando em cima de um qualquer outro aluno.** E isso me fez também muitas vezes retrair muito e sinto que senão fosse essas causas, eu teria feito muito mais colegas, muito mais amigos, e teria tido uma experiência muito maior na faculdade.

*[Universitária 4]*

Para além das questões discutidas, uma das participantes revela que os impactos, por vezes, estão implícitos nas ações das pessoas:

Olha, **eu acho que atrapalha assim como qualquer outro estereótipo...** ele pode não te atrapalhar diretamente, ou seja, você pode não deixar de ter acesso a uma oportunidade, porque a pessoa vai te falar “Não é porque você é mulher e brasileira”. **Mas é o tipo de coisa como está muito implícita.** Às vezes as pessoas se impressionam.

*[Universitária 7]*

Por fim, a Universitária 5 afirma que essa realidade pode assustar as imigrantes recém-chegadas, que não estão preparadas e informadas sobre o imaginário existente em torno da comunidade brasileira:

100%! Não, não digo que a mim afetou, porque eu acho que eu vim para cá muito nova. E eu...tenho o meu ciclo de amizades, que é muito...que...foi estabelecido desde dessa altura, então não sinto isso por parte dele. Mas no caso das pessoas que vêm, por exemplo, que estão aqui há pouco tempo, **só há alguns meses ou há 1-2 anos, acho que se não vierem bem informadas e cientes que ainda existe essa mentalidade, podem sofrer um pouco sim com isso.**

*[Universitária 5]*

Esse comentário faz-nos refletir sobre, até que ponto, os estereótipos podem afetar negativamente as experiências de algumas universitárias brasileiras no âmbito académico. Pois chegam ao país com muitas expectativas e sonhos e acabam por lidar com algumas frustrações consequentes de práticas preconceituosas que as limitam como mulheres na sociedade, como é possível ver no testemunho seguinte:

E eu acho que isso super me afetou, porque **eu sempre estava esperando pelo pior.** Eu sempre, todos os dias, **estava esperando por um episódio de xenofobia.** E eu ficava pensando, como é que eu ia

responder a xenofobia. Sabe, tipo, quase que treinando no espelho (risos), se ele falar tal coisa, eu vou responder tal coisa, porque na hora você fica tão chocado...

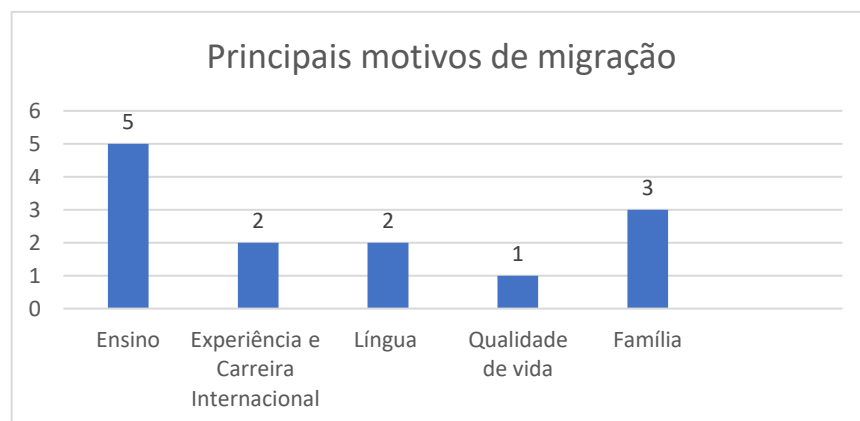
[Universitária 10]

## 6.6. Fatores que motivaram a escolha de universidades portuguesas

Um dos objetivos específicos da investigação visa entender a razão que influenciou a escolha das participantes em estudarem numa universidade portuguesa, seja a nível de mestrado ou licenciatura. Apesar de a amostra ser constituída por alunas ou ex-alunas universitárias, as razões de terem vindo para Portugal são variadas. Destacamos a importância de lembrar que os dados apresentados não podem e nem devem representar a realidade de todas as estudantes brasileiras no Porto, mas podemos, através da amostra, perceber alguns dos principais motivos existentes. Para tal, na análise das entrevistas desenvolvemos a categoria “Fatores que contribuíram para a escolha de Portugal como país de migração”, e as principais subcategorias criadas foram: Ensino; Experiência e Carreira internacional; Língua; Qualidade de vida e Família.

De entre as 10 entrevistadas, algumas participantes deram mais do que uma justificação para a sua escolha, o que explica o número de motivos ser superior ao número de respondentes. A razão mais mencionada foi a qualidade e o preço do ensino em Portugal (5 participantes) e o motivo menos referido foi a qualidade de vida (1 participante). Nos próximos subcapítulos, iremo-nos debruçar sobre as principais causas aludidas através da apresentação e da análise das respostas das participantes.

**Gráfico 6.1 - Principais motivos que levaram à migração das**



### 6.6.1. Ensino

Como previamente aludido, muitas razões levaram a que estas imigrantes escolhessem Portugal e, nomeadamente, a cidade do Porto para estudar. No total, 4 das 10 participantes mencionaram que vieram para Portugal propositadamente para estudar, como é possível verificar nos testemunhos seguintes:

Foi mesmo pela oportunidade que surgiu e, principalmente, **já tinha interesse na área das relações internacionais, por isso eu pensei que poderia ser bom para o meu gosto, para a minha experiência como internacionalista.** Então, foi uma história bem engraçada, porque eu estava no Facebook, e eu **vi uma notícia de um jornal qualquer, falando sobre as 15 universidades em Portugal que você conseguiria entrar com a nota do ENEM<sup>13</sup>.** A verdade é que eu já estava inscrita numa faculdade de jornalismo no Brasil, então já tinha começado assim, o que eu achava que eu ia fazer como licenciatura. E...eu li a notícia, fiquei interessada, achei superinteressante, nem sabia que existia essa possibilidade. Hum... fiquei curiosa e quis **ver se minha nota daria para entrar na faculdade em Portugal** ou não, e acabou que daria e **era um momento em que o euro estava muito bom. Como eu estava fazendo uma faculdade privada no Brasil, eu percebi que, com o valor da mensalidade da minha faculdade, conseguiria viver em Portugal bem e me joguei assim. Pensei que poderia ter uma experiência.**

*[Universitária 8]*

**A universidade. Eu prestei o ENEM lá no Brasil e me falaram que, com a nota do ENEM, eu conseguiria ingressar numa faculdade aqui em Portugal. Me interessei muito pelo assunto, e tive nota suficiente para passar na publica aqui, que foi no ISEP<sup>14</sup>.** E aí quando deu tudo certo, fiz a minha inscrição ainda lá no Brasil, deu tudo certo eu vim para cá. **Eu já tinha familiares que moravam aqui,** minha tia, meus primos. No início, eu fiquei na casa deles até começarem as aulas...e **foi mesmo por causa da faculdade.**

*[Universitária 6]*

**O motivo principal de eu ter vindo, primeiro, foi conseguir fazer um mestrado,** um estudo mais personalizado, mais acessível, porque, **mesmo convertendo os mestrados da região da onde eu moro, eram muito mais caros, então esse foi o primeiro ponto,** que foi mesmo estudar, fazer um Mestrado.

*[Universitária 3]*

É, na verdade, eu não vim para Portugal por uma escolha minha própria. **Eu vim por livre e espontânea pressão dos meus pais (risos).** É, eu tinha passado na federal no Brasil e foi um sufocante para passar, não é? Foi muito difícil para passar, e eu me esforcei muito, então eu queria cursar tipo, não queria vir embora. Eu queria cursar na Federal. Só que a minha mãe trabalhava na PUC, então ao mesmo tempo que eu queria cursar na federal, eu também queria estudar na PUC, mas na época era muito cara. Então, sem hipótese. A minha mãe andou pesquisando e eles tinham um colega, um casal de amigos, que eram portugueses, e aí ela começou a pesquisar o **valor das faculdades e viu que era muito mais barato, muito mais acessível.** Além disso, era uma faculdade na Europa e tal, para além disso abria portas para outros lugares. Ela queria me inscrever, mas eu não queria (risos). Aí, acabou que, que eu decidi que se fosse para ser eu ia passar e pronto, se não fosse, não ia. Então eu decidi que ela poderia me inscrever, ela me inscreveu, passei e vim. **Era mais pelo valor mesmo, pelo preço, que era muito mais acessível**

---

<sup>13</sup> Exame Nacional de Ensino Médio no Brasil

<sup>14</sup> Instituto Superior de Engenharia do Porto

**e porque era uma coisa que ia me abrir portas depois, não foi muito mais do que isso**, foi mesmo por causa da faculdade. Tanto que eu vim sozinha, eu tinha 18 anos quando eu vim.

*[Universitária 9]*

**Eu escolhi a FADEUP<sup>15</sup> porque uma professora do Brasil já tinha feito mestrado aqui**. Aí depois que eu vim, eu fiz uma disciplina num mestrado que eu acabei fazendo, gostei, me apaixonei e voltei para fazer.

*[Universitária 1]*

Através das respostas, é possível verificar que duas das quatro participantes mencionaram o ENEM como facilitador e impulsionador das escolhas de universidades portuguesas. Como exposto no enquadramento teórico, o estatuto de Estudante Internacional e o acesso ao Ensino Superior através do ENEM foram duas medidas políticas que levaram ao aumento da presença de imigrantes no país desde 2014, especialmente brasileiros/as. Nos últimos anos, o número de universidades recetivas à nota do ENEM tem vindo a aumentar atingindo, no ano de 2022, 51 universidades (Corrêa, 2022). No caso do Porto, as instituições que incluem o ENEM como modalidade de ingresso são: Instituto Politécnico do Porto (P. Porto), Universidade do Porto (U. Porto), Universidade Lusófona do Porto (ULP), a Escola Superior Artística do Porto (ESAP) e, por fim, o Instituto Português de Administração de Marketing (IPAM) do Porto (Corrêa, 2022).

Numa perspetiva geral, esta política de incentivo à entrada de alunos/as internacionais, especialmente voltada para estudantes brasileiros/as, ainda hoje tem efeitos positivos na integração destes/as no ensino superior português. Essa medida acaba por garantir diversidade cultural nas universidades, troca de conhecimento e aumento do número de imigrantes no país, assim como a qualificação dos mesmos.

Além do ENEM, três respondentes afirmaram que estudar em Portugal seria mais económico do que no Brasil, especialmente se estudassem em universidades privadas brasileiras. Por exemplo, a Universitária 8 mencionou: “Como eu estava fazendo uma faculdade privada no Brasil, eu percebi que, com o valor da mensalidade da minha faculdade, conseguiria viver em Portugal bem e me joguei assim. Pensei que poderia ter uma experiência”. Similarmente, a Universitária 3 realçou que, “mesmo convertendo os mestrados da região da onde eu moro, eram muito mais caros, então esse foi o primeiro ponto”. Por fim, com uma experiência similar, a Universitária 9 confirmou que “Era mais

---

<sup>15</sup> Faculdade de Desporto da Universidade do Porto

pelo valor mesmo, pelo preço, que era muito mais acessível e porque era uma coisa que ia me abrir portas depois, não foi muito mais do que isso, foi mesmo por causa da faculdade”.

De acordo com o artigo “É mais barato fazer faculdade em Portugal ou no Brasil?” da revista VEJA (Monzillo, 2017), a anuidade de uma instituição de ensino privada no Brasil, como por exemplo, a Fundação Getúlio Vargas (FGV Rio), no Rio de Janeiro, tem um custo de R\$ 59.472,00, enquanto a propina de uma IES pública em Portugal, tais como a Universidade de Coimbra (UC) que custa R\$ 26.914,08, e a da universidade do Porto que tem o valor de R\$ 22.840,80 (Monzillo, 2017). Ou seja, o custo de estudar fora do Brasil, acaba por ser mais económico do ficar no próprio país. Isto revela, para além da discrepância entre os valores, o poder de compra dos jovens que migram para estudar em Portugal, que optam por estudos mais económicos. Importa mencionar que o valor da moeda brasileira (Real) face ao Euro não é estático, variando de acordo com a economia dos países. Essa realidade pode afetar a decisão de estudar fora: “fiquei curiosa e quis ver se minha nota daria para entrar na faculdade em Portugal ou não, e acabou que daria e eu era um momento em que o euro estava muito bom” (Universitária 8).

### 6.6.2. Experiência e carreira internacional

No que concerne à ambição por uma carreira e experiência internacional, a Universitária 3, que já havia, também, abordado os estudos como uma das razões principais, adicionou igualmente a internacionalização profissional como um motivo. A inquirida explicou que os estudos seriam um meio para alcançar a evolução profissional desejada e, que mesmo já tendo uma vida estabelecida profissionalmente no Brasil, optou por arriscar:

E, depois, aquela chance de ter uma carreira Internacional, esses foram os dois grandes motivos da minha mudança. Eu fiz isso aos 30 anos. Eu estava bem resolvida profissionalmente no Brasil e tinha formação também pronto, mas queria aquela....hm... mudar um pouco, então foi nesse sentido.

*[Universitária 3]*

Similarmente, a Universitária 7 destacou que a única razão por trás da sua migração foi a busca de uma experiência fora do país de origem, apesar de já ter, também, uma vida estável no Brasil:

Eu vim para Portugal, porque na altura eu tinha acabado de terminar minha pós-graduação e eu sentia que era o momento certo que eu tinha para poder dar esse passo, **de ter uma experiência morando fora** e etc. E o **mestrado surgiu como a desculpa perfeita para minha família não achar que eu**

**estava ficando louca da minha cabeça de largar trabalho, família, tudo e vir para cá. É basicamente isso, foi isso que me trouxe para Portugal.**

*[Universitária 7]*

Perante as duas justificações, é pertinente destacar que ambas as entrevistadas já tinham experiência profissional e estudos completos quando migraram e que optaram por universidades portuguesas para complementar e consolidar conhecimento académico já existente. Estas duas realidades demonstram também um contexto migratório com perfil mais qualificado profissionalmente, instigando uma troca de conhecimento e experiência entre estudantes/profissionais nacionais e internacionais. Esse perfil vai ao encontro da literatura que diz que a imigração brasileira recente é mais qualificada, especialmente a partir da crise de 2008, em que a vinda de muitos/as imigrantes altamente qualificados e estudantes passou a ser uma realidade no país (Fernandes et al., 2015). Acreditamos que essa realidade se mantém até a data.

### 6.6.3. Língua

A língua é um aspeto muito importante na integração de estrangeiros/as num novo país. Não saber a língua e não entender o idioma é um grande entrave na socialização, no crescimento profissional e bem-estar de qualquer imigrante. Considerando essa realidade, 2 das 10 participantes explicaram que a vinda para Portugal foi motivada pela partilha da mesma língua:

Só que era **por causa da língua**, eu decidi vir para cá

*[Universitária 1]*

**E também a língua**, com certeza. Porque tenho muitas dificuldades com línguas. E como em Portugal se fala o português, que é a minha língua maternal, também era mais fácil para ser compreendida

*[Universitária 4]*

Importa realçar, que como já aludido no enquadramento teórico, a língua portuguesa provou ser uma das razões da elevada presença de imigrantes na comunidade CPLP em Portugal e no caso dos/as brasileiros/as não podia ser diferente. De acordo com artigo “Jovens brasileiros querem deixar o país e vir para Portugal e para os EUA” escrito Ferro et al., “no caso dos brasileiros, a proximidade cultural e linguística facilita a integração”(2018). O facto de os países terem a mesma língua facilita na compreensão dos/as estudantes face

aos conteúdos lecionados em sala de aula. Por conseguinte, a menção do fator língua como justificação para a migração não é surpresa e poderá ser a razão de muitos/as imigrantes brasileiros/as escolherem Portugal como país de acolhimento, embora, no caso desta amostra apenas 2 pessoas terem abordado essa questão.

#### 6.6.4. Qualidade de vida

A busca por melhor qualidade de vida foi mencionada apenas uma vez, no caso específico de uma universitária que veio ainda na sua infância para Portugal:

Condição de vida melhor. Definitivamente, **foi o que levou os meus pais a emigrar para uma vida melhor, principalmente a nível financeiro** (...) Era um lugar onde tinha bastante oportunidade. Na altura, ele [pai] veio sozinho primeiro. Passado 2 anos, é que a gente veio. Ele veio e estabilizou tudo. Aí quando ele já tinha uma casa e trabalho, é que a gente veio, mas pareceu assim, um lugar seguro e bom para a partir do zero.

*[Universitária 2]*

Apesar da qualidade de vida ser a razão menos mencionada na amostra entrevistada, a busca por melhores condições de vida, assim como o bem-estar, que nem sempre o país de origem pode fornecer, foi, muitas vezes, uma razão fundamental para que uma taxa elevada de imigrantes saísse do Brasil. Na realidade, sabemos que “fatores económicos e seus numerosos impactos na qualidade de vida da população são um dos principais motivos pelos quais migrantes optam por residir no exterior” (A. Barbosa & Lima, 2020, p. 98).

No capítulo 1.3 do enquadramento teórico sobre a evolução migratória da comunidade brasileira em Portugal, verificamos que, na terceira fase, correspondente ao período entre 1980 e 2008, muitos/as brasileiros/as buscavam melhores condições de vida, consequência das recessões económicas no Brasil. Acreditamos que essa busca por estabilidade ocorra em todas as fases da migração, seja para vir para Portugal ou para retornar ao Brasil, como foi o caso de inúmeros/as imigrantes brasileiros/as na crise económica de 2008.

Portugal apresenta qualidade de vida, segurança e estabilidade, respondendo a muitas necessidades e ambições de imigrantes. Na partilha da história da Universitária 2, podemos verificar que, primeiramente, o pai dela veio para Portugal, e depois veio o resto da família. Esse testemunho reflete um modelo de migração clássica, em que o homem da família ia na frente para garantir estabilidade, e só mais tarde sucedia à reunificação familiar.

No fundo, acreditamos que a qualidade de vida é um fator essencial e, mesmo não sendo mencionado por todas as participantes, acaba por ser uma motivação intrínseca por detrás de escolhas que recaem sobre a qualidade de ensino, carreira internacional, bem-estar, custo de vida mais económico, etc. Todos esses fatores podem ser, de certa forma, inseridos no setor “qualidade de vida”.

#### 6.6.5. Família

A família acaba por ser um forte fator de incentivo para a migração de muitas pessoas, sejam elas estudantes ou trabalhadoras, pois ter uma rede de apoio noutra país é uma mais-valia para qualquer imigrante. No caso da amostra, 3 universitárias justificaram a sua vinda para Portugal por motivos familiares. A Universitária 10, por exemplo, tinha família portuguesa, e logo tinha a dupla nacionalidade, assim como habitação própria em Portugal, o que incentivou a sua adaptação e facilitou na integração inicial. Outra questão mencionada pela mesma universitária foi o custo de vida favorável em Portugal:

**Minha família por parte de pai é toda daqui**, então, desde que eu tenho 7-8 anos, **eu tenho cidadania portuguesa**. Eu sou do Rio, mas eu estava morando em São Paulo, nos últimos 2 anos, antes de eu vir para cá. Eu trabalhava de modelo antes e eu não queria voltar para Niterói, que era onde eu morava, especificamente no Rio. E então, meus pais falaram... Eles viajaram para cá, tipo, sei lá, em setembro de 2019, e falaram: **“a gente comprou um apartamento porque a gente quer se aposentar em Portugal e, se vocês quiserem, vão! Porque São Paulo é muito caro, não tem condição de ficar mantendo vocês aí e a gente aqui.”** Então hm... foi, foi meio que uma opção que apareceu, nunca foi exatamente o meu sonho, **mas foi uma oportunidade boa, entendeu?** Eu era modelo na época que agora já não sou mais, mas ao estar na Europa e poderia ter uma vida mais tranquila e eventualmente estudar também, como veio logo a pandemia eu só fiquei nisso de estudar.

*[Universitária 10]*

No segundo caso, foi uma situação mais específica, em que a mãe da participante se apaixonou por alguém de nacionalidade portuguesa e decidiu mudar-se para Portugal.

**Tá, primeiramente, foi minha mãe que escolheu (risos)**. Porque **ela conheceu um português e se apaixonou** aí, entretanto, ele foi ao Brasil conheceu a família e tal. E a minha mãe decidiu vir morar para cá. E aí com ela, vim eu e o meu irmão junto. Então foi por razões amorosas (risos).

*[Universitária 5]*

Por fim, a presença de família já residente em Portugal também é uma realidade bastante comum. Esse tipo de ligação facilita a integração, adaptação e suporte nas dificuldades iniciais da chegada dos/as imigrantes ao país, especialmente se este/a for um/a jovem universitário/a.

**Porque eu já tinha aqui familiares**, então já era um desejo de muito antes, de muito nova, muito anos.

*[Universitária 4]*

Num balanço geral deste capítulo, podemos concluir que para as participantes desta investigação, a principal razão pela qual escolheram uma universidade portuguesa para iniciar ou complementar o seu ensino superior recai sobre a busca de melhor qualidade de ensino, motivada pela facilidade do acesso ao ensino superior português com a utilização da classificação do ENEM. Além disso, foi realçado, entre muitas participantes, a acessibilidade dos valores, tanto dos emolumentos das universidades como dos custos de vida no país. Por outro lado, o motivo menos abordado foi a qualidade de vida, mas, se analisarmos de forma clara, o custo de vida pode, de certa forma, ser considerado um fator inserido na qualidade de vida.

O segundo motivo mais abordado pelas entrevistadas foi a família, o que simboliza que algumas delas já tinham uma base familiar em Portugal, o que não é surpreendente, considerando que a comunidade brasileira representa o maior contingente migratório no país. Deste modo, é possível interpretar que a presença de imigrantes acaba por atrair ainda mais imigrantes, seja por laços familiares, por busca de uma rede de apoio ou até mesmo pelos exemplos de sucesso de integração no país, podendo aliciar outros/as brasileiros/as a buscarem oportunidades semelhantes.

Por fim, a língua e a experiência internacional foram, conjuntamente, incluídos. Ambos os fatores demonstram a importância da comunicação e a maneira como Portugal é percebido como um país próximo culturalmente e repleto de oportunidades profissionais e académicas. Isto fez com que algumas universitárias e ex-universitárias se sentissem motivadas a vir para o país.

## **6.7. Impacto dos estereótipos na integração de alunas brasileiras no ensino superior nas universidades do Porto**

Uma vez que já compreendemos as perceções das respondentes face aos estereótipos existentes, passaremos ao terceiro e último objetivo da dissertação, que visa confirmar se existem ou não impactos consequentes dos estereótipos na integração das universitárias

brasileiras no ensino superior em Portugal com base na experiência das 10 entrevistas. Para tal, as categorizações das entrevistas foram divididas em três subcategorias principais: a) integração; b) episódios de xenofobia e preconceito nas universidades e c) relação com a universidade. Nos subcapítulos seguintes iremo-nos dedicar a analisar cada categoria e subcategoria, de modo a responder de forma eficiente à questão de partida.

Nesta fase da entrevista, o objetivo era entender como ocorreu o processo de integração das participantes no país, especialmente em termos sociais. Posto isto, na categoria de integração, duas subcategorias foram desenvolvidas: adaptação inicial no país e círculo de amizade.

### 6.7.1. Adaptação

No que concerne à integração inicial das inquiridas, as respostas foram divididas em dois tipos, 50% das participantes admitiram sentir muita dificuldade, especialmente entre os primeiros 6-12 meses no país, enquanto a outra metade, afirmou ter tido uma inserção tranquila. No caso das universitárias que apresentaram algumas dificuldades de adaptação, foram abordadas inúmeras razões com base nos diferentes contextos e circunstâncias. Por exemplo, a Universitária 3 explicou que uma das principais dificuldades sentidas se baseava na realização de trabalhos precários, mesmo tendo experiência profissional e qualificações para postos de trabalhos qualificados. A entrevistada realçou que o problema não era o emprego em si, mas sim a forma como era tratada nesses locais de trabalho:

**O primeiro ano foi horrível! Chorei imenso (risos)! Pensei em desistir muitas vezes. Não que eu não pense ainda...às vezes me dá uns surtos, e eu também penso em voltar. Hm... mas o primeiro ano foi o pior. Foi um ano desafiante. Primeiro você tem que esquecer toda a bagagem que você tem. Quando você chega num outro país e mesmo que você tenha qualificação, muitos anos de experiência, quando você chega assim, sem ninguém, lhe dando um suporte de trabalho (...) **você tem que trabalhar como todo o imigrante, não é? É lavando prato, é limpando o chão, e essas coisas, sabe?****

E isso mexe muito, mexe muito com, **principalmente quem já tinha uma carreira no Brasil**, que era o meu caso. Eu tinha o meu trabalho muito sólido lá e já era Gestora de Projetos. Já, eu já...tinha uma carreira profissional, já sabia o que eu queria. Eu já tinha os trabalhado em empresas grandes. E isso foi para mim muito difícil, porque não foi o facto de trabalhar só assim em lugares, não tem nada a ver com isso... **A questão foi como eu era tratada nesses lugares. (...) Eu não estava esperando que as pessoas fossem tão baixas, e isso foi uma das coisas que mais me chateou profundamente (com choro na voz). São coisas que eu até me emociono, até hoje... porque foram coisas mesmo difíceis.**

[Universitária 3]

Ao recordar todas as dificuldades sentidas nos tempos iniciais em Portugal, a Universitária ficou muito emotiva. A sensação transmitida e as restantes histórias partilhadas pela mesma demonstram, sem dúvida, que muitas vezes foi inferiorizada nos ambientes de trabalho que frequentou. No que concerne à questão da mudança de profissão em Portugal, vimos, anteriormente, que, durante as diferentes fases da migração, o perfil do imigrante foi sofrendo drásticas mudanças e, na grande maioria das vezes, acabavam por responder às necessidades económicas do país (Padilla & Ortiz, 2012). Posto isto, entende-se que a presença de muitos imigrantes, com poucas qualificações, levava a que ocupassem cargos de trabalhos pouco qualificados, ajudando a diminuir a escassez de mão-de-obra nessas áreas. Todavia, o que não analisámos no enquadramento teórico foi a desvalorização das experiências profissionais dos/as imigrantes.

Na visão de Peixoto & Abreu (2009), existem algumas razões que levam ao pouco aproveitamento do potencial dos imigrantes no país, sendo uma delas associada aos “obstáculos” e “telhados de vidro” formais e informais que se colocam aos trabalhadores estrangeiros, designadamente devido a situações de discriminação e às dificuldades que continuam a existir em termos do reconhecimento e validação de competências” (Abreu & Peixoto, 2009, p. 740). Nesta mesma linha, os autores argumentam que a competitividade entre imigrantes e trabalhadores nacionais fomenta esse desperdício de competências, por isso, muitas imigrantes acabam por aceitar vagas de trabalho rejeitadas pelos/as portugueses/as. Outro ponto importante realçado pela Universitária 3 foi a existência de um grau de “desconfiança” por parte dos portugueses face aos/às brasileiros/as recém-chegados/as, o que também tornou a sua adaptação mais complicada.

(...) No fim do primeiro ano parecia que estava aqui há 5 anos. **Eu estava um caco. Completamente exausta, cansada (...)** Pronto, o que, que tu sentes no início, é que eles desconfiam e sinto até hoje, não, é? **O português desconfia de ti, logo que você chega assim. Então, a sensação é que você já entra negativa, entendeu? Com o tempo é que eles vão percebendo como é que você é e pensam: “Bom, será que ela uma Brasileira boa, ou uma Brasileira má?” (risos).** Ao ponto que eles compreendam que... “não, ela estuda, ela é esforçada, ela trabalha...”. Só aí você vai conseguindo ganhar teu espaço (...). Mas o primeiro e segundo ano foram barreiras horrorosas que eu tive de enfrentar mesmo. Não conhecia ninguém. Eu cheguei, estou eu, **estou logo como negativa, só por eu ser brasileira (risos)**, pois eles **pensam que a gente não trabalha e que viemos roubar o marido delas.** Esses estereótipos, eu ouvia de várias senhoras de idade que usavam essas frases assim. Pronto.

[Universitária 3]

Além da Universitária 6, mais 4 respondentes demonstraram dificuldades de integração. A Universitária 4, por exemplo, teve dificuldades de inserção na escola com professores/as e colegas, o que a fez mudar de instituição.

**Terrível! A nível de estudo... A nível cultural, para mim, foi tranquilo, na boa, mas depois a nível de estudo, eu tive uma experiência muito negativa no secundário.** Eu cheguei aqui para fazer o 12º ano só que eu queria voltar para o 10º e não foi permitido, então fui fazer uma experiência. E lá, eu tive um...eu acho que o caso mais sério de xenofobia, que foi para uma professora de Português que me perguntou o que é que eu estava fazendo aqui, que eu não ia conseguir e que nenhum aluno que chega do Brasil consegue chegar no 12º ano e terminar o 12º ano, porque é muito difícil e muito diferente. Eu lembro que estávamos estudando o Memorial do Convento, que é uma obra de Saramago e tem partes que falam do Brasil e ela, tipo, distorcia o contexto e falava, **“porque nós pegamos o que era nosso por direito. Pegamos o ouro porque era nosso por direito”**. Tipo, eu via os olhares dela se direcionavam para mim. **Então... essa fase para mim foi complicada, porque eu no Brasil, sempre tive notas muito altas. Eu sempre fui muito estudiosa e cheguei aqui e tive uma decepção terrível na primeira semana de escola. Isso me desanimou muito, muito, muito. Eu falei que eu não queria nem estudar.** Mas depois foi ajustando. Eu saí da escola, fiquei lá uma semana e não voltei lá mais.

[Universitária 4]

O caso da Universitária 4 representa a possível falta de preparação do corpo docente para receber alunos/as estrangeiros/as. Para além do caso desta universitária, o fator linguístico foi novamente abordado no que concerne a integração de duas participantes. Ambas afirmaram que a comunicação foi um entrave na integração no país, um problema que vimos no subcapítulo anterior, que realmente põe em causa o bem-estar, o diálogo e a socialização de qualquer imigrante.

Foi bem difícil. Foi... bem sofrido assim, porque eu era muito apegada a tudo lá no Brasil. (...) **Mas os primeiros meses foram muito intensos, eu não dormia, eu tive muita crise de ansiedade e eu queria voltar a qualquer custo.** Foi bem difícil, foi bem complicado (...). **Eu cheguei aqui e descobri que não sei falar português (risos), eu não entendia nada** (...) E, aqui o pessoal fala muito rápido, então, **eu não conseguia mesmo ter uma comunicação direito.** Então, o primeiro ponto foi comunicação, que eu preferia não falar com ninguém para não passar vergonha. (...) Eu acho que levei aí uns 3-4 meses para conseguir me comunicar bem... Mas a primeira coisa, sem dúvidas, a comunicação.

[Universitária 6]

Tanto que, nas primeiras aulas, eu não entendia nada do que eles estavam falando. Eles falavam uma coisa, e sei lá, eu não entendia nada. **E aí foi bem difícil assim, no início, a parte do idioma foi bem difícil de compreender, no início.**

[Universitária 9]

De entre as histórias partilhadas, duas alunas do ISEP apresentaram dificuldades de adaptação no ambiente universitário, o que fez com que houvesse obstáculos em conhecer pessoas e em estabelecer laços de amizade, inclusive, uma das participantes acabou por abandonar os estudos por causa disso:

**Eu, eu queria chegar abraçando e aqui não tem tanto essa coisa do abraço, e acabava sendo um pouco constrangedor.** Tipo, eu senti muito também esse impacto nas relações de sentimentos, sabe? Não é sobre tratar mal, nada disso. Mas assim, como eu vim muito intensa, eu precisava de abraços, de conversar, de falar muito. **E aqui não... aqui o pessoal é mais introvertido (...). E isso também foi um choque para mim, de ter de deixar esse meu lado muito, muito sentimental, muito intensa, para poder me adaptar à cultura daqui (...). Um dos motivos de eu ter desistido da faculdade foi essa minha péssima adaptação.** É... Hoje eu falo disso de uma forma mais tranquila, porque eu já entendi, eu já aceitei tudo o que eu passei, mas no início eu não conseguia nem falar porque **foi mesmo uma experiência muito traumática, traumática ao ponto de eu não conseguir entrar na universidade, no espaço, no local.** Às vezes, eu ia para a aula e sentava na frente da porta e não conseguia entrar na sala de aula. Muitas vezes optei por estudar sozinha na biblioteca. A gente lá no Brasil tem uma plataforma onde eu pedia apoio de reforço para quem fazia Engenharia Civil. **E eu estudava por ali porque eu não, não conseguia entrar na sala de aula. E muitas vezes eu senti que foi, sim, por eu ser brasileira e, também, por ser mulher.**

*[Universitária 6]*

**Assim, os primeiros 6 meses foram bem difíceis.** Primeiro, porque a faculdade, para mim, no início, foi bem decepcionante, porque estava acostumada a ter uma sala cheia, mesmo que fosse de noite. E eu cheguei aqui e a sala do pós-laboral é vazia, porque a grande maioria das pessoas estudam de dia. Então, antes já foi para mim assim, tipo, “meu Deus, não vou fazer amigos”. Porque na federal, você chega e você tipo... A verdade é que eu ainda cursei dois meses na federal, e você chega e já tem amigos. **Brasileiros chegam e você já tem amigos, as pessoas conversam e fazem amizade em menos de 5 minutos, e aqui não era assim.** Então eu cheguei, a sala estava muito vazia, assim e aquilo, para mim, foi meio assustador. **Nos primeiros meses, a gente não fala com muita gente, e até a gente entender isso...além disso, a parte da adaptação mesmo não foi fácil, porque eu sempre fui uma pessoa muito expansiva, eu sempre fui uma pessoa muito espontânea e quando eu cheguei aqui, nos primeiros meses me senti muito retraída assim, sabe?** Então foi bem complicado nos primeiros meses, especialmente até a gente conhecer as pessoas, ou conhecer um ou outro. Enfim, mas são os primeiros meses são bem... e eu era uma criança, não é? Nunca tinha morado sozinha, nunca tinha saído de perto dos meus pais, então foi bem complicado. Assim eu chorava bastante, foi bem, foi bem complicado (entre risos).

*[Universitária 9]*

Através dos testemunhos partilhados, foi possível entender que existe um fator preponderante na integração de qualquer imigrante, a socialização. A relação com outras pessoas é fundamental para o bem-estar mental das pessoas e, por vezes, a comunicação acaba por ser um entrave, como analisado no subcapítulo anterior. De facto, a dificuldade em fazer amigos pode impulsionar a desmotivação em frequentar a instituição de ensino, pois o/a imigrante já está num ambiente novo e desafiador e a incapacidade em inserir-se num grupo de amigos/as dentro do curso torna o processo mais árduo e solitário, levando a que uma das universitárias experienciasse crises de ansiedade.

As Universitárias 6 e 9 destacaram a diferença cultural nas relações ao dizerem que as pessoas em Portugal são mais “introvertidas” e que, comparativamente ao Brasil, fazer amizades é mais difícil devido à falta de intimidade e confiança por parte da população nacional. Perante essa realidade, algumas imigrantes acabam por estabelecer relações de

amizade com pessoas da mesma nacionalidade, de modo a conseguirem apoiar-se, pois os sentimentos e dificuldades são mútuos e passam a ser partilhados:

Hm... vendo hoje em dia, **eu vejo que foi difícil**. Assim, eu era nova, não é? E eu tinha acabado de fazer 19 anos, nunca tinha morado sozinha. **Felizmente tive pessoas, assim, muito legais que viveram comigo e que deram suporte e que também estavam na mesma situação, outras brasileiras que estavam morando sozinhas pela primeira vez, mais ou menos na mesma faixa etária.**

Mas obviamente **foi difícil ficar longe da família, sentir o que é realmente ter saudade e não ter uma data de volta para casa, e desconstruir um pouco esse conceito de casa, não é?**

*[Universitária 8]*

Além dos fatores anteriormente mencionados, o clima foi considerado uma questão que dificultou a adaptação de uma das universitárias:

**O Clima também foi um choque para mim.** O meu primeiro Inverno aqui foi... eu não sei nem explicar, porque ao mesmo tempo que eu estava vivendo um sonho (...) É um Natal de verdade! Mas também foi tão deprimente, vendo toda a gente lá no Brasil curtindo férias, só praia e eu aqui trancada dentro de casa dentro do aquecedor. Foi, foi tipo um choque também muito, muito intenso. **O meu primeiro ano aqui foi, eu acho que foi terrível. Eu não, eu só não voltei porque Deus não quis, de verdade. Mas o primeiro ano é muito sinistro.**

*[Universitária 6]*

As restantes 6 entrevistadas não sentiram qualquer dificuldade de adaptação, inclusive, duas delas migraram para Portugal durante a infância e revelaram não sentir tanta dificuldade de integração, afirmando que atualmente já se sentem adaptadas ao país.

**Olha, eu já me sinto bastante adaptada, e eu já falo que eu sinto que Portugal é a minha casa, não é?** Depois de tantos, tantos anos aqui, é uma vida já construída que eu já me sinto parte daqui. Claro que pronto, pode ter sempre aquela diferença e realmente eu vim do Brasil, sou brasileira, mas em termos de me sentir assim diferente, eu não me sinto mais. Já me sinto bem localizada e que faço parte de onde eu estou (...). Como eu estudei aqui desde o primeiro ano, foi só assim, a mesma mudança que se sente no geral de ir para a universidade, mas nada relacionado com a minha nacionalidade, nem nada do género. Isso foi tranquilo, normal (...). E assim, eu acho que foi bem diferente, bem complicado, porque era eu a pessoa diferente. Era todo mundo igual. Não tinha assim essa diversidade que a gente vê agora. **A gente que era deslocado, entendeu? Então eu acho que no início, assim foi bem complicado para adaptar.**

*[Universitária 2]*

É sim, eu entrei no quinto ano. **Eu não, eu não me lembro de ter tido nenhum sentimento negativo assim.** Nesse meio tempo, foi o tempo que a gente deu para sentir bastante saudade e tal do Brasil, porque a gente ficou meio que desocupado, não é? Sem ter que estudar. A partir do momento que a gente entrou para a escola, pra mim, pelo menos falando foi...eu não senti nenhum, nenhum tipo de dificuldade. Também, talvez por ser criança, eu acho que eu não tinha muito essa noção, mas eu gostei. Assim, acho que me adaptei fácil na escola no quinto ano. No caso, no Algarve.

*[Universitária 5]*

Por fim, o processo de integração das restantes participantes (4) foi mais tranquilo e sem tantas adversidades, apenas demonstraram ter passado pelo processo normal de sentir saudades da família e do país de origem.

Tranquila. Foi muito tranquilo.

*[Universitária 1]*

**Olha eu já me sinto bastante adaptada, e eu já falo que eu sinto que Portugal é a minha casa, não é?** Depois de tantos, tantos anos aqui, é uma vida já construída que eu já me sinto parte daqui. Claro que pronto, pode ter sempre aquela diferença e realmente eu vim do Brasil, sou brasileira, mas em termos de me sentir, assim, diferente, eu não me sinto mais. Já me sinto bem localizada e que faço parte de onde eu estou.

*[Universitária 2]*

**Para mim foi muito tranquilo.** Nunca tive problema assim de adaptação a nível social, acho que contribuiu muito o facto de eu ter vindo diretamente para a universidade. **Era um lugar que que já me proporcionava ter contato com outras pessoas e também com muitos portugueses.**

*[Universitária 7]*

**Então, este começo, eu não senti muito, porque eu estava realmente muito focada nisso de estudar, estudar, estudar.** É...então, eu não tive chance de conhecer ninguém ou de experienciar a vida aqui, nada. Como se eu tivesse me mudado para essa casa, mas não para Portugal (risos). Depois foi flexibilizando, lá para agosto, setembro e eu conheci mais, cheguei a viajar para a Espanha também, então comecei a achar isso legal essa facilidade de viajar e tal. Eu estava, quem sabe, eu estava tipo, vivo, eu não tava muito pensando nisso, sabe? Mais tarde que começou, que eu comecei a vivenciar melhor assim e eu comecei a sentir muito mais falta do Brasil, de São Paulo, de ter opções para fazer e tal, e das pessoas serem mais assim, mais abertas, sabe? Eu acho que no Brasil tem uma discussão social sobre as coisas bem mais avançada do que aqui. **Então, no começo, eu não consegui fazer muitas amizades.**

*[Universitária 10]*

Através dos testemunhos, podemos concluir que as experiências foram sentidas de forma distinta. Uma parte das participantes sentiu dificuldades em adaptar-se, e questões como língua, amizade, clima e as expectativas face à universidade foram aludidas. Em contrapartida, a outra parte das entrevistadas demonstrou menos dificuldade, tanto para conhecer pessoas novas como para adaptar-se à cultura. É importante reforçar duas questões, a primeira é que duas das entrevistadas que sentiram dificuldades em fazer amizade na universidade eram da mesma instituição, o Instituto Superior de Engenharia (ISEP). Podendo ou não ser uma coincidência, devemos chamar a atenção para essa questão. Talvez, o facto do ISEP ser, maioritariamente, frequentado por alunos do sexo masculino seja uma das razões que dificulta integração das estudantes. Em segundo lugar, entre as participantes que não demonstraram complicações na adaptação, duas migraram para Portugal ainda na infância, o que pode ter facilitado o processo de migração e/ou mudado a perceção das dificuldades enfrentadas.

Compreender a integração das imigrantes é um passo importante para aceder às dificuldades sentidas por cada uma. Infelizmente, muitas vezes, as adversidades levam à frustração

individual, solidão e até mesmo à desistência do curso superior, como ocorreu num dos casos e que será explorado no capítulo seguinte. Entender o impacto dos estereótipos também significa avaliar o processo de integração das participantes, que revelou não ser simples nem linear.

### 6.7.2. Círculo de amizade

Nesta etapa da análise iremo-nos depreender sobre o ciclo de amizades das participantes, em vista a entender se as suas relações são constituídas por imigrantes ou portugueses/as e se tiveram ou não dificuldades em fazer amigos/as. De um modo geral, muitas das participantes mencionaram ter amigos/as portugueses/as, mas na maioria dos casos, estão mais acompanhadas por colegas de nacionalidade brasileira.

Uma das pautas trazida por algumas das respondentes baseava-se na forma como sentiam um tratamento distinto por parte dos colegas de curso, tanto por serem mulheres, como por serem brasileiras.

E...parecia que eles não se sentiam confortáveis por eu estar ali. E com essas meninas, que no frio, iam com um decotão, eles tratavam elas de forma super normal. Por isso que eu tenho medo de julgar, porque eu não sei, mas é eu sinto que tinha esse constrangimento quando eles estavam perto de mim. **Talvez sim, por eu ser brasileira, porque eu não vejo outro motivo para esse constrangimento, porque se fosse constrangimento por eu ser uma mulher, aconteceria com as outras também.**

*[Universitária 6]*

Similarmente, as Universitárias 6, 8 e 9 explanaram que não conseguiram, durante todo o percurso académico, criar vínculos com os/as colegas portugueses/as do curso.

**Porque a minha turma era 99% homens e eu era a única mulher e a única brasileira.** Depois até entraram umas meninas, mas que não, não tiveram vínculo comigo, **não a gente não consigo se enturmar (...).** Uma coisa que eu acho ruim, **o brasileiro só consegue fazer amizade com o brasileiro dentro de universidade.** Um espanhol procura logo um espanhol, porque português só fica com o português e angolano com angolano. Cara, isso não é saudável.

*[Universitária 6]*

A gente era muito segregado, então eu fiz amizades, mas só fiz amizades com os brasileiros.

Hm...eu não sei até que ponto isso me afetou, mas assim é para mim, **era muito claro que existia um grupo dos brasileiros.** Assim, eu acho que a minha turma foi a segunda leva de brasileiros que entrou na universidade do Porto pelo ENEM. Então, ainda tinham poucos brasileiros assim, em comparação ao que tem agora. **A gente era muito segregado, então eu fiz amizades, mas só fiz amizades com os brasileiros e, em certo ponto, eu percebi que eu não me identificava tanto com as brasileiras que estavam no meu curso, mas eu não conseguia estar ali integrada no grupo dos portugueses(...).** **Eu vivi 4 anos em Portugal, e não tenho um amigo português, um amigo, amigo assim que eu possa falar, mandar uma mensagem e considerar um amigo. Todo mundo que eu convivia em Portugal era imigrante.**

[Universitária 8]

**Então, eu tenho pouquíssimas, eu não tenho amigas mulheres aqui portuguesas. Não tenho, eu tenho colegas, tipo colegas que me pedem coisas da faculdade.** Agora, se você me perguntar se eu tenho amigas? Não, não tenho. Não sei, é sempre é sempre, eu sempre sinto um olhar estranho, sabe? Sempre sinto uma coisa que não é verdadeira, sempre sinto que elas olham com um olhar, para tentar se sentir melhores do que você, seja culturalmente, seja intelectualmente, seja o que for, mas eu não sinto confiança, sabe? Eu não sinto confiança para abrir a minha vida ou para abrir uma amizade, mas assim, essa é a minha experiência, porque eu conheço várias meninas que têm amigas portuguesas e é tranquilo, sabe? Mas essa nunca foi a minha realidade (...).

Sim, 100%. Para não dizer que eu não tenho, os únicos amigos portugueses que eu tenho são da igreja (...). Inclusive, **90% dos portugueses que eu conheço são da igreja. (...) Tem pessoas que eu já conheço há quase 5 anos e só fui na casa de dois portugueses.**

[Universitária 9]

As três partilhas demonstram claramente uma insatisfação por parte das participantes face a esse afastamento em que sentiram que não conseguiram estabelecer laços profundos e íntimos de amizade com nenhum/a português/a, seja por serem mulheres ou por serem brasileiras. Inclusive, a Universitária 9 aborda sentir algum julgamento relativamente à sua cultura e desprezo sobre a sua intelectualidade. Essas histórias permitem-nos concluir que, seja qual for o fator, muitas mulheres brasileiras sentem dificuldade em adaptar-se e acabam por estar mais com pessoas da mesma nacionalidade. Um processo natural, no entanto, frustrante para qualquer aluno/a que busca estabelecer relações multiculturais.

Com efeito, uma das entrevistadas compartilhou uma história de um momento em que se sentiu verdadeiramente excluída dos/as restantes colegas de curso, e que a levou à desistência dos estudos.

Então sim, cara... foram momentos muito pesados. E assim, a cena que mais marcou para mim, e **que foi quando eu desisti mesmo, foi quando eu falei “Eu não coloco mais os pés aqui”**, foi numa matéria de química. A gente foi fazer prova de química e era uma matéria que eu tinha muitas dificuldades, porque nós tínhamos 2 professores (...). Eu tentava até fazer as coisas sozinhas, e tal, mas enfim... E aí eu fui pedir ajuda deles para eles me ajudarem e não sei o que... Aí levei uma lista. Isso foi antes de fazer a prova, levei uma lista de coisas que eu queria tirar dúvidas. E aí estavam os quatro meninos que eu sempre falava e mais umas 2 ou 3 pessoas em rodinha, falando sobre a tal lista que a professora mandou para estudar (...), **eu entrei na rodinha também. Cara, eles fecharam a rodinha em cima de mim e me deixaram para fora. Gente, eu fiquei tão, tão, tão mal, tão mal. Tipo foi tão horrível assim, tipo eu não acreditava que aquilo era real, sabe? Tipo, o que é que está acontecendo? O porquê disso?**

Eu tive muita crise de ansiedade, comecei a ter depressão, porque eu vim de construção civil do Brasil, eu tinha muitos amigos que entraram para engenharia civil lá no Brasil, e a gente estuda as mesmas matérias, as mesmas coisas. **Só que eles lá estavam todos juntos, estudavam junto, faziam tudo junto e entendiam a matéria... e eu aqui sozinha, super frustrada.** Então, tipo, pesou um pouco esse lado para mim. Eu comecei a pensar: “nossa, se eu tivesse lá, eu estaria com os meus amigos, seria tão diferente, não é? E... mas pronto aconteceu! E aí eu desisti (...) Veio a pandemia, as aulas começaram a ser online, aí, eu já tinha mesmo desistido.

*[Universitária 6]*

Pode-se avaliar que a integração no seio social gera bem-estar. Não obstante, quando uma pessoa não se sente bem recebido/a, como foi o caso da Universitária 6, as consequências podem se revelar graves. Neste caso em específico, a participante sentiu ansiedade, depressão e comparava a sua experiência com a dos/as seus/suas colegas no Brasil. Eventualmente, o peso da solidão levou à desistência do curso. Essa partilha faz-nos refletir até que ponto esse tipo de integração não deveria ser uma preocupação da universidade, na medida em que a garantia de uma boa integração poderá facilitar o sucesso académico dos/as alunos/as e pode diminuir a taxa de desistência no ensino superior.

Importa abordar que, apesar da desistência da Universitária 6, ela permaneceu no país a trabalhar e, atualmente, fez novos amigos/as portugueses/as e a relação com o país tornou-se bem diferente:

Então **hoje, graças a Deus, eu tenho muitos amigos portugueses**, inclusive, nesse meu trabalho que eu faço à noite, eu sou a única brasileira. Só tem português e eles me aceitam bem. Eu até falo e brinco com eles, pois eu sofro xenofobia dentro do meu próprio trabalho. Cara, porque eles brincam comigo, eles zoam comigo, eles falam mal dos brasileiros na minha frente, eles não têm vergonha de falar.

*[Universitária 6]*

Partindo de outra perspetiva, a Universitária 1 explicou que, ao namorar uma pessoa de naturalidade portuguesa, acabou por expandir o seu círculo de amizades com portugueses/as:

**Não, só com o brasileiro (...).** Eu fiz aquela questão de ir numa festa e acabei conhecendo **uma portuguesa só, mas a gente não teve aquela amizade.** Mas não foi “aquela” amizade. Eu acho que é esse facto. Eu acho que é principalmente por ser (respira profundamente). **Não sei, parece que eles são mais fechados em relação à gente,** que a gente faz amizade com todo mundo, conversa com todo mundo e eles são mais fechados, não sei. Contudo, o meu grupo atual sim, sim [tem pessoas portuguesas], mas por causa do Afonso [de nacionalidade portuguesa], meu namorado. Agora sim, mas antes não. Antes dele, não tinha um círculo de amizade com portugueses.

*[Universitária 1]*

Em contrapartida, outras respondentes mencionaram que após algum tempo, estabeleceram amizades e outras revelaram não ter sentido qualquer dificuldade em fazer amigos.

E foi isso que foi acontecendo comigo aqui em Portugal. Ao longo desse tempo, eu fui ganhando amigos, **fui conhecendo gente, fui me metendo nas coisas da faculdade, e aí...comecei a ter ali um networking, bom, entendeu? Mas o primeiro e segundo ano foram barreiras horrorosas que eu tive de enfrentar mesmo. Não conhecia ninguém.** Eu cheguei, estou eu, estou, logo como negativa, só por eu ser brasileira (risos), pois eles pensam que a gente não trabalha e que viemos roubar o marido delas. Esses estereótipos eu ouvia de várias senhoras de idade que usavam essas frases assim. Pronto.

*[Universitária 3]*

**Eu era a única brasileira da associação do estudante, então isso fez com que as pessoas também tivessem mais acesso a mim e eu tivesse mais acesso às pessoas. E foi no terceiro ano que eu fiz mais amizades e conheci mais pessoal.** Estamos em ano de pandemia. Mas não, não sinto que isso afetou a nível de amizade dos colegas comigo, mas sim de mim com os colegas. **Sinto que isso me retraiu e que não as pessoas me retraíram.**

**Olha, eu tive muita sorte. A minha turma era muito gente boa.** A gente sempre se reunia nos cafezinhos, ali à beira da faculdade. Marcávamos coisas fora, entre português e brasileiro. **Até pelo contrário, meus colegas até gostavam, porque eles adoravam saber as coisas, sabe? Então não, não tive, nem eu nem os meus colegas, nenhuma exclusão, inclusive fiz amizades na universidade.**

*[Universitária 3]*

**Olha, que eu me lembre, não teve nenhum momento em que eu me sentisse assim, excluída por causa da minha nacionalidade, nem no mestrado, nem na licenciatura.**

*[Universitária 2]*

Aliás, até sentia uma curiosidade das pessoas, do género, **“Aí que fixe, ela é do Brasil!”** (imitando a voz de outra pessoa). Não sei se é por ser a faixa etária que era, o facto das pessoas terem outra mentalidade, da...de quererem conhecer mais o Brasil e não sei o quê...**mas dos meus professores, eu nunca tive nenhum problema com eles, graças a Deus.**

*[Universitária 5]*

**Não, na faculdade não me senti excluída.** Desde o início tive uma integração leve, mas eu acho, acredito que isso se dê muito pelo fato de que, no meu curso, eles fizeram uma divisão das vagas de estudante nacional e estudante internacional. **Então, quando eu entrei, a minha turma tinha num total, eu acho que 20 vagas, digamos assim, e só 5 eram para estudantes internacionais.** Então, quando eu entrei, tinham 2 vagas, porque eles se separaram em 2 processos seletivos, ou seja, não houve um momento em que a gente entrava na turma e a turma era só brasileiro.

*[Universitária 7]*

**Tenho sim [amigos portugueses], não são bastantes, mas tenho.**

*[Universitária 4]*

De outro ponto de vista, no caso da participante que frequentou duas instituições de ensino, ela faz uma distinção clara entre os dois locais e também sobre relacionar-se romanticamente com um português:

**Olha, é, eu até brinco com os meus colegas aqui de medicina e falo: “olha, vocês são os meus únicos amigos portugueses!”**, porque eu nunca tive nenhum, nunca tive. Tipo, tinha pessoas que eu me identificava mais na faculdade [de letras], eu convidava para sair, marcar alguma coisa, estava tipo, ninguém, nunca dava muita boa. E...o meu namorado português (risos) (...). Então, assim, conheci ele por causa das minhas amigas brasileiras. **Então...ele foi a primeira pessoa assim que eu me relacionei, que era português, e os namorados das minhas amigas também são ótimos.** Agora, em medicina, é mais porque não tem nenhum brasileiro, porque não pode entrar com ENEM, então você tem que ter a cidadania portuguesa, tem que fazer a prova daqui, tem que ter um contingente, uma quota digamos assim, para emigrante. Não tem, então assim, ou você se apega ou você fica sozinho, mas, graças a Deus, a minha turma é ótima. Eles são super fofos, a gente é super unido, a gente se conhece há pouco tempo, mas eu me identifico com eles, sabe?

*[Universitária 10]*

Este caso faz-nos realmente questionar, comparativamente às outras histórias, a amizade da universitária com os/as colegas portugueses. No caso do curso de medicina, de acordo com a participante, a multiculturalidade é inferior, logo, é mais fácil fazer amizades com portugueses/as, mas, se esse não fosse o caso, não saberíamos se a experiência teria sido a mesma.

Num balanço geral, a maioria das respondentes está mais próxima de pessoas da mesma nacionalidade. É difícil definir a razão da exclusão dessas universitárias, mas algumas das entrevistadas acreditam que seja por serem mulheres, brasileiras e por sentirem que são perçecionadas pelas colegas portuguesas como sendo inferiores tanto a nível cultural como intelectual.

Por um lado, ao pensarmos criticamente nas histórias partilhadas, consideramos que o fator interseccionalidade talvez tenha algum impacto nesta realidade. Como referido durante o enquadramento teórico, este é um conceito que abrange o cruzamento de alguns marcadores de diferença que geram segregação e preconceito. Como consequência, na visão de Piscitelli, as mulheres brasileiras “(...) são afetadas pela imbricação entre noções de sexualidade, gênero, raça, etnicidade e nacionalidade” (2008, p. 269), o que acreditamos ser uma das razões de interferência nas relações entre alunos/as nacionais e brasileiros/as. Talvez não seja feito propositadamente pelas pessoas, mas acaba por ocorrer uma divisão quase que “natural” entre as nacionalidades, influenciada pelos estereótipos e diferenças representadas nessas alunas.

Sem embargo, algumas alunas não experienciaram essa segregação e não apresentaram qualquer dificuldade. Aliás, certas respondentes realçaram interesse por parte dos/as colegas nacionais em conhecer mais sobre o Brasil e sobre a cultura, o que permite entender que, em alguns casos, há uma mudança de mentalidade e busca pela interculturalidade nas relações, sem manifestação de preconceitos ou distanciamento entre as diferentes culturas.

### 6.7.3. Xenofobia e preconceito no âmbito universitário

Nesta etapa da dissertação, pretende-se averiguar se os estereótipos, maioritariamente sexuais existentes em torno das mulheres brasileiras afetam ou não a sua integração e experiência universitária. De antemão, podemos adiantar que as entrevistadas partilharam

diferentes histórias, algumas relacionadas com o estereótipo sexual, outras com a língua, entre vários tópicos. Por isso, esta etapa foi categorizada da seguinte maneira: género e sexualidade, capacidade intelectual e discriminação nas avaliações, língua e praxes académicas.

Num plano geral, apenas 2 das 10 participantes confirmaram não ter passado por qualquer tipo de constrangimento e desconforto na universidade, ou pelo menos, nada que sentissem que estaria relacionado com a sua nacionalidade ou género:

Eu acho que não, nunca sofri nada, por acaso. (...) E eu nunca fiz amizade. Mas foi só isso.

*[Universitária 1]*

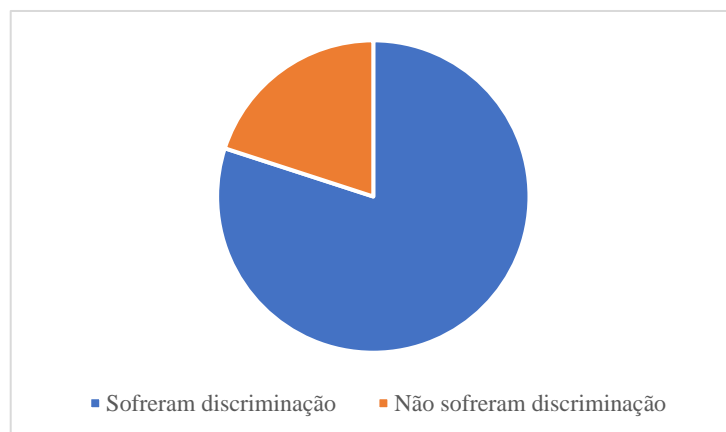
Eu não, não, nunca. E na faculdade, engraçado, nunca senti isso. É...acho que até na faculdade foi o lugar onde eu menos senti. Mas isso na minha, na minha faculdade de ciências, no meu curso, com as pessoas que eu convivia.

*[Universitária 5]*

Através do Gráfico 6.2, podemos observar a discrepância entre o número de participantes que sentiu algum impacto as que revelaram não terem sido afetadas pela existência de estereótipos na universidade. Deste modo, nos subcapítulos seguintes iremos analisar as experiências das restantes participantes (8) da amostra, que passaram por alguma situação de constrangimento no ambiente universitário.

Não obstante, gostaríamos de chamar a atenção para o caso da universitária 1, que afirma não ter experienciado situações de discriminação na universidade, mas o que constatamos é que ela não logrou fazer amizades. Tal poderá ser uma consequência da segregação por ela ser brasileira, mesmo que ela própria não o reconheça. No entanto, dada a complexidade dos casos e interseccionalidade dos fatores, não podemos garantir que seja o caso.

**Gráfico 6.2 - Impacto dos estereótipos na integração das alunas da amostra**



#### 6.7.4. Género e sexualidade

As participantes, ao longo da entrevista, demonstraram ter noções bem definidas e semelhantes sobre o imaginário em torno das mulheres brasileiras. Quando a investigadora perguntou se já tinham vivenciado os impactos desse imaginário, muitas foram além do âmbito universitário e partilharam histórias pessoais e profissionais. De entre essas histórias foi criada a categoria género e sexualidade.

Antes de nos debruçarmos sobre os testemunhos, importa recordar o significado do conceito “Estereótipo de Género”, previamente apresentado e analisado durante o enquadramento teórico. Em termos práticos, o estereótipo de género reflete uma perspetiva generalizada a respeito das características, competências e comportamento dos géneros (ACNUDH, sem data), o que acaba por limitar as capacidades, tanto de homens quanto de mulheres nas suas experiências educativas, profissionais e pessoais (EIGE, sem data). Consecutivamente, durante esta etapa das entrevistas, foi possível compreender que alguns estereótipos de género acabaram por dificultar a integração e o bem-estar de algumas participantes:

Eu cansei de estar dentro da universidade, e cheguei a receber uma chamada de atenção de um professor, **porque eu estava na aula, a mexer no meu telemóvel e ele disse que eu estava falando com meu namorado.** Eu disse: “**Não, senhor, eu não estou a falar com o meu namorado, eu estou respondendo um e-mail do meu trabalho!**”, sendo que eu tinha um colega que estava do lado

**mexendo no telemóvel, mas o meu colega podia mexer. O meu colega era homem!** Agora, eu estar mexendo no telemóvel significa então que eu estava falando com meu namorado? Percebe?

*[Universitária 3]*

Inclusive, teve um professor, e eu já nem lembro qual era a matéria que ele dava, mas eu não conseguia entender. Eu pedi explicação para ele e ele recusava me explicar, ele falava que eu tinha que saber aquilo, mas eu não consigo conseguia fluir com a matéria. **No entanto, o menino que sentava do meu lado perguntou a mesma coisa, e ele [professor] foi lá e ensinou para ele. Eu tive uma crise.** Eu comecei a chorar na sala de aula, porque aquilo, para mim, foi o cúmulo. **Tipo, o menino do meu lado perguntou a mesma coisa que eu, e ele foi lá explicar, mas no meu caso, eu tinha que voltar para o Brasil para aprender, sabe? Eu comecei a chorar e ele tentou me acalmar...**

*[Universitária 6]*

As situações mencionadas demonstram uma forte dualidade entre os géneros, em que existe claramente um tratamento distinto entre as alunas brasileiras e os alunos portugueses. Por exemplo, no primeiro caso, da Universitária 3, o professor partiu do pressuposto de que a aluna, por ser mulher, e, talvez, por ser brasileira, estaria a falar com um homem pelo telemóvel, enquanto o aluno não sofreu qualquer advertência. Por outro lado, na segunda situação, a Universitária 6 demonstrou, também, uma forma de tratamento diferenciada entre ela e um colega português, a partir do momento em que os dois tinham a mesma dúvida e o professor fez questão de ajudar o aluno e não a participante.

Ambos os acontecimentos são exemplos importantes do impacto do estereótipo de género, na medida em que é esperado um comportamento sexual da mulher e não do homem e a forma como, intelectualmente, o homem é considerado superior à mulher. É possível compreender que o género acaba por guiar as relações interpessoais e as hierarquias sociais, de tal modo que, muitas vezes, as mulheres são vistas como inferiores e objetificadas pelos homens, como poderemos averiguar através da experiência da Universitária 9.

Eu acho que ano passado, eu comecei a estudar no mestrado e o mestrado é junto, tinha muitos alunos do diurno, então são alunos mais novos. E isso é horrível porque eles são extremamente ridículos. E...um deles sabia que eu era brasileira, e eu ouvi coisas do tipo, os meninos se entreolharem e um deles dizer, olhando para mim: **“Ai, você tem o carro tal, né? Talvez ela queira sair contigo”**. Eu fechei a cara na hora e falei assim: “Primeiro que você me respeita porque eu sou casada e segundo, eu tenho meu próprio carro, minha própria vida, não preciso de nada seu.”. E, tipo, ele falou: “ai, desculpa, desculpa, eu não sabia!”. Mentira, sabia, sabia, sabia sim, entende?

Uma vez eu ouvi comentário em que a gente estava numa, numa cantina... E eles eram todos mais velhos, tá? Todos casados. Bem, nós estávamos numa cantina do ISEP e chegou uma menina lá atrás, e todos eles, todos pararam para olhar, e eu não estava entendendo nada. Aí eles olharam e disseram assim, especialmente um deles, casado: **“Ah, você está com a gente, a gente olha para a bunda das outras, mas quando você está com os outros, a gente olha para a sua”**. E ele era casado. E eu levantei a mão para dar um tapa na cara dele, e ele falou assim: “Não, não, não, não, eu estava brincando!”. **Tipo assim, eu era uma criança, tipo, isso é nojento. Eu tinha 18 anos e ele tinha idade para ser meu pai! Ele usava uma aliança.** Eu até olhei para ele e falei assim: “Se essa tua aliança não serve para nada, tu me dá que eu derreto e faço um brinco, porque se, se esse troço que

“você usa na mão não faz com que você respeite o mínimo possível as pessoas, então não adianta você usar!”.

Eu já ouvi comentários, eu tive um professor que, no semestre passado, fez uma piada comigo, sabe? Tipo, e eu olhei no meio da aula e revidei, eu disse: **“Dá licença que você não é professor, e eu sou casada!”**

*[Universitária 9]*

A Universitária 9 expôs testemunhos de situações que são recorrentes nas vidas das mulheres ao serem consideradas interesseiras, onde é expectável que procurem os homens pelos seus bens materiais e melhores condições financeiras. Estas condições enquadram-se perfeitamente no estereótipo de que a mulher brasileira é vista como um objeto sexual, relacionada à prostituição ou a facilidade em seduzir os homens (Correia & Neves, 2011). Inclusive, perpetua-se a ideia de que muitas mulheres brasileiras vieram para encontrar um homem para se relacionar em busca de bens ou de um visto. Infelizmente, esta realidade recai até mesmo sobre estudantes universitárias. A mesma participante também partilhou uma história em que ela e outra mulher foram objetificadas e desrespeitadas pelos colegas, não por serem brasileiras, mas por serem mulheres.

Perante a situação, a universitária sentiu-se exposta e vulnerável, pois os comentários dos colegas revelaram uma crença patriarcal de que os corpos das mulheres estão simplesmente disponíveis para qualquer olhar ou comentário inapropriado. Com base nisso, a mesma participante partilhou outras situações que vivenciou de comentários semelhantes, mas sobre as professoras do ISEP:

Então assim tem professoras bonitas, professoras que vão bem arrumadas, professoras que vão com calças apertadas (risos), então elas passam no corredor, e **eu, tipo, eu até tapo os ouvidos, porque eu já sei que vem uma enxurrada de comentários.**

*[Universitária 9]*

Seguindo essa mesma linha, a Universitária 6 fez uma importante reflexão sobre isso:

Eu penso, na minha cabeça que, por eu ser brasileira parece que eles se sentem no direito de... mas se eu não fosse eu, acho que eles teriam o mesmo tipo e atitude, percebe o que estou a tentar dizer? **Ou seja, as pessoas que agem dessa forma, não agem só com brasileiro, mas também com todas as nacionalidades de mulheres.** Mas parece que com a gente é um... eu não sei explicar, mas eu acho que, pelo que eles compram, parece que eles se sentem no direito de o fazer. E aí eu passei a reagir, **não nesse sentido de eu ser brasileira mas porque eu sou mulher, independente da minha nacionalidade.**

*[Universitária 6]*

Importa contemplar a maneira como o género molda as relações e como pode afetar a integração das alunas brasileiras. Através das histórias apresentadas, é possível verificar que alguns/algumas professores/as e alunos/colegas de curso trataram as alunas brasileiras

com alguma diferenciação, influenciados por estereótipos pelos preconceitos vinculados à nacionalidade brasileira. Os estereótipos estão de tal modo enraizados que uma das participantes sente que os portugueses já estão confortáveis em desrespeitar e segregar algumas mulheres:

Hm...eu acho que pode ter uma...a mulher brasileira, ela pode ser mais subjugada e ela pode ser mais assediada por causa disso. **Como se ela fosse mais propensa a aceitar comentários de cunho sexual, ou propostas indecentes. Eu acho que, nesse sentido, a mulher brasileira acaba saindo mais, mais ainda do que as mulheres já são vulnerabilizadas no contexto social.**

*[Universitária 8]*

**O assédio sexual, principalmente com as brasileiras, eles acham que isso é normal e que a gente gosta.** Esse é o pensamento dos portugueses, e para mim é baixo nível completo e **isso fez com que imensas vezes eu quisesse voltar para casa, sim.** Não vou te dizer que foi fácil nesse dia que aconteceu isso, então, eu passei o dia chorando (riu alto). Depois eu ainda tinha aula. E só com esta simples cena, que parece uma coisa boba, **mas não!** isso é uma coisa, isso é um assédio!

(...) porque as pessoas pensam que no Brasil, **que a gente é brasileira, é que tudo é uma festa, e não!** Isso são...isso é assédio sexual, Deus me livre! As pessoas vão presas, vão.

*[Universitária 3]*

Ao ler as histórias, é possível concluir que o gênero e a sexualidade foram, para algumas das participantes, um fator de peso na sua integração e, muitas vezes, fez com que desejassem retornar para o país de origem. A sociedade, por si, partilha valores patriarcais, em que as mulheres são consideradas inferiores aos homens e acabam por ser desrespeitadas diariamente.

Concomitantemente, durante as entrevistas, inúmeras participantes se sentiram confortáveis em partilhar algumas histórias que envolviam discriminação de gênero e assédio sexual fora do ambiente universitário. Acreditamos que algumas das situações expostas são relevantes do ponto de vista científico e social e, por isso, desejamos expor também nesta investigação:

Eu já vi comentários, **principalmente dos homens, falando que viram uma brasileira com um homem e mencionaram que de certeza que pagaram ela para estar com ele.** É, têm essa mentalidade, no âmbito de trabalho, já ouvi assim algumas coisas, não diretamente para mim, **mas de brasileiras e para brasileiras.**

(...) Comentários de grupos de amigos sobre a mulher brasileira ser mais “quente”, é mais...tem a fama. Muita gente dizia “tu sabe qual é a fama da mulher Brasileira aqui, não sabe?”, já me falaram isso... então foi bem cedo, percebi isso bem cedo.

*[Universitária 5]*

Realçamos que a Universitária 5 viveu essas situações ainda na adolescência, quando era menor de idade e no âmbito do Ensino Secundário. A sexualização parece não ter idade ou ambiente propício para ocorrer.

Então, por exemplo, agora eu namoro, mas quando eu entrava tipo em aplicativo de relacionamentos, Tinder e tal, é...eu não botava primeiro que era brasileira na descrição, antes, e quando eles descobriam, eram super vulgares, **ficavam falando um monte de besteira e tal, do tipo: “Você é brasileira então tal, tal, tal tal...”** E eu ficava, gente, como assim?

*[Universitária 10]*

Acho que você está numa posição de mais vulnerabilidade [no âmbito laboral], porque você já está ali para servir, não é? Na academia, não necessariamente, então é um corpo que já é de social, como serviu, está ali servindo e as pessoas então abusam daquela posição, não é?

Tipo, pedirem uma nata e pedirem para você ir para casa junto com eles. **“Eu vou pedir para levar você e essa natinha”.** (...) **Como a brasileira não quer ir?**

*[Universitária 8]*

Quando eu abro boca que falo com sotaque brasileiro, tipo, é muita coisa que eu ouço, assim que fico sem acreditar, até respiro fundo. Os meus próprios colegas portugueses me defenderam, tiveram que intervir. **Eu trabalho com um homem português e várias vezes, ele teve que intervir assim, tipo, das caras, às vezes, falarem coisas assim, tipo de “putaria” mesmo para mim.** E eu ficar assim, ficar do tipo.... foi isso mesmo que eu ouvi? Tipo, eu tenho que fazer alguma coisa? Porque eu não estou acreditando!

*[Universitária 6]*

Mas... essas coisas que me aconteciam no trabalho, em busca de um trabalho, eram para mim, horríveis. Porque eu nunca no Brasil tinha me deparado com nenhuma situação assim. Até mesmo de assédio, tá? Assédio sexual. Do tipo, eu trabalhei para um senhor, do qual eu limpava o escritório, e mais tarde, os donos do escritório gostaram do meu trabalho, então ofereceram, perguntaram se eu queria cuidar da casa deles. Eram dois, duas pessoas. Um tinha 2 filhos, mas vinham só fim de semana. E o outro era um separado recente. E a situação foi com esse senhor que, que tem os filhos. **Ele [um dos filhos] simplesmente abriu a porta de cuecas. Para mim, aquilo foi uma falta de respeito, porque ele tem quase a minha idade.** E eu disse: “O senhor nunca mais precisa me esperar de roupas baixas”. Usei essa frase: **“Na sua casa, quando eu vier limpar e o senhor não tiver tempo de se vestir, o senhor não abre a porta. Eu aguardo”.** Portanto, isso é uma baixeza. Ele tentou ali, né? E eu imediatamente fechei a cara, e quando ele saiu, mandei uma mensagem: “O senhor nunca...” Eu ainda usei a palavra do senhor, não é?...“Nunca mais faça isso. Se o dia que o senhor não tiver tempo para se vestir, eu espero. Não, não me importo de esperar 1/2 minutos, não vão fazer a diferença na minha vida, mas o senhor tenha respeito por mim!” **Claro que foi o que eu fiz, porque eu precisava daquele trabalho naquele momento, mas logo consegui trocar, graças a Deus! Apenas mais 2-3 semanas e eu troquei.**

*[Universitária 3]*

E eu, quando eu vim para cá, vim noiva, então eu usava a aliança do meu noivado e tudo mais. E várias mulheres da equipe que eram portuguesas, eram casadas e também utilizavam aliança. **Mas eu era a única pessoa que era sempre questionada pelos clientes, quando eles viam que eu tinha um anel no dedo perguntando se o meu marido era português, a única. Assim não tinha uma colega portuguesa que era questionada “Ah, você é casada, mas seu marido é daqui?”** Às vezes, não era com um tom maldoso que as pessoas perguntavam, mas era uma coisa que hoje eu enxergo muito nitidamente que está associada diretamente a esse estereótipo. Então, sim, existe um sem sombra de dúvidas.

*[Universitária 7]*

Numa perspectiva geral, o ambiente de trabalho das imigrantes é muito hostil, nomeadamente no atendimento ao público, como a Universitária 8 mencionou, é como se elas estivessem ali para servir e são vistas dessa maneira em todos os aspetos. Contudo, no meio académico, tal não ocorre. Logo, os preconceitos parecem adaptar-se aos vários ambientes, seja em termos sociais, profissionais ou universitários. No caso das participantes que expuseram essas situações, quase todas apresentaram o episódio de um homem que faz ou verbaliza algo que perpetua o assédio e a discriminação, expondo todas as participantes. Num dos acontecimentos, a participante tem apoio de colegas portuguesas; noutros casos, estão completamente sozinhas e vêm-se obrigadas a continuar a trabalhar ou a mudar de emprego.

Em suma, este capítulo permite deduzir que o estereótipo em torno das imigrantes brasileiras afeta a integração de algumas alunas no ambiente universitário e não só. As imigrantes revelaram que as situações vividas com professores/as e com colegas de turma foram prejudiciais. Muitas vezes, sentiram um tratamento distinto dos seus colegas homens e tiveram a sensação de viver na sombra de uma imagem sexualizada e pouco intelectualizada. A fragilidade dessas alunas pode ser considerada preocupante, pois, na sua maioria, são jovens inexperientes que nem sempre souberam se defender perante algumas situações de preconceito e conflito.

#### 6.7.5. Competências Intelectuais

Na primeira parte das entrevistas, algumas participantes mencionaram que um dos estereótipos das mulheres brasileiras é a falta de competências intelectuais. Esta noção enviesada sobre a inteligência das alunas parece ter influenciado a adaptação das entrevistadas no âmbito universitário, tendo sido partilhados episódios relacionados ao tema durante a entrevista.

Iniciamos pelo caso específico da Universitária 9, pertencente ao curso de Engenharia Civil. Ela explica que, por ser um meio maioritariamente frequentado por alunos e profissionais homens, já é presumível um certo nível de comparação das competências entre os sexos, o que faz com que a aluna se sinta desvalorizada e subestimada.

As mulheres são... cara, eu acho que, em primeiro lugar, é assim que eu sinto muito, é que **eles não enxergam os brasileiros igualmente capacitados para fazer exatamente a mesma coisa que eles fazem. Eu sinto isso como mulher, porque o meu meio é um meio muito machista.** Eu estudei a vida toda com homens, desde o início da faculdade, desde o meu ensino médio no Brasil, estudava

aqui só com homens. E no Brasil, mesmo estudando só com homens, eu não sentia isso. Eu não sentia essa, essa coisa, eu sentia que eles subestimam, sabe? **E aqui, eu sinto isso desde a faculdade e continuo sentindo isso, tipo no trabalho, assim.** É difícil eles te enxergarem como igual, é difícil eles enxergarem que você também sabe aquilo que fala, seja do que for, seja de coisas técnicas, ou seja, de coisas, tipo da vida, sabe? Eles não... é difícil porque eles não, não, não escutam o que, o que você diz e o que você faz da mesma forma que eles escutariam se fosse um europeu, por exemplo, sabe? **Então eu acho que eles não nos enxergam, não nos enxergam como igual intelectualmente e, também, culturalmente, pelo que eu percebo, pelas milhões de piadas que eu escuto.**

Os portugueses, nesse caso, têm que ter noção de que o Brasil não é um “paizinho” (...). **E eles têm essa a visão de que o Brasil é inferior em tudo, sabe? E essa visão está completamente, totalmente errada, porque eles não têm informação, sabe? Então eles não conseguem ver nos brasileiros um potencial que a gente sabe que tem. Eles não conseguem enxergar que o Brasil tem excelentes faculdades, tem excelentes empregos, tem excelentes profissionais e tipo, e eu acho que isso faz com que eles achem que a gente não tem potencial para as coisas, sabe?**

*[Universitária 9]*

A Universitária 9 demonstra insatisfação face à forma como os portugueses desenvolveram um estigma em torno da competência dos/as brasileiros/as e do potencial do Brasil como país desenvolvido. Através do parecer da participante, parece haver uma noção geral de inferioridade face ao Brasil, talvez consequente das informações partilhadas nos media portugueses sobre a política brasileira, criminalidade ou outras questões, que diferem da realidade europeia. Partindo dessas noções, uma respondente também declarou ter sentido as suas habilidades desvalorizadas por um professor, onde foi questionada até da sua capacidade para frequentar o ensino superior português.

E nessa situação específica de trabalho, eu recebi uma nota muito baixa, marquei um horário com o professor, fui conversar com ele **e ele começou a falar que o meu trabalho era muito ruim, que eu não tinha um nível de escrita nem para uma pessoa de licenciatura, quanto mais uma pessoa para entrar num mestrado e etc.** Pessoalmente, eu sei que eu tive uma trajetória académica muito boa e que eu consigo me expressar. Me formei em uma faculdade pública, eu fiz uma pós-graduação que é uma das mais renomadas, **e eu não tenho dúvidas quanto à minha capacidade académica de escrita. Mas ele falou isso, que não tinha nível nem de licenciatura, quanto mais de mestrado, que eu escrevia muito mal, que eu não conseguia botar as coisas de maneira clara, que meu trabalho estava fraco, que o meu trabalho estava isso, estava aquilo.** Assim acabou desde a minha forma de escrever até o conteúdo do trabalho.

*[Universitária 7]*

Podemos avaliar que a postura do professor demonstra uma certa insegurança em como lidar com a multiculturalidade no seio universitário, assim como dificuldade em auxiliar um/a aluno/a que apresente dificuldades, seja de escrita ou de compreensão. Como investigadores/as, acreditamos que um/a docente deve tentar estar disposto/a a ajudar os/as alunos/as, evitando pôr em causa as suas competências ou desmoralizar as suas conquistas. Infelizmente, este tipo de acontecimentos pode levar à desistência e desmotivação dos/as estudantes, independentemente do género ou nacionalidade.

Esta mesma sensação de frustração foi vivida, também, pela Universitária 6, que revelou sentir um certo nível de regressão no país, pois era excelente aluna no Brasil e era reconhecida por isso, enquanto em Portugal, obtinha resultados negativos nas avaliações. Essa realidade afetou a sua autoestima e a sua relação com a universidade.

Então sim, foi muito, muito, muito traumático. E eu vim também do Brasil. Eu fiz curso de construção civil no Brasil e eu vim como aluna de excelência. Eu tinha certificado de aluna de excelência, eu participava de Olimpíadas e federais, eu ganhei bolsa para estudar, então eu era aluna de excelência. E aí, quando eu entrei na universidade, por mérito meu, porque, é, eu tive nota para estar lá. E aí, eu tive o meu primeiro zero, e eu zerei porque eu não consegui fazer prova. Eu fiz tudo em casa, estudei, fiz exercício, fiz tudo, mas entrei na sala para fazer prova e eu não consegui escrever, e esse foi o meu primeiro zero. E isso foi tão, tão... **E agora falar disso de novo me dá até uma certa ansiedadezinha, assim (voz de choro)? Porque foi, foi muito desesperador assim, eu vendo só “notão, notão, notão”, e assim que eu entro na universidade, tenho o meu primeiro zero. Então isso foi muito traumático para mim, tanto que a matéria era geometria analítica e álgebra linear, e todo mundo falava que era a pior matéria.** Para me confortar, até os professores falavam que era mesmo muito difícil. Eu fiz essa matéria 3, e as 3 vezes, eu não consegui tirar positiva.

*[Universitária 6]*

Em síntese, três alunas indicaram ter sentido o seu nível de capacidade intelectual questionado em algum momento do seu percurso universitário. Em alguns casos, experienciaram dificuldades em algumas matérias específicas, e em outras situações sentiram-se inferiorizadas por parte dos/as colegas e/ou docentes. Importa realçar que acreditamos que questionar as próprias competências é um processo comum e natural durante o curso superior, mas é algo que, com o apoio de colegas e professores/as, pode ser ultrapassado.

Sem embargo, por serem imigrantes, as alunas encontram-se numa posição de fragilidade. Sem um robusto suporte, nesta fase, acabam por se desmotivar e cedem a pressões exteriores/sociais. Por isso, há uma necessidade de manutenção no suporte de alunos/as internacionais e nacionais para que sintam que o ensino superior serve como ponto de partida para o desenvolvimento de competências de escrita, de conhecimento e profissionais. Deste modo, enfrentar dificuldades deve ser normalizado e não ridicularizado. A universidade e os/as docentes devem estabelecer um local seguro para dúvidas, melhorias e evolução intelectual dos/das estudantes.

### 6.7.6. Discriminação nas avaliações

Na mesma vertente do subcapítulo anterior, a desvalorização da intelectualidade de alunas brasileiras acaba por levar a episódios de discriminação nas avaliações de testes, trabalhos escritos e apresentações orais na universidade. No total, cerca de 60% das inquiridas, mencionaram ter sentido discriminação durante avaliações escritas e orais por serem brasileiras ou por falarem com sotaque do Brasil.

O primeiro ponto a ser realçado no âmbito das avaliações é a discrepância de notas, evidente entre o/as alunos/as brasileiras e os/as alunos/as portugueses. Duas participantes desabafaram sobre as diferenças nas avaliações e demonstraram bastante insatisfação quanto ao tema:

**Outra coisa que a gente também, que eu senti, foi o facto de nós chegarmos, da gente não ter as mesmas notas do que um português. Isso também me incomodou muito.** Primeiro, eles justificavam que a gente escrevia pouco, e eu questionei. Como é óbvio, eu perguntei: “Quero saber o que está errado na minha resposta, porque o senhor considerou a resposta como certa, mas eu tirei 13, porquê?”. E ele disse: “Ah, porque escreveste pouco!” (...) É uma diferença, não é que seja um estereótipo, mas eles, como a gente tem um ensino diferente, aí que está, como tu a gente escreve menos, eles pensam que a gente não sabe e tiram por base que a gente está inventando coisa. Mas não, não é. Então, até ele perceber de que realmente eu sou uma aluna que se esforça...

*[Universitária 3]*

**Só que, aí, eu via que os meus colegas portugueses tiravam 18 e eu tirava 16** e eram pessoas que eu, que eu tinha um contato mais próximo e tal, até que eu percebi que era mesmo diferente, quando os meus colegas portugueses vinham falar sobre isso comigo. **Tem dois amigos que me falaram isso “eu tenho certeza que você não escreveu nessa prova nada diferente de mim,** porque a gente saía da prova e comentava “aí, eu escrevi isso, isso e isso, aí eu também escrevi isso e aquilo”, **e a nota nunca era a mesma.** Os meus colegas disseram assim que era uma coisa que não tinha como eles ignorarem isso, sabe? E que era mesmo porque era por ser brasileira e que o professor ia puxar alguma coisa, para dizer em alguma coisa de diferente e de errado, então, enfim...

*[Universitária 7]*

Nos dois casos, as entrevistadas não compreendem a razão da diferença nas avaliações, comparando os seus resultados aos dos seus colegas de turma, inclusive mencionam que, mesmo com respostas semelhantes, a avaliação resultava sempre em notas que desvalorizavam os/as alunos/as internacionais. A Universitária 3 até enfrentou o professor e este apresentava sempre uma razão, ou que a resposta tinha sido de curta dimensão, ou que demonstrava pouco conhecimento. Mesmo a aluna tendo-se esforçado para se adaptar e corresponder ao exigido, nunca conseguiu obter resultados tão bons quanto os de um/a colega nacional.

O segundo ponto a ser realçado e que foi bastante mencionado entre as respondentes, foi a avaliação dos professores nas apresentações orais. Por exemplo, a Universitária 7 teve a

sua nota desvalorizada numa apresentação oral e num trabalho escrito e afirmou que, ao longo de todo o seu percurso acadêmico, essa diferença na avaliação foi uma realidade.

Basicamente, a disciplina dele era uma disciplina que não ia ter prova e ia ter só a gente apresentar um trabalho em sala e depois, no final, entregar um relatório sobre o que foi apresentado em sala. No final de cada apresentação, o professor fazia uma observação sobre o que foi dito, então olha, “eu acho que faltou isso, acho que faltou aquilo, eu gostei que você mencionou isso, mas acho que...”. Enfim, ele fazia as considerações dele, justamente para que depois, quando você fosse entregar o trabalho escrito, ele tivesse mais completo porque a nota ia ser em cima do teu trabalho, mas a tua apresentação era a base do teu trabalho. Então eu fiz isso, apresentei. Quando apresentei, o professor não falou nada assim do trabalho. Não fez nenhuma crítica, não fez nada, nada demais, tipo apresentei e pronto e foi isso. Também não orientou “Olha, acho que faltou isso, faltou aquilo. Faça diferente quando for pensar a gente escrever no trabalho, considere isso.” Não houve nada. E com as pessoas da turma, o professor foi muito mais participativo (...). E comigo não houve nada. Quando eu entreguei o trabalho, eu recebi uma nota muito baixa. **Principalmente para o que eu estava habituada a receber, porque eu na universidade e, muito embora a minha nota nunca fosse igual à de uma portuguesa, ainda assim, enquanto brasileira, eu conseguia tirar notas boas comparado ao que os brasileiros tiravam. Porque isso acontecia na universidade, não tinha nenhum problema diretamente, assim como professor de uma coisa, sempre me senti desrespeitada pessoalmente na sala de aula e tal, mas as minhas notas eu podia responder exatamente as mesmas coisas, que eu nunca tirava a mesma nota como um português, mas tudo bem. E nessa situação específica de trabalho, eu recebi uma nota muito baixa, marquei um horário com o professor, fui conversar com ele e ele começou a falar que o meu trabalho era muito ruim, que eu não tinha um nível de escrita nem para uma pessoa de licenciatura, quanto mais uma pessoa para entrar num mestrado e etc. Pessoalmente, eu sei que eu tive uma trajetória acadêmica muito boa e que eu consigo me expressar. Me formei em uma faculdade pública, eu fiz uma pós-graduação que é uma das mais renomadas, e eu não tenho dúvidas quanto à minha capacidade acadêmica de escrita. Mas ele falou isso, que não tinha nível nem de licenciatura, quanto mais de mestrado, que eu escrevia muito mal, que eu não conseguia botar as coisas de maneira clara, que meu trabalho estava fraco, que o meu trabalho estava isso, estava aquilo.** Assim acabou desde a minha forma de escrever até o conteúdo do trabalho. (...) Ai, ele me respondeu que, na verdade, ele só não falou nada dentro da sala de aula, porque ele não queria me desmoralizar na frente da turma, então ele preferiu ficar calado. E aí, eu falei para ele que para mim, isso era muito pior, porque as pessoas que, que ouviram as considerações que ele fez tiveram a possibilidade de melhorar o trabalho, não é? Já que a nota era definida pelo trabalho e eu não tive essa possibilidade, porque a partir do momento em que ele não me dá nenhum feedback, nenhum retorno, eu vou entender que o meu trabalho está no mínimo, suficientemente bom para que eu consiga escrever um relatório sobre aquilo que apresentei. Mas ele realmente foi assim, irredutível. Ele falou que meu trabalho estava mesmo muito ruim, que não tinha o que salvar. Ele falou, “olha, chega em casa e vai ler o seu trabalho, vai ver o que você escreveu que você vai ver que eu estou certo”. Eu falei: “o senhor pode me mostrar no trabalho quais são os pontos que o senhor acha que tem que ser feito a melhoria?” e ele: **“não, só abre só o seu trabalho e lê o que você entregou, o que você escreveu e já vai saber o que eu estou falando”.**

*[Universitária 7]*

Neste caso em específico, o professor não só desvalorizou o trabalho da aluna, como aludiu que a mesma não tinha competências suficientes para frequentar o curso, não tendo sequer explicado quais os erros que tinham sido cometidos no trabalho. Essa afirmação acabou por desmotivar a aluna. Em linha com o exposto, nota-se que há, realmente, uma ideia de que os/as brasileiros/as não têm as mesmas aptidões do que os/as alunos/as

nacionais, o que pode prejudicar a qualidade de ensino, avaliação e relação entre professor/a e aluno/a.

Por fim, o testemunho de mais uma respondente evidencia um tratamento diferenciador entre os/as portugueses/as e os/as brasileiros/as em sala de aula:

Eu tinha uma sala com 3 brasileiros, tá? E eu, uma menina de Minas Gerais e um rapaz de São Paulo. Hm... todos faziam o mesmo mestrado, estavam lá fazendo a cadeira chamada “Área de inovação” (...). Por acaso, era uma área que eu trabalhava já no Brasil e tudo, então era uma cadeira que eu amava, e eu ia com garra para a sala de aula, percebe? E nesse trabalho era preciso dar tudo de mim. **Só que me irritou um bocado, porque antes de mim, o professor só fazia perguntas aos 2 brasileiros.** E quando chegou a minha vez, ele fez a mesma coisa, e começou a me interromper, assim como ele fez com os outros dois. Eu não conseguia nem fechar uma frase. Aí, eu falei: “Professor, eu vou pedir licença ao senhor para eu para terminar de falar. E assim, no final, o senhor faça-me perguntas”. E ele ficou ofendido com aquilo e eu disse: “Não, professor, eu estou apresentando um trabalho, o senhor tem que dar o direito de eu apresentar. Eu estou com outros colegas, os colegas nem conseguiram falar ainda e nós temos tempo.” Ele me deixou apresentar, mas borrifando... E eu pensei assim: “Eu vou me lascar, não é? Ele vai me dar uma nota ruim”. Só que eu decidi ir ter com ele ao final da aula. Eu falei assim: “Olha, eu espero que o senhor me dê uma nota justa ao meu trabalho e aos meus colegas, porque não é porque nós dois temos diferenças, ou porque eu discordo da sua visão que o senhor tem de me penalizar. Agora, se o senhor quiser fazer isso, o senhor tem todo o direito, mas eu não sou de ficar quieta.” Ele não me deu uma nota baixa, tá? Me deu uma nota justa, eu até me surpreendi, porque eu estava esperando uma nota menor. Mas desde esse momento, ele nunca mais ele voltou a falar que eu estava mexendo no telemóvel ou fez piada com algum brasileiro da sala. Nunca mais! Foi a última vez que ele fez, e foi para fechar.

*[Universitária 3]*

Muitas vezes, as alunas precisaram defender-se e correram o risco de serem avaliadas negativamente pelos/as professores/as por isso. No entanto, a grande maioria, devido a falta de experiência, não tiveram coragem de o fazer e acabaram por permitir determinados preconceitos por parte dos/as docentes. Num total, 4 das 10 alunas expuseram histórias semelhantes para partilhar situações em que se sentiram prejudicadas por serem brasileiras nas avaliações. De entre todas, 3 abordaram a diferença de notas entre portugueses/as e brasileiros/as e 2 respondentes realçaram preconceito com o vocabulário brasileiro, fosse num trabalho escrito ou numa apresentação oral. De um modo geral, é possível analisar que as estudantes constataram que estão em desvantagem nas avaliações e identificaram essa diferença através das notas dos/as colegas de turma portugueses/as.

O desconforto das participantes, muitas vezes, recaiu sobre a maneira como foram advertidas pelos/as professores/as, em frente a toda a turma, de forma pouco construtiva ou até mesmo com críticas sem fundamento. Ademais, comparativamente a outros/as alunos/as internacionais, sentiram um tratamento diferenciado. Destacamos ser de extrema

importância analisarmos as histórias descritas como práticas a evitar em sala de aula, assim como nas avaliações. Afinal, as alunas parecerem sentir que, mesmo com muito esforço, não conseguiam ter notas tão boas quanto os/as estudantes nacionais e, às vezes, as suas competências eram questionadas, ignorando todo o seu mérito durante o percurso acadêmico. Tal realidade acaba por dificultar a adaptação no país.

#### 6.7.7. Língua

A língua portuguesa é um ponto extremamente exposto pelas entrevistadas ao longo das interpelações sobre integração, preconceitos e estereótipos. Em muitos momentos, a língua foi abordada como um agente instigador de práticas preconceituosas e distinção de tratamento no país, especialmente nas universidades. De acordo com Lucas (2015), no artigo “Brasil e Portugal: orgulho e preconceito entre as duas línguas” do *Jornal Público*, o convívio entre as línguas, tanto na escrita quanto na pronúncia, não é pacífica. A autora afirma que “há fascínio e desconhecimento, folclore e preconceito, arrogância e admiração” (Lucas, 2015) entre o português do Brasil e de Portugal.

Ante ao exposto, este subcapítulo pretende explicar de que maneira a língua foi considerada um fator de diferenciação capaz de afetar a integração das participantes deste estudo no ambiente universitário. Apesar da língua não se enquadrar no âmbito de gênero e sexualidade, sendo este o tema principal da dissertação, merece ser um tópico analisado brevemente, pois foi extremamente valorizado pelas entrevistadas. Posto isto, o primeiro exemplo baseia-se no testemunho da Universitária 9, que confessou ajustar a sua pronúncia para obter respeito dos colegas tanto no trabalho como na universidade.

No entanto, em questão de idioma, o tempo todo, sabe? Até hoje. **Tanto que eu estou falando contigo, mas eu mudo completamente o sotaque. Mas assim, completamente, a ponto de eles já não identificam que eu sou brasileira.** Tipo, já aconteceu diversas vezes no trabalho, eles estarem falando mal de qualquer coisa e do nada eles falam mal do Brasil e, do nada assim, eu mudo o sotaque na hora, e eles até perguntam: “Ué, mas você não é portuguesa?”, inclusive, eu mudo o sotaque para eles verem que eu não sou daqui, sabe? E que eles não têm o direito de falar mal, entendeu? **Inclusive, agora no mestrado, e eu cheguei na sala e um professor, que já tinha sido meu professor, olhou para mim e perguntou: “Ah, aprendeu a falar português?”** E eu tipo: “Eu sempre falei português, não entendi a colocação”.

*[Universitária 9]*

A intenção do comentário do professor sobre a participante ter aprendido a falar português, quando essa é a sua língua materna, é bastante intrigante. Em regra geral, de

acordo com as experiências partilhadas, as pessoas desacreditam que o português do Brasil seja considerado uma língua séria e correta, e essa realidade parece ser recorrente no quotidiano de muitos/as estudantes brasileiros/as:

Mas o que aconteceu comigo foi na escola de verão, que eu fiz na universidade de Braga, em que eu escrevi um artigo. Então, o artigo já estava pronto, já estava praticamente finalizado e já tinha passado pela revisão de uma professora, então, em questão de conteúdo, ele estava aceitável, pelas regulamentações da universidade. **Mas o professor, ele me mandou um e-mail falando que ele queria que eu enviasse meu texto para algum colega nacional, para que ele revisasse meu português, antes dele ser publicado. Então acho que essa foi a situação em que ficou mais explícito assim, pois era por estar escrito em “brasileiro” dentro da academia, foi isso a coisa mais direta que eu sofri.**

*[Universitária 8]*

Após a partilha dessa história, a investigadora questionou qual foi o impacto desse acontecimento na sua experiência académica e a Universitária 8 explicou que:

A primeira reação, na verdade, **foi pensar que eu não tinha capacidade de escrever, assim, de entrar para a academia, como se eu não tivesse conhecimento.** Eu me senti muito mal, me senti como se não fosse capaz, não fosse a válida de ter tido aquela experiência e de estar naquela posição. Até que eu não fui no momento final da entrega do livro, porque eu sentia que aquilo não me representava tanto porque passou por uma correção de uma outra pessoa. **Literalmente foi restrito para parecer que um português tinha escrito, o que não era o caso, não é? Então o que passou na minha cabeça foi: porque eles abriram a vaga para escritores brasileiros, se eles não aceitam a maneira que os brasileiros escrevem, não é?**

*[Universitária 8]*

Apesar do relato da Universitária 8 ter ocorrido na Universidade do Minho e não na do Porto, ele assemelha-se a outras histórias partilhadas. Com efeito, é possível evidenciar que o preconceito linguístico não é algo regional, constata-se também em outras instituições do país.

Perante o apresentado, é interessante refletir que o consumo de media brasileiros é bastante requisitado em Portugal, especialmente telenovelas, conteúdo *online* e música. Como aludido durante a fase teórica da investigação, de acordo com Ferin Cunha (2005, p. 540), “a verdade é que ao longo de todos estes anos, e depois de cerca de 200 telenovelas exibidas entre 1977 e 2000, os públicos portugueses familiarizaram-se com estórias e personagens de ficção ambientadas no Brasil, vivenciaram quotidianamente (...)”. Poderíamos, facilmente, concluir que essa troca cultural deveria facilitar o contacto entre as culturas e o entendimento entre as línguas, mas parece criar uma barreira avassaladora no dia-a-dia das imigrantes brasileiras. Por exemplo, a Universitária 4 aborda a forma como muitas vezes criticam a sua linguagem e afirmam que o português do Brasil é incorreto.

Já, já! Principalmente no ensino superior. Ao nível da sala e com o nosso sotaque e de falarem **“Ah, mas não se fala assim”**, mas foi assim que eu aprendi! E eu sei também que existem outras palavras, temos de ser mais maleáveis e que nós estamos em Portugal e temos que nos adaptar também à cultura deles.

**A forma como já me foi me falado: “é que brasileiro não sabe falar” ou “vocês estão errados”, “vocês trocam as palavras todas”, sendo completamente desconfortável**, sendo que eu estava sozinha numa sala repleta de portugueses e sendo retaliada por um professor que é a figura superior, de respeito. **E a forma como era falado, a nível de uma apresentação de um trabalho que eu fui cortada e o professor falou “Ai, mas não é assim que se fala, aqui em Portugal não é assim que se fala...”, e eu senti isso de muito muito de mau gosto.**

*[Universitária 4]*

A partilha acaba por demonstrar, não só, alguma falta de tolerância, como também uma tentativa em forçar assimilação linguística na aluna para que a sua integração passasse por alterar a sua pronúncia através de comentários desmerecedores acerca da sua língua materna. Para além disso, interromper uma aluna durante uma apresentação oral pode ser considerado pouco didático. Contudo, esse tipo de situações está longe de ser considerada uma exceção, pois a Universitária 10 compartilhou uma história semelhante vivida na FLUP<sup>16</sup>:

(...) E aí a gente fez o trabalho e tal, e a gente apresentou em português do Brasil (...) A gente apresentou o trabalho e a professora perguntou se alguém queria comentar e uma menina, falou: “Nossa, foi uma aula, eu adorei e foi incrível, eu super aprendi!”. **A professora disse que foi muito legal e tal, mas que tinha algumas críticas construtivas, tá? construtivas!** E a gente falou: “Está bem, pode falar, professora!” E ela: **“número um, vocês são todas brasileiras, não é?”** Eu pensei, **“nossa, super construtivo, a partir daí... porque dá super para mudar desse facto, né? Da próxima vez vou melhorar... vou ser menos brasileira, sei lá” (risos).**

E depois ela falou: **“Olha, vocês usaram expressões e eu não entendi o porquê vocês usaram essas expressões que a gente não consegue entender, por exemplo, usaram uma palavra que eu até anotei: planejamento. Não é assim, é planeamento!”**. Eu fiquei tipo, **isso realmente super dificulta o entendimento (entre risos). Como é que dificulta o entendimento se é a mesma palavra?** E ela continuou: **“Vocês também usaram a palavra engajamento. Não pode, essa palavra não existe aqui, tem que ser “engagement”**. E eu pensei para mim: **Ah tá, então a gente não pode falar em português, mas a gente pode falar inglês, qualquer outro idioma, mas não pode falar em português do Brasil?** Nessa época, tinham meninas que eram de Erasmus, que eram da Itália, e apresentavam em italiano e inglês, sei lá, e estava tudo bem, mas a gente usar “engajamento” ao invés de “engagement” estava super inaceitável. **Então eu acho muito isso... eles têm muito essa “geriza”<sup>17</sup> ao português do Brasil, sabe?**

**Como é que ela pode falar que uma crítica construtiva é a gente ser brasileira, sabe? O que dá para evoluir a partir disso? O que dá para construir a partir dessa crítica?**

*[Universitária 10]*

---

<sup>16</sup> Faculdade de Letras do Porto

<sup>17</sup> O termo “Geriza”, utilizado no Português do Brasil significa “desprezo”

Essa história realça várias questões importantes. Primeiramente, a professora critica algumas palavras específicas utilizadas por serem diferentes do português de Portugal. Ao invés de avaliar o conteúdo do trabalho em si, valorizou o vocabulário das alunas, que não tinha sido informal e nem inapropriado, apenas diferente. O segundo fator recai sobre a sobrevalorização de qualquer outra língua sob o português do Brasil. A própria aluna mencionou a forma como as pessoas se adaptam facilmente a alunos/as que falam inglês, italiano e espanhol, enquanto há uma tendência para não seguir a mesma postura quando se trata do português do Brasil. Esta deriva, talvez, da proximidade entre as duas línguas ou da ideia errônea de superioridade em relação ao Brasil, herdada do tempo colonial. De qualquer maneira, essa postura não é benéfica nem para o bem-estar nem para a integração das/os alunos/as.

Por fim, uma das respondentes explicou ter sido prejudicada numa nota devido a um mal-entendido linguístico:

Numa prova que eu tinha, e achei que tinha ido bem na prova, e quando eu recebi, vi também uma nota um pouco mais baixa, e aí, eu fui ver a minha prova com ela [a professora] e eu vi que ela me tirou a nota de uma questão. Mas era por uma situação linguística em que, no fim das contas, ela estava errada. **Eu também não briguei, porque, na hora, ela falou tanto, tanto, tanto que eu fiquei confusa e naquele momento eu pensei que realmente eu estava errada, mas quando eu saí de lá, eu fui pesquisar e eu estava certa.**

No Brasil, nós usamos muito a expressão, pelo menos no Direito, a gente fala assim “isso vai ao encontro de tal coisa” ou “isso vai de encontro a tal coisa”. Basicamente, isso é uma coisa completamente oposta, uma coisa é convergir e outra coisa é divergir. Quando “vai de encontro”, ela diverge, é como se houvesse um conflito, um choque, foi de encontro, bateu de encontro com a parede, e “ir ao encontro” é convergir, é concordar e ir no mesmo sentido. E eu escrevi isso na prova numa situação, só que ela interpretou da forma contrária. Então, eu não lembro exatamente o que era, mas era como eu falasse assim: “isso vai ao encontro com o que diz o artigo tal” e ela me falou que não, que era “de encontro”.

E aí nós tivemos essa discussão muito louca de falar, “mas professora um é convergir, o outro divergir...”, mas o que eu escrevi está certo. Ela me solta, ao terminar a discussão, falou **assim “Ai menina, às vezes, se calhar, no Brasil é errado. Às vezes, no Brasil é completamente o oposto do que se usa aqui em Portugal e, por isso, você acabou escrevendo uma coisa errada”**. E pronto, eu saí de lá pensando “nossa, aqui em Portugal, então é diferente, não é ir de encontro é ir ao encontro de,” **mas aí eu pesquisei e não, é tudo igual! Ela se confundiu, mas eu não tive a minha nota aumentado na questão.** E enfim, aceitei no fim das contas, porque eu, realmente, naquele momento que eu estava conversando com ela, tentando aumentar minha nota, eu acreditei que aqui poderia ser diferente e que eu perdi nota, é uma pena, mas já saí para a próxima e não foi o que aconteceu.

*[Universitária 7]*

É intrigante como a mesma língua pode suscitar tantos conflitos e dificuldades. A língua tem variações e distinções culturais que impactam as relações, o que é possível verificar através das experiências vividas pelas participantes. Importa realçar que, por vezes, a língua

também pode ser vinculada a um certo estereótipo, como poderemos verificar na seguinte partilha:

Sim, eu estava apresentando um trabalho que era sobre um filme e o professor começou a falar sobre a cultura da dublagem, que no Brasil isso é muito recorrente. Só que eu também não sabia o porquê de ser sempre dublado, só que temos as coisas dubladas desde sempre, desde que eu aprendi a falar, eu tenho desenho dublado. E foi assim que eu cresci, é a nível cultural. Então, se é a cultura do Brasil...ele levava isso como se fosse algo mau, onde tirássemos a identidade do filme, do que é mesmo dito.

A discussão que eu tinha maior com ele era que “então uma pessoa que é uma analfabeta, uma pessoa que não sabe ler, como é que ela ia ter acesso a um filme? Não é para todo mundo então? Não era para ser mixado? E só para as pessoas que eram estudadas poderiam ter acesso à cultura do áudio visual.

**E ele falou que isso era uma forma de fazer com que as pessoas se tornassem mais preguiçosas e não quisessem ir buscar conhecimento. Ele fala “no Brasil as pessoas são preguiçosas”.**

Desculpa lá, não é só no Brasil que tem dublado...

[Universitária 4]

Na visão do professor da Universitária 4, a cultura da dobragem representa um certo nível de preguiça, logo, os/as brasileiros/as em si são considerados/as preguiçosos/as. O professor decidiu manifestar à aluna a sua opinião e acabou por expô-la em frente a toda a turma e a disseminar um estereótipo sem fundamento entre os/as alunos/as.

Em síntese, mais de metade das participantes revelaram ter sofrido algum constrangimento pela sua pronúncia e linguagem, sem considerar situações fora do âmbito académico que também foram expostas. Sem embargo, apesar de este tópico não ser considerado o tema principal da tese, é um assunto de extrema importância para as participantes, sendo considerado uma barreira quase que insuperável, a não ser para as que se adaptaram e adotaram o sotaque de Portugal.

Concluimos este assunto com uma reflexão de Noah (2019, p.77), que explica que “a língua transporta consigo uma identidade e uma cultura, ou pelo menos, a perceção de uma identidade e de uma cultura. Uma língua partilhada sugere: «Somos iguais». Uma barreira linguística diz: «Somos diferentes»”. De certa maneira, a língua portuguesa é uma das maiores partilhas culturais entre Portugal e Brasil. Não obstante, no meio académico, docentes e colegas acabam por fazer questão de realçar as diferenças existentes de maneiras pouco didáticas, através de interrupções em apresentações de trabalhos, comentários insultuosos à língua e à cultura, entre outras situações. Os sujeitos dos comentários parecem desconsiderar que o português falado no Brasil faz parte da identidade dos/as alunos/as, que, ainda que diferente, tem significância e valor para os/as falantes.

Acreditamos que a adaptação linguística é necessária, especialmente na escrita, mas ocorre naturalmente, não deve ser imposta como fator fulcral de integração e inserção na

sociedade portuguesa. Além disso, defende-se a importância de manter o individualismo dos/as imigrantes, isto é, enxergar que cada pessoa é autónoma e não definida e percebida somente através das suas pertenças e categorias (Vala, 2003).

#### 6.7.8. Praxes académicas

Um dos tópicos também aludidos por duas participantes da mesma Universidade (ISEP) foi a importância da praxe para a segregação das alunas brasileiras. A verdade é que a praxe académica é uma tradição universitária constituída por um conjunto de costumes e convenções (Fillol, 2015) em que os/as alunos/as mais velhos/as “praxam” os mais novos/as (caloiros/as). O principal objetivo das praxes é ensinar costumes das diferentes academias, cantam canções típicas do curso, realizam algumas atividades físicas e, sobretudo, incentivar a hierarquia entre os/as estudantes enquanto interagem e conhecem pessoas.

Contudo, muitas vezes, as notícias públicas sobre as praxes divulgam práticas menos boas<sup>18</sup>: escândalos que envolvem atividades que ultrapassam os limites e o bem-estar dos/as alunos/as, incluindo danos físicos e psicológicos (NM, 2018), assim como abusos de autoridade entre os/as alunos/as mais velhos/as e os/as caloiros/as. Também inspirado por práticas europeias, no Brasil, existe uma atividade semelhante, chamada “Trote Universitário”, que funciona como um “ritual de passagem” do caloiro (ou “bicho”) da vida estudantil para a universidade” (Strazzi, 2012). Esta tradição também envolve brincadeiras que humilham e ridicularizam os/as recém-chegados/as, com pintura facial, tarefas, etc. Apesar de ter a mesma premissa, as atividades e tradições são bastante distintas e as alunas brasileiras parecem sentir um pouco essas diferenças culturais:

Eu fui participar da praxe, uma vez, **um dia, aí mandaram ficar de 4 e nunca mais voltei. Eu não vim para cá para fazer essas coisas, desculpa.**

*[Universitária 9]*

E também ter uma... porque eu, por exemplo, eu participei da praxe, participei entre aspas, participei 2 dias da praxe. **Eu não sabia o que é que era, porque pulei de paraquedas aqui, até porque o nosso trote é bem diferente. Foi extremamente constrangedor, eu fiquei horrorizada, horrorizada. E aí falaram para mim: “Não, você tem que ir porque é lá que você vai fazer amigos!”**

Fui de novo! Mais constrangimento, eu fiquei chocada, eu não estava preparada para nada. **Me**

---

<sup>18</sup> Artigo com alguns exemplos de notícias polémicas sobre acontecimentos marcantes nas praxes académicas em Portugal: Académicas em Portugal: NM. (2018, setembro 27). Dez casos polémicos de praxes. Notícias Magazine. <https://www.noticiasmagazine.pt/2018/dez-casos-polemicos-praxes/historias/231760/>

**colocaram de quatro na frente de um mundo de homem.** Eu... é porque você tem que fazer várias posições lá, tipo.. eu fiquei super constrangida, gente. E o que é que eu vou fazer? Desculpa, não quero. **O que eu vejo é que realmente a praxe faz você ter as suas panelinhas<sup>19</sup>, não é? Quando essas panelinhas se criam, quem não faz praxe, esquece, não tem vez, não tem direito. E isso também é muito ruim. Você não tem que ser amigo porque faz ou deixa de fazer a praxe.**

*[Universitária 6]*

Para conseguirem interagir, ambas as estudantes tentaram participar na praxe acadêmica, mas sem sucesso, pois não se sentiram confortáveis com as atividades e ordens recebidas, nomeadamente em estarem em posições constrangedoras em frente a colegas do sexo masculino. A consequência da dificuldade de adaptação foi a exclusão das mesmas perante os/as colegas de curso, que efetivamente participam da praxe.

Importa mencionar que já existem medidas que visam evitar abusos de poder e o mal-estar dos/as estudantes nas praxes académicas e algumas universidades já desenvolveram associações de estudantes internacionais. Por exemplo, na Universidade do Porto, existem a InterUp<sup>20</sup> e a Erasmus Student Network (ESN)<sup>21</sup>, dedicadas a prestar apoio na integração de alunos/as internacionais recém-chegados/as em diferentes áreas, tais como a habitação, a aproximação de estudantes locais, vistos, etc. (Universidade do Porto, sem data). Estas são consideradas práticas muito importantes para evitar que mais alunas sintam as mesmas dificuldades que as entrevistadas partilharam relativamente à integração e até mesmo face às praxes académicas.

## **6.8. Relação com a universidade**

Ao longo dos subcapítulos anteriores, foi possível compreender que a grande maioria das entrevistadas passaram por algum episódio de preconceito, xenofobia ou até assédio no âmbito universitário. Considerando todas as experiências partilhadas, a investigadora questionou às respondentes se alguma vez expuseram os incidentes a alguém da administração da universidade ou se pediram qualquer suporte em situações mais desconfortáveis. Como foi possível verificar, em alguns casos as alunas sentiram-se à

---

<sup>19</sup> Em Português do Brasil, o conceito significa um grupo exclusivo de pessoas, normalmente de amigos/as e/ou colegas.

<sup>20</sup> <https://www.facebook.com/InterUp.Porto/>

<sup>21</sup> <https://www.esnporto.org/>

vontade e resolveram imediatamente a situações com os/as respetivos/as professores/as, mas nem sempre.

Em seguida, para finalizar as entrevistas, a investigadora pediu que as entrevistadas usassem a sua experiência e conhecimento de causa para aconselharem as instituições de ensino portuguesas no que diz respeito à integração de alunos/as internacionais. Por isso, esta fase da análise é subdividida em duas subcategorias específicas: Busca de suporte institucional e Conselhos para as universidades.

### 6.8.1. Busca de suporte institucional

Este subcapítulo visa expor se as respondentes pediram alguma ajuda ou explanaram algumas das situações partilhadas durante a entrevista a alguém superior do âmbito universitário. Na realidade, nenhuma das participantes expôs a situação ou pediu algum auxílio da Administração. Alguns casos foram resolvidos diretamente com os/as intervenientes e/ou com colegas de curso, enquanto outros foram esquecidos.

Algumas das respondentes justificaram que, por medo de serem prejudicadas nas avaliações e pela hierarquia existente no contexto universitário, não se sentiram confortáveis em partilhar as situações ocorridas:

**E tem muito isso dessa hierarquia, você fica com medo de que se você reclamar por estar sofrendo preconceito, porque você tem medo do professor marcar o seu nome, entendeu? Tipo te prejudicar de alguma forma.** Eu tinha muito medo de discutir naquela vez, com aquela professora reclamou da gente ser brasileira, eu tentei contra-argumentar. (...) E depois eu, cara, eu simplesmente parei de assistir aulas dela. Estava na pandemia, não contava presença e eu, nunca mais eu entrei, porque me deu, um, assim, um ranço tão absurdo.

*[Universitária 10]*

Acresce ao medo, o fator injustiça: a Universitária 9, durante a conversa com a investigadora, recordou o caso recente da suspensão de 90 dias do Professor Pedro Cosme da Costa Vieira, Catedrático na Universidade do Porto, acusado por inúmeros alunos/as de incitar o ódio, discriminação e assédio sexual na sala de aula (M. Gomes, 2021). Nomeadamente, o docente proferiu comentários sobre mulheres brasileiras como: “As mulheres brasileiras são uma mercadoria”, entre outras impressões machistas:

**Ficou, ficou mais entre a gente, principalmente por causa daquela questão do professor que foi expulso este ano. A gente viu que ia demorar muito para acontecer alguma coisa, entendeu? Ainda mais uma questão dessa, de sermos todas brasileiras, não poder usar tal palavra. A gente viu que não aconteceu nada, sabe? A FLUC não ia fazer nada, eles mantiveram essa cara que era, tipo, praticamente nazista durante muitos anos. Tinha reclamação dele de muito antes, tipo, de**

**10 anos para trás e tal**, e nunca aconteceu nada, então não ia ser uma professora criticando o facto da gente ser brasileira que ia mudar alguma coisa, então a gente nem se stressou com isso.

*[Universitária 10]*

A demora pela resolução no caso do Professor Pedro Cosme, mencionado pela aluna, leva à falta de credibilidade no sistema de suporte aos/às alunos/as por parte da Universidade. Consecutivamente, casos como este demonstram a carência de um organismo em que os/as alunos/as possam, de facto, recorrer em situações de vulnerabilidade. Nesta mesma linha de raciocínio, a Universitária 3 expõe que:

**Não, nós não nem procuramos a faculdade. Não vale a pena.** Hm...procurar um gabinete para falar disso, **porque as pessoas nem sequer percebem o que você está a passar.** E, depois... isso pode ser uma coisa estrutural. Se você não fala com a própria pessoa na hora e levar isso em diante, se não tiver um mecanismo muito bem preparado, que digo que já que as universidades não têm. Estou, estou a falar muito a sério. **Claro que tem gabinete de mobilidade, mas eles não estão preparados para assédio moral, não sabem resolver isso, não tem uma pessoa capacitada nas universidades para trabalhar e isso pode ser muito pior. Pode até levar a um nível que tu nem imagina.**

Mas falando sobre isso...**hoje, eu não acredito que tenha nenhum gabinete, em nenhuma universidade, nenhum, nada preparado para isso.** Existe o da mobilidade, que nós sabemos, não é? Mas esse tipo de coisas, mesmo que levada até eles, imagina se forem coisas muito sérias...? Pode até ser levado, mas até conseguir provar isso, demora um bocado, não é? Então acredito que, mesmo tendo o gabinete de mobilidade, eu acho que é uma figura de uma pessoa que seria um psicólogo ou alguém da área, percebe? Alguém que conseguisse fazer esse tipo de coisa e tivesse autoridade para responder a esse tipo de situações. **Porque as universidades são politizadas, a gente sabe, principalmente aqui em Portugal. Os cargos são indicados, o presidente, que está lá e essas coisas...**

*[Universitária 3]*

Em alguns momentos, pela situação ter ocorrido informalmente entre colegas, as alunas não sabiam nem a quem recorrer:

Cara, essa situação, essa primeira, a gente estava numa mesa, sabe? Tinha várias pessoas ouvindo, e ele só riem, sabe? Não fazem nada (risos). **Mas assim, eu nunca, nunca cheguei a relatar esse tipo de coisa! Eu falava com meu marido sobre isso, falava e comentava com outras pessoas.**

*[Universitária 9]*

Em circunstâncias mais específicas, por exemplo, com professores/as, as respondentes sentiram dificuldades em apresentar qualquer queixa sobre as situações de desconforto e preconceitos ocorridas dentro das salas de aula.

Não. Eu sofri sozinha e calada.

*[Universitária 6]*

**Não. Até porque eu estava com uma bolsa, eu estava como pesquisadora assistente dessa escola de verão.** Então, meio que não era vinculada àquela universidade. Eu poderia, se eu recorresse, era contra o professor, que era diretor daquela escola de verão. **De facto, criaria ali uma guerra, traria um assunto à tona, que talvez, é, poderia até fazer com que eu perdesse minha bolsa.** E acho que nem tinha a quem recorrer, sabe? Eu não iria chegar na instituição que eu não estava vinculada também...

*[Universitária 8]*

**Não, não recorri a ninguém. A situação com um professor o que eu fiz foi fazer a prova de melhoria e aumentei a minha nota. Falei “olha, não, não vale a pena, não vou discutir mais com essa pessoa, eu vou pegar minha prova, vou escrever a prova”.** Foi uma matéria que eu, eu fiz bem a matéria, então eu sabia as coisas, não é? Eu sabia que, se eu fosse fazer uma prova, eu ia ter uma nota muito maior do que eu tive naquele trabalho. (...) E com essa professora, também não, não fiz nada. Fiquei com a prova, com a nota que ficou.

*[Universitária 7]*

**No nosso caso, nós resolvemos. Foi um professor específico que fazia isso várias vezes e nós encurralamos ele.** Os próprios colegas ficavam ali, os próprios portugueses ficavam incomodados com o que eles faziam, não foi só uma situação entre nossos próprios colegas, se puseram no nosso lugar, percebe? E aí foi uma situação que, pelo menos na minha turma, ali passou como um momento único, isolado e acabou. Ele foi, foi, foi e chegou um ponto que a gente deu essa estourada que foi deste trabalho e ele nunca mais. Tanto que, até hoje, eu vou na universidade, eu tenho trabalhos voluntários que eu faço lá, e ele [professor], sempre que passa, me cumprimenta.

*[Universitária 3]*

**Na altura, os meus amigos estavam no meu lado, a gente até saiu da aula, a gente chegou a comentar sobre esse assunto e realmente ficaram todos chocados,** porque não é algo normal e minimamente aceitável, principalmente no ambiente universitário. Parte-se do princípio que tem gente de todos os tipos. **E eles disseram para não ligar e tal, e não passou muito disso.**

*[Universitária 2]*

Numa perspectiva geral, conclui-se que havia três tipos de situações, i) as alunas lidaram diretamente como os/as intervenientes; ii) comentaram apenas com pessoas próximas, ou iii) lidaram sozinhas com o ocorrido. Nenhuma aluna levou o caso adiante ou comentou com alguém superior na universidade por motivos vinculados ao medo de serem prejudicadas pela hierarquia dos/as docentes envolvidos ou por não saberem a quem recorrer exatamente. Adicionalmente, a noção de que as autoridades talvez não fizessem nada em prol dos/as estudantes também incentivou a um posicionamento mais pacato das alunas.

### 6.8.2. Recomendações para as universidades

À vista das experiências de cada entrevistada, foi pedido que aproveitassem o momento de partilha para aconselharem, livremente, as Instituições do Ensino Superior com medidas eficientes na integração de alunos/as internacionais. Muitas sugestões foram apresentadas até mesmo por parte das respondentes que não passaram por situações de xenofobia na universidade, mas que estavam familiarizadas com alguns acontecimentos deste tipo com outras colegas.

No que concerne ao primeiro conselho, gostaríamos de abordar a hierarquia vigente entre alunos/as de origem europeia face aos/às brasileiros/as. Ao longo dos testemunhos foi possível evidenciar o descontentamento de algumas alunas, que notaram um tratamento diferente entre estudantes de Erasmus e estudantes do Brasil. Esta realidade pode ser, claramente, uma consequência de um certo grau de favoritismo em virtude do endogrupo (Vala, 2003), neste caso, os/as europeus/europeias. À luz desta realidade, a Universitária 4 informa que os/as brasileiros/as devem ser vistos/as e tratados/as como estudantes internacionais, pois vêm de uma cultura diferente e não são inferiores a qualquer cultura europeia.

**É, principalmente, eu deixaria que os alunos internacionais também incluam os brasileiros e que não devem achar que, só porque falamos português, que não somos internacionais. Porque eu sinto muito isso, dão muito valor também aos alunos da Europa e vice-versa. Os programas de ERASMUS são super voltados aos alunos da Europa e não dão sequer vazão aos alunos do Brasil e não valorizam também essa cultura, nossa cultura, como valorizam as outras. O conselho que eu daria é entender que somos também estrangeiros e que precisamos também de suporte de estrangeiros, que não estamos no nosso país, sabemos disso, e queremos nos integrar da melhor forma, mas tem que entender, também, que as coisas evoluíram, os estereótipos não têm que existir e que **nossa cultura é gigante também**. Não conhecemos o Brasil inteiro, por favor... Que todo mundo gosta. Brasil é gigantesco e que uma cultura, um lugar difere muito do outro. Então, dar voz e espaço e para entenderem que somos um país gigante e que a diversidade de culturas gigante, então nos dar espaço para isso, para mostrar nas culturas também.**

*[Universitária 4]*

Assim como o testemunho anterior, outras participantes também distinguiram o poder da comunicação a respeito da imagem do Brasil como país, especialmente nas universidades. O objetivo é alterar a maneira negativa como os/as alunos/as provenientes do Brasil são vistos/as pelos/as colegas e docentes, de forma a protegê-los de situações de preconceito e xenofobia no ambiente universitário, e não só.

Então, eu acho que as faculdades tinham que tentar mostrar para os estudantes que o Brasil é um país grande, e que as pessoas vêm para cá...acho que tem que ficar muito claro que, o brasileiro não vem para cá porque passou fome no Brasil. Mas é porque ninguém vem para cá porque está passando fome no Brasil, nem tem como vir para Portugal se você não tem nada de dinheiro no Brasil. Ou seja, as pessoas que vêm para Portugal, têm o mínimo de dinheiro. **As pessoas não vêm para cá passando fome. As pessoas têm que entender que o brasileiro vem para cá para buscar uma vida melhor, para estudar, para ser alguém.** E tem muita gente que não gosta e volta, vai embora. **Então acho que as faculdades tinham que proteger mais a gente nessa questão, sabe? Nesse quesito, de tipo, eles vêm para cá porque eles querem, e isso tem que ficar muito claro, tipo. E não, eles vêm para cá, porque eles são “coitadinhos e são imigrantes”.**

**A gente vem, porque a gente quer buscar alguma coisa melhor, porque a gente se sente capaz para isso.**

*[Universitária 9]*

Eu acho que era isso, sei lá. Se fosse trabalhos em grupo, sei lá, dita mesclar mais e isso tentar incluir mais o brasileiro. **Eu acho que às vezes eles, eles usam muito a questão do, tipo, assim, todo mundo já sabe da onde a gente é, mas aí acaba exaltando que a gente é do lugar, entendeu?**

É muito estrangeiro e tal, então acho que é uma coisa normal, então não acho que tem que exaltar tanto essas diferenças e sempre citar o país, sempre falando das coisas ruins do país, sabe? E eu acho que sim, eu acho que teria de tentar incluir mais.

*[Universitária 1]*

Neste sentido, o que as participantes quiseram dizer é que, se investirmos na partilha de uma imagem mais benéfica em torno da comunidade brasileira e do Brasil em geral, talvez a inserção desses/as estudantes universitários/as não seja tão conturbada e as diferenças culturais sejam menos salientadas. Na visão de Arruda (2002), a comunicação origina as representações sociais, logo, se a comunicação for bem cuidada e em favor dos/as imigrantes, as representações sociais também o serão, tal como estudado no enquadramento teórico.

Neste seguimento, perante as sugestões mencionadas, 6 participantes apontaram o valor das competências interculturais dos/as professores/as. De um modo geral, as participantes incentivam a abertura de mentalidade por parte dos/as docentes, assim como o respeito e a inclusão das diferentes culturas em sala de aula, através da adaptação na comunicação, na compreensão das possíveis dificuldades de adaptação que cada aluno/a poderia sentir e nas avaliações destes/as estudantes.

Eu acho que as universidades tinham que deixar isso mais claro e tinham de proteger a gente, **tipo, proteger a gente de tudo isso, tanto na sala de aula, em tudo... eu acho que a gente não tem como controlar as pessoas que estudam, mas a gente tem como controlar o corpo docente, tem alguém acima deles. Eles tinham que ser instruídos a como lidar com essa situação, tinham de ser instruídos a como lidar com imigrantes, como lidar com o preconceito, como lidar com isso em sala de aula, sabe?** E eu sinto que eles são muito pouco instruídos nesse tipo de coisas. Eles recebem vários alunos internacionais, mas eles têm zero preparação para lidar com isso. Tipo, eles se orgulham de dizer que tem um monte de estudante internacional, mas eles não têm preparação para isso. Tipo, não tem preparação do corpo docente, das pessoas que trabalham para lidar com isso, sabe? Não tem. **Eu acho que eles tinham que se preparar um pouco melhor para isso. Eles tinham de entender como é que funciona entender as nacionalidades, entender como é que as pessoas vêm, sabe? Para não, não simplesmente subestimar. Eu acho que é isso. Acho que eles tinham que se preparar melhor para isso, entender que o estudante internacional também tem que ser tratado ter uma forma diferente, não podem juntar todo o mundo no mesmo bolo e está bom, sabe?**

*[Universitária 9]*

**Então, a questão do professor estar aberto a outras maneiras de ver o mundo, mais aberto a aceitar outras maneiras de escrever o português e outras maneiras de se comunicar.** Penso que, em relação aos alunos, é uma mudança que tem haver com o tempo. Talvez a mudança dos alunos e a mudança social, não é? Aí, eu acho que teria que ser uma coordenação num âmbito maior, quase governamental.

*[Universitária 8]*

**Então eu acho que a melhor forma de tentar evitar, claro, é você tendo um corpo docente que tenha um mínimo de noção, que não trate mal os alunos, etc...** Mas isso, eu nunca vi acontecer de uma forma explícita na universidade. E essas questões implícitas, eu acho que teria que ter uma mudança. **Por exemplo, para uma prova, que pudesse ter uma correção muito mais objetiva do que subjetiva, mas isso eu sei que é difícil mudar para diminuir essa sensação de que é diferente comigo, porque eu sou brasileira, porque eu sei que, para os portugueses, também não tem essa aplicação de um critério objetivo numa correção para um aluno em português.** No fim das contas, vai ser sempre uma coisa muito subjetiva, não é certo? Então não sei dar uma proposta, desculpa.

*[Universitária 7]*

**Bem, preparar psicologicamente toda a parte pedagógica das universidades. Porque eu vejo que cada vez mais imigrantes e estrangeiros entrando na universidade querendo algo melhor, porque a gente vem para cá querendo algo melhor. É muito triste quando a gente se depara com situações como essas e você vê que aqui eles não estão preparados. Um professor agir do jeito que agiu comigo é porque ele não estava preparado para uma situação como essa.**

**Então indicaria preparar bem psicologicamente, fisicamente. Infelizmente, as pessoas aqui acham que o brasileiro, angolano, francês, que eles vêm para cá para tomar o lugar dos portugueses. Mas não é isso. A gente vem para cá para agregar. É um ajudar o outro. É uma via de mão dupla, sabe? Não tem essa de tirar o lugar, até porque eu vejo, infelizmente, eu vejo, muitos portugueses não querem fazer a faculdade, não querem terminar os estudos, querem apenas terminar o secundário, trabalhar e está ótimo. Ou então, quando querem, vão para a França, vão para a Bélgica, vão para sei lá onde para poder terminar os estudos, porque não fazem aqui? Então, poxa, que bom que tem gente interessado no ensino daqui. Então, tipo, que eles estejam preparados para nos receber.**

Dando um exemplo aqui, no caso da [Universidade] Lusófona, só faltou me pegar no colo. Super bem preparados para receber qualquer tipo de nacionalidade. **Eles não fizeram distinção nenhuma, não tem distinção de preço por eu ser de uma nacionalidade diferente, tem a mesma quantidade de vagas, porque eu sou uma aluna como qualquer outro aluno.** Claro que, se eu não falasse a língua, era uma situação diferente, não é? Mas assim...lá dentro tinha um português, tinham africanos, tinham brasileiros trabalhando ali mesmo em conjunto. **Me senti, assim, em casa, praticamente. Então, tipo, com certeza, ali eles têm um trabalho muito bom, de trabalhar mesmo o psicológico das pessoas que ali estão. Eu acho que é o que falta.**

*[Universitária 6]*

**Eu, primeiro, aconselharia aos professores/docentes serem abertos dentro da sala de aula à multiculturalidade. Dando oportunidade, não só dos portugueses de se expressarem, mas das outras pessoas das outras etnias expressarem, também, o seu ponto de vista.** É, outra coisa que eu acho que também não acontece, é dar a liberdade para que o aluno fale mais, até mesmo com os portugueses na sala. Normalmente, é só o professor quase que fica a falar, eu acho isso horrível, não há ganho para esse tipo de aula.

*[Universitária 3]*

Como a minha experiência foi com os professores, acaba por não ser aceitável, **mas talvez uma melhor preparação, uma chamada de atenção, que ao mesmo tempo que não deveria ser necessária, talvez vinha ajudar a falar disso...**ter noção que são várias pessoas, várias nacionalidades, uma chamada de atenção, para meio que dá aquele clique de **estar preparado para lidar com tudo.**

*[Universitária 2]*

Além dos temas mencionados, para algumas alunas, a chave da mudança está nas mãos da educação dos/as jovens, tanto em casa como nas escolas. Por exemplo, a Universitária 10

realçou a importância de implementar um ensino mais consciente nas escolas a respeito da história da colonização e sobre a relação cultural e histórica entre Brasil e Portugal, promovendo uma perspectiva mais abrangente e realista do impacto da colonização do Brasil, indo muito além da visão positiva dos “Descobrimientos”, normalmente, disseminada nas escolas. Acredita-se que essa adaptação poderia mudar a percepção do Brasil e da comunidade brasileira no país por parte dos/as cidadãos/ãs portugueses.

**Sei que isso não é função da reitoria, mas eu acho que, nas escolas, as pessoas tinham que aprender sobre o impacto da colonização no Brasil, como nos outros países, em que a gente aprende. Mas eu acho que tinha que ter, porque eles não falam isso, eles só focam na parte positiva, em como ele eram ricos, como eles eram incríveis, como eles eram corajosos. Toda a formação literária deles em português é sobre isso. Têm os Lusíadas, Fernando Pessoa, têm um monte de coisa, em história a mesma coisa. Eles têm a ideia maravilhosa de que o Brasil só é Brasil por causa de Portugal. E sim, é por causa disso, mas é negativamente. Não é uma coisa boa. Eu acho que as únicas colônias que, entre aspas, deram certo foram os Estados Unidos e a Austrália, porque o resto, é tudo país emergente, é tudo o país cheio de desigualdade social e cheio de merda acontecendo por causa das colônias. Eles acham que eles fizeram um grande favor para gente, entendeu? E eu acho que isso vem... essa xenofobia que a gente sofre na faculdade vem, porque eles não têm informação sobre o que aconteceu de verdade.**

*[Universitária 10]*

Na mesma vertente, a Universitária 5 transmitiu a importância da educação familiar e do papel das instituições de ensino na partilha de valores de respeito pelos/as imigrantes no país. A participante sugere que esse passo de respeito seja alcançado por meio de atividades escolares práticas que incentivem a inclusão de todos/as com exercícios que levem à troca de experiências entre imigrantes e nacionais:

**Eu acho que, como é que eu posso dizer? Eu acho que isso é muito de educação, não é? Para começar, porque, por exemplo, eu criando o meu filho agora, eu acho que ele, no futuro, não teria uma atitude de ser preconceituoso com alguém, porque ele não vê isso em casa. Então eu acho que parte muito de educação, mas já que existe as instituições e as escolas contribuem muito para a educação, desenvolvimento do ser humano, deveria ter um dia ou um mês ou alguma coisa, alguma atividade de inclusão dessas pessoas para as pessoas sentirem na pele o que é ser imigrante. Porque a realidade é que quem faz esse tipo de comentário, quem causa esse desconforto aos imigrantes, nunca teve nessa situação de ser imigrante, certamente. Então, eu acho que deveria ter uma conscientização e fazer, tipo, como se fosse, sei lá, um dia específico para os imigrantes falarem um pouco sobre como é estar nessa situação, como é conviver com...lá está, como é ser um imigrante na realidade. Eu acho que isso seria uma boa...uma boa proposta, é.**

*[Universitária 5]*

Concomitantemente, uma das entrevistadas revelou a importância de credibilizar as denúncias dos/as alunos/as e de avaliar a fundo o perfil dos/as docentes nos estabelecimentos de ensino superior:

**Aí, eu acho que levar a sério as denúncias que os alunos fazem. Tipo, não empurrar com a barriga do jeito que eles sempre fazem. Ou seja, quando há uma denúncia, eles devem pesquisar, ir atrás, ver, entendeu?**

**Então, assim... eu acho que eu falaria para reitorias dar uma varredura nos professores. Tipo, ver, realmente “checar” o currículo, ver se tem algum tipo de denúncia,** dificilmente vai ter mesmo. Eles têm que ver essas coisas. Se houve denúncia do aluno, se tem uma denúncia, você olha, ou se tem 2 denúncias, você já tem que ficar atento, como assim... 2 denúncias? Duas vezes cometendo o mesmo erro?

*[Universitária 10]*

Similarmente, também sugeriram a implementação de um gabinete próprio de suporte aos/as estudantes, como anteriormente citado.

**E ah! Outra coisa, assim, seria ter um gabinete como eu disse, preparado para esse tipo de denúncia mesmo. Isso tem de ser já! É uma coisa que eu não percebo como é que não, não tem, não é?**

Não é uma pessoa que é uma secretária que colocaram lá e a pessoa fica nervosa, nem sabe como trabalhar contigo, tem de ser alguém da área das humanas, capaz de perceber e saber agir num contexto de uma situação de encaminhar esse aluno, organizar e tratar uma situação, e isso é uma coisa muito forte, não é? Esses assédios que acontecem, é... de uma forma mais leve, percebe? Mais leve para o aluno, mas também pesado para o outro lado, não é? Ou seja, apoiar para que seja levado adiante, tem de escalar isso aí, tem que falar com o presidente... **Mas eu não vejo isso acontecer, porque, como aqui é tudo muito político, fica muito feio para uma universidade, não é?**

*[Universitária 3]*

Com uma opinião muito semelhante, mas voltada para os alunos/as, a Universitária 6 também sugere um organismo de sensibilização dos/as estudantes no ambiente académico. De acordo com a entrevistada, este órgão serviria para que todos/as os/as universitários/as pudessem conviver num ambiente saudável em prol do crescimento intelectual e profissional de toda a comunidade académica.

**Ali, nós somos todos colegas de turma. Então, tipo, deveria ter, também, uma assembleia ou alguma coisa assim, que conscientizassem os alunos que, ali, vocês são todos iguais.** Eu ali paga a mais caro que eles, cara, um absurdo (risos). Então, assim, falta também um pouco de conscientização dos próprios alunos de que é uma universidade linda e grande. Poxa, que tem essa coisa de aceitar os estrangeiros, alunos de fora e que tem ali um trabalho que ajuda a pessoa crescer, a querer mais. Então, tipo, é importante valorizar isso, que os alunos também valorizassem isso. **É uma troca de cultura. Eu não digo isso só por eu ser brasileira, porque lá tem muitas outras nacionalidades.**

*[Universitária 6]*

Em síntese, a abundância e variedade dos conselhos partilhados permite interpretar que as universidades visadas neste estudo, de facto, necessitam de algumas mudanças e melhorias no que se refere à integração e bem-estar dos/as alunos/as internacionais. Embora esta investigação esteja focada na comunidade de alunas brasileiras, algumas das sugestões são aplicáveis para qualquer nacionalidade de estudantes, especialmente aos não-europeus. De entre todos os conselhos, a comunicação cultural por parte dos/as docentes foi, sem dúvida, a mais mencionada, sendo considerada um fator fulcral para a inserção de alunos/as das mais variadas culturas. Em concordância com Malheiros (2011, p. 5), acreditamos que

“um trabalho institucional construtivo e bem elaborado no sentido da promoção da interculturalidade e da integração dos/das imigrantes tem boas possibilidades de encontrar, junto dos portugueses, uma resposta maioritariamente favorável”. Desta maneira, poderá haver um impacto que ultrapasse o ambiente universitário e atinja as mais diversas áreas da sociedade.

Ainda assim, cabe-nos refletir de que maneira as universidades podem investir e incentivar competências interculturais nos/as profissionais e alunos/as das instituições. Algumas alunas sugeriram atividades práticas, motivar trabalhos de grupo com alunos de diferentes países e uma comunicação mais positiva e menos estereotipada de determinadas culturas e países em sala de aula. Estas e outras medidas visam fomentar igualdade no tratamento e nas avaliações de qualquer aluno/a, sem esquecer as barreiras culturais enfrentadas.

Importa frisar que as instituições deveriam garantir que qualquer estudante se sinta bem-vindo pela instituição, o que nem sempre acontece. Algumas das respondentes também reforçaram a importância de um organismo/espço a quem os/as universitários/as pudessem recorrer em caso de necessidade, por qualquer situação de vulnerabilidade ou constrangimento no ambiente de ensino. Estes organismos deveriam ser propriamente capacitados para lidarem e auxiliarem os/as estudantes com as ferramentas e conhecimentos necessários para o seu bem-estar e acolhimento.

## Considerações Finais

Esta investigação procurou verificar se os estereótipos existentes em torno das mulheres brasileiras afetavam a vida destas imigrantes em Portugal, nomeadamente das universitárias que frequentam/frequentavam instituições de ensino superior no distrito do Porto. A este propósito, os objetivos específicos da investigação foram:

- a) Identificar as origens dos estereótipos existentes a respeito das mulheres brasileiras em Portugal;
- b) Caracterizar os estereótipos e as representações sociais das mulheres brasileiras através da perspectiva das mesmas;
- c) Compreender a razão pela qual as imigrantes em questão escolheram uma universidade portuguesa para a realização do seu estudo;
- d) Compreender se existe ou não algum impacto das representações sociais na integração de alunas brasileiras no ensino superior e verificar como este se concretiza.

Para atestar os objetivos estabelecidos, foram entrevistadas 10 universitárias e ex-universitárias brasileiras entre os 22-36 anos que frequentam ou frequentaram uma instituição de ensino superior no distrito do Porto. A realização das entrevistas permitiu que a investigação não fosse apenas sobre o grupo-alvo, mas com o grupo-alvo, dando voz às experiências das estudantes e possibilitando a implementação de uma investigação realista e única. Na mesma linha, este contacto possibilitou obter inúmeras conclusões que transcenderam, em alguns aspetos, as expectativas e objetivos estabelecidos. A título de exemplo, inicialmente acreditávamos que as histórias partilhadas seriam em torno somente da sexualização e objetificação das mulheres brasileiras. Não obstante, as inquiridas partilharam perspectivas variadas de como o estereótipo flui no meio académico e como ultrapassa a sexualidade e o género, alcançando a intelectualidade, a avaliação, as relações interpessoais e, até mesmo, o comportamento das participantes, como poderemos ver nas principais conclusões que serão apresentadas.

A primeira conclusão a ser retirada deste estudo diz respeito à caracterização dos estereótipos, em que todas as inquiridas confirmaram a existência de um imaginário em torno das mulheres brasileiras e as definições expostas foram semelhantes. Na opinião das

participantes, as mulheres brasileiras são consideradas “fáceis”, “objetos sexuais”, “quentes” e, muitas vezes, são vinculadas à “prostituição”. De acordo com as participantes, este imaginário resulta na desvalorização das suas competências intelectuais, especialmente no âmbito acadêmico.

Outro estereótipo comum abordado pela amostra é a ideia de que as mulheres brasileiras vieram para o país para “tirar os maridos das portuguesas”. Este pressuposto gera um sentimento de competição entre as mulheres brasileiras e as portuguesas, promovido, também, pela sexualização exacerbada do corpo das mulheres brasileiras e a forma como são consideradas “exóticas” e experientes sexualmente. Sublinhamos que duas entrevistadas afirmaram que conseguem perceber alguma mudança positiva a respeito destes estereótipos devido à elevada presença de imigrantes no país e à crescente troca cultural, resultante das redes sociais.

De modo geral, as inquiridas expuseram que os estereótipos são efeitos de múltiplos marcadores culturais, como por exemplo das festas de Carnaval, do samba, da cor da pele das mulheres brasileiras, das telenovelas, das músicas, entre outros fatores que instigam o imaginário em torno da sensualidade e da libertinagem sexual deste grupo. Com efeito, as entrevistadas demonstraram que estes estereótipos afetam o quotidiano das mulheres imigrantes no país, gerando desconforto, dificuldades no ambiente de trabalho e no estabelecimento de relações sociais. Inclusive, algumas inquiridas explanaram que as mulheres brasileiras estão mais expostas ao assédio: “(...) a mulher brasileira, ela pode ser mais subjugada, e ela pode ser mais assediada por causa disso., (...) mais propensa a aceitar comentários de cunho sexual, ou propostas indecentes...” (Universitária 8).

No que respeita à razão pela qual as imigrantes em questão escolheram uma universidade portuguesa para a realização do seu estudo, as respostas variaram entre: Estudo (5), Experiência e Carreira Internacional (2), Língua (2), Qualidade de Vida (1) e Família (3). Realçamos que algumas participantes deram mais do que uma justificação para a sua escolha e as razões mais mencionadas foram o estudo e a família.

O Ensino, sendo o motivo mais comum entre as participantes da amostra desta investigação, está vinculado a dois motivos principais. Primeiramente, a facilidade de acesso

ao ensino português através da nota do ENEM<sup>22</sup> e em segundo lugar, o custo do ensino superior em Portugal. De facto, a existência de inúmeras políticas e acordos<sup>23</sup> entre os países facilitaram a mobilidade de estudantes brasileiros/as para Portugal, incentivando a troca cultural e de conhecimento entre as instituições. O segundo ponto mais mencionado foi a família, pois algumas das inquiridas já tinham parentes a viver no país, o que facilitou o processo de transição e integração das mesmas.

Relativamente ao impacto das representações sociais na integração de alunas brasileiras no ensino superior, as respostas não foram unânimes e as experiências diferiram conforme a instituição universitária e o curso escolhido. Para entender a experiência de cada uma, primeiro, debruçou-se sobre a adaptação e o círculo de amizade das participantes e, depois, o impacto dos estereótipos na experiência universitária de cada inquirida. Assim sendo, no que diz respeito à adaptação, metade das entrevistadas revelaram que o primeiro ano foi desafiador: “(...) os primeiros meses foram muito intensos, eu não dormia, tive muita crise de ansiedade e eu queria voltar a todo o custo” (Universitária 6). Questões como a língua, o ambiente universitário, a cultura e a diferença comportamental entre portugueses/as e brasileiros/as foram mencionados como obstáculos para a integração das mesmas. Em contrapartida, a outra metade da amostra demonstrou não ter sentido tantas dificuldades, apenas saudades do país de origem e da família.

No que toca ao círculo de amizades das participantes, o intuito era entender se conseguiram ou não estabelecer relações interpessoais com pessoas de nacionalidade portuguesa durante o curso. Através das entrevistas, atestou-se que as relações sociais são um fator preponderante para o bem-estar das alunas brasileiras. Neste sentido, algumas das participantes sentiram-se, frequentemente, segregadas por serem mulheres e brasileiras, dois marcadores que se intersectam e que determinam a integração das mesmas na sociedade

---

<sup>22</sup> Exame Nacional do Ensino Médio no Brasil

<sup>23</sup> Alguns dos principais acordos foram: A criação do Estatuto de “Estudante Internacional”, aprovado no Decreto-Lei n.º 36/2014, no dia 10 de março; Programa Ciência sem Fronteiras (CsF), lançado em 2012, durante a presidência de Dilma Rousseff, através do Decreto N.º 7.642, de 13 de dezembro de 2011, e a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), uma das principais agências brasileiras a investir na pesquisa científica e tecnologia no país (*A instituição: A FAPESP*, sem data) através de bolsas e incentivos à mobilidade internacional dos/as estudantes.

portuguesa e no seio académico. Esta realidade levou, inclusive, a que uma das inquiridas abandonasse o curso. Realça-se que esta não foi a realidade de todas as participantes, pois algumas conseguiram, com sucesso, estabelecer relações interpessoais com colegas portugueses/as.

Por fim, o impacto dos estereótipos no processo de inserção das entrevistadas foi sentido em diferentes áreas, tendo sido encarado de formas distintas entre as inquiridas. Convém sublinhar que, de entre a amostra, apenas 2 das 10 entrevistadas demonstraram não ter sentido qualquer impacto, ou dificuldades causadas pelos estereótipos no âmbito universitário. Em contrapartida, as restantes afirmaram ter sofrido com estas ideias pré-concebidas e sentiram-se confortáveis em partilhar todas as suas experiências. Neste seguimento, no que diz respeito aos estereótipos de género e sexualidade, algumas respondentes mencionaram ter experienciado um tratamento distinto comparativamente aos seus colegas homens portugueses, especialmente em sala de aula e durante esclarecimento de dúvidas.

Similarmente, episódios de assédio entre professores/as e colegas também foram referidos, tais como: “Ai, você tem carro e tal, né? Talvez ela queira sair contigo” (Universitária 9) ou “(...) porque eu estava na aula, a mexer no meu telemóvel e ele [o professor] disse que estava a falar com o meu namorado” (Universitária 3). Salienta-se que outras histórias similares foram partilhadas em outras áreas, tais como ambiente laboral e social, o que demonstra que o estereótipo existe em vários campos da sociedade, afetando a tranquilidade e a segurança geral das imigrantes.

Outro ponto abordado com alguma frequência é a forma como a competência intelectual das alunas foi posta em causa, o que se torna evidente através da desigualdade nas avaliações tanto de testes como trabalhos escritos e apresentações orais das alunas. Na maioria dos casos, as entrevistadas nunca conseguiam obter resultados superiores ou iguais aos de um/a colega português/a, o que gerava desconforto e desânimo nas estudantes, pois, independentemente do esforço realizado, nunca se sentiam valorizadas. Inclusive, um dos fatores que motiva essa desigualdade, de acordo com as participantes, é o preconceito linguístico. A maioria das inquiridas demonstrou descontentamento com comentários de professores/as e colegas sobre o sotaque e vocabulário utilizados em que desvalorizavam a cultura brasileira através de comentários depreciativos.

Após a realização das entrevistas e a discussão dos resultados que foram sendo obtidos durante a análise e sem assumir que a amostra representa a realidade geral de todas as universitárias brasileiras no Porto, podemos tirar algumas conclusões importantes no âmbito científico e social. Primordialmente, respondendo à questão de partida da dissertação, constata-se o impacto dos estereótipos sexuais na integração de universitárias nas universidades do Porto. Este trabalho possibilita perceber que, de alguma maneira, os estereótipos podem afetar sectores específicos da vida das universitárias, tais como a sua integração, o relacionamento com colegas de curso e professores/as e até mesmo a forma como são percebidas e avaliadas.

Com base nestes testemunhos, podemos constatar que a sexualização das mulheres brasileiras pode pôr em causa a sua segurança, integridade e bem-estar. Por se serem categorizadas como “fáceis”, estão sujeitas a comentários e olhares redutores e as jovens universitárias entrevistadas não fogem a este padrão. Por isso, quando questionadas sobre os estereótipos, todas as inquiridas deram respostas semelhantes, como se partilhassem o significado quase que invisível, mas notório, do que simboliza ser mulher e ser brasileira.

Todavia, conseguiu-se concluir que o imaginário sexual afeta, também, a desvalorização das habilidades intelectuais das alunas e o preconceito linguístico contra as mesmas. Foi possível compreender que essas questões acompanharam as respondentes durante todo o seu percurso académico. Posto isto, julga-se importante abarcar o verdadeiro impacto dos preconceitos e das representações socialmente construídas sobre estas jovens. Em algumas situações, é exequível notar sentimentos de frustração, solidão e decepção perante o ambiente universitário que encontraram em Portugal, sentindo-se mais expostas do que protegidas, reflexo da intersecção de inúmeros fatores discriminatórios, nomeadamente, a nacionalidade, o género, língua e até mesmo a cor. A questão que nos cabe agora refletir é como modificar esta situação e preservar a integração de estudantes internacionais, sobretudo as brasileiras.

Para essa finalidade, juntamente com as propostas de algumas das respondentes e com uma análise ampla tanto da fase teórica como empírica desta investigação, sugerimos que as instituições de ensino portuguesas adotem as seguintes medidas:

- Criar um ambiente universitário seguro para que qualquer aluno/a internacional não se sinta julgado nem pela sua língua, nem pela sua origem;

- Garantir igualdade de tratamento entre os géneros, tanto em salas de aulas como em outros âmbitos da universidade;
- Criar uma rede de apoio anónima para que os/as estudantes possam denunciar casos de preconceito nas universidades sem sentirem medo de serem prejudicados/as pelos/as professores/as e colegas em questão;
- Assegurar a punição de Professores/as e alunos/as em caso de discriminação ou preconceito proferido sobre qualquer outro/a colega no âmbito universitário;
- Implementar avaliações compreensivas para alunos/as internacionais que escrevam e falem em outra língua, inclusive o português do Brasil;
- Criação de medidas para integrar, gradativamente, alunos/as internacionais em tradições académicas nacionais (praxes), preservando a sua integridade e respeitando as diferenças culturais existentes;
- Incentivar os/as professores/as a preparar atividades que promovam o contacto entre alunos/as das diferentes nacionalidades, de forma a apoiar o estabelecimento de um relacionamento saudável entre todos/as os/as alunos/as, independentemente da nacionalidade;
- Desenvolver cursos/formações para os/as docentes universitários/as sobre a importância da comunicação intercultural e da inclusão de diferentes culturas no meio académico.

Em suma, pretende-se que esta investigação permita chamar a atenção das instituições de ensino para o impacto negativo na integração das alunas brasileiras, resultando de um imaginário sexual antigo e negativo em torno das mesmas. As medidas apresentadas e as conclusões expostas visam proteger as estudantes brasileiras no ensino superior, e pretendem criar um ambiente seguro e um tratamento igualitário entre todos/as os/as alunos/as. Concomitantemente, ao dar voz a algumas estudantes universitárias brasileiras, visa-se criar consciência de que a sexualização destas causa danos psicológicos e sociais. Admite-se que uma das formas de reverter essa realidade é através da mudança da mentalidade das pessoas e, por isso, as recomendações de mudanças propostas anteriormente devem ser implementadas no seio académico. Acredita-se que as recomendações podem causar efeitos positivos em outras esferas da sociedade, sobretudo, no meio profissional, devido ao poder

de influência e da partilha de valores promovidas nas instituições de ensino que moldam futuros/as profissionais que ocuparão diferentes responsabilidades na sociedade.

Por fim, e para salientar a importância desta temática e mudança de mentalidade, finalizamos esta investigação com uma frase escrita numa das paredes de Coimbra, que diz: “Todos/as somos estrangeiros em algum lugar” e, por isso, precisamos ter respeito entre todos/as.



## Referências Bibliográficas

- A carta de Pero Vaz de Caminha* (Departamento Nacional do livro). (1500). Ministério da Cultura - Fundação Biblioteca Nacional.  
[http://objdigital.bn.br/Acervo\\_Digital/Livros\\_eletronicos/carta.pdf](http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/carta.pdf)
- A instituição: A FAPESP*. (sem data). Obtido 5 de outubro de 2022, de <https://fapesp.br/2/a-fapesp>
- Abreu, A., & Peixoto, J. (2009). Demografia, mercado de trabalho e imigração de substituição: Tendências, políticas e prospectiva no caso português. *Instituto Ciências Sociais da Universidade de Lisboa*, 44(193), 719–746.
- Acadêmica (Diretor). (2020, abril 21). *Dedutivo ou indutivo na pesquisa qualitativa? - Pesquisa na Prática #56*. <https://www.youtube.com/watch?v=Va0NtL45tik>
- ACNUDH. (sem data). *ACNUDH | Estereótipos de género*. OHCHR. Obtido 17 de outubro de 2022, de <https://www.ohchr.org/es/women/gender-stereotyping>
- Adelman, M. (2004). *Feminismo, pós-colonialismo e novas narrativas sociológicas*. Seminário temático- pós-colonialismo, pós-nacionalismo, pós-socialismo: a democracia como suspensão e a demanda por uma nova normalidade., Minas Gerais.  
<https://anpocs.com/index.php/papers-28-encontro/st-5/st22-3/4070-madelman-feminismo/file>
- Agência Lusa. (2005). «Acordo Lula» permitiu legalizar perto de 14 mil brasileiros. [https://www.rtp.pt/noticias/pais/acordo-lula-permitiu-legalizar-perto-de-14-mil-brasileiros\\_n18557](https://www.rtp.pt/noticias/pais/acordo-lula-permitiu-legalizar-perto-de-14-mil-brasileiros_n18557)
- Albuquerque, M., Bragança, D., & Lima, L. (2019). *Os padrões de identificação da mulher brasileira no exterior: O caso das intercambistas da Universidade Federal Fluminense*. 7, 437. <https://doi.org/10.15210/norus.v7i11.17056>
- Albuquerque, R. (2005). Para uma análise multidimensional da situação das mulheres: As relações entre género, classe e etnicidade. Em *Migração e etnicidade: Vivências e trajetórias de mulheres em Portugal*. SOS Racismo.  
[https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/1314/1/2005a\\_rosana1.pdf](https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/1314/1/2005a_rosana1.pdf)
- Alonso, A. (2010). A introdução da interseccionalidade em Portugal: Repensar as políticas de igualdade(s). *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 90, Artigo 90.  
<https://doi.org/10.4000/rccs.1760>
- Alves, A., Nascimento, A., Ulhôa, A., Batista, B., Capela, C., & Venturine, C. (2021). *Reflexões em torno de Metodologias de Investigação: Recolha de dados* (Vol. 2). UA Editora. <https://ria.ua.pt/handle/10773/30772>
- Amâncio, L. (2003). O género no discurso das Ciências Sociais. *Análise Social*, XXXVIII(168), Artigo 168.
- Amâncio, L. (2002). O género na psicologia social em Portugal. Perspectivas actuais e desenvolvimentos futuros. *Ex æquo - Revista da Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres*. <https://exaequo.apem-estudos.org/artigo/o-genero-na-psicologia-social-em-portugal>
- Anastácio, J. (2019). *O fenómeno migratório, a imigração em Portugal e o impacto no desenvolvimento dos países de origem—Os casos das comunidades cabo-verdiana e ucrâniana* [Universidade Autónoma de Lisboa «Luis de Camões»].  
<https://repositorio.ual.pt/bitstream/11144/4715/1/DISSERTA%20C3%87%C3%82O%20DE>

- %20MESTRADO%20EM%20RI%C2%B4s%20JO%C3%83O%20ANAST%C3%81CIO%20CAND.%2020160869.%20UAL%20VF%2028%20fev.pdf
- ANSA. (2019). 'Brasil não pode ser país do mundo gay', diz Bolsonaro. *Isto é*. <https://istoe.com.br/brasil-nao-pode-ser-pais-do-mundo-gay-diz-bolsonaro/>
- Arroteia, J. C. (2007). Migrações internacionais: Portugal como destino. *Universidade de Aveiro*, 11.
- Arruda, A. (2002). Teoria das representações sociais e teorias de gênero. *Cadernos de Pesquisa*, 117, Artigo 117. <https://doi.org/10.1590/S0100-15742002000300007>
- Assis, G. (2007). Mulheres migrantes no passado e no presente: Gênero, redes sociais e migração internacional. *Revista Estudos Feministas*, 15(3), 745–772. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2007000300015>
- Baganha, M. I. (2005). Política de imigração: A regulação dos fluxos. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 73, 29–44. <https://doi.org/10.4000/rccs.952>
- Baganha, M. I., & Marques, J. C. (2001). *Imigração e política: O caso português* (Fundação Luso-Americana para o desenvolvimento).
- Barbosa, A., & Lima, Á. (2020). *Brasileiros em Portugal: De volta às raízes lusitanas* (Ministério das Relações Exteriores). Fundação Alexandre Gusmão. <http://funag.gov.br/biblioteca/download/Brasileiros%20em%20Portugal-DIGITAL.pdf>
- Barbosa, L. (2014). *A integração social e laboral dos imigrantes brasileiros em Portugal – Estudo exploratório em Coimbra*. Instituto Superior de Línguas e Administração.
- Barbosa, M. (1998). *Invisibilidade e tectos de vidro: Representações do género na campanha eleitoral legislativa de 1995 no Jornal «Público»*. Alto Comissariado para a Igualdade e a Família.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Batista, R., & Bonomo, M. (2016). Representações e metarrepresentações sociais de imigrantes brasileiros na Europa. *Liberabit: Revista Peruana de Psicología*, 22(1), 91–102. <https://doi.org/10.24265/liberabit.2016.v22n1.08>
- Beaud, S., & Weber, F. (2007). *Guia para pesquisa de campo—Produzir e analisar dados etnográficos*. Editora vozes Ltda.
- Borrego, B. (2016). *Demografia da população Imigrante em Portugal*. [https://www.researchgate.net/publication/315812027\\_Demographics\\_of\\_Immigration\\_in\\_Portugal](https://www.researchgate.net/publication/315812027_Demographics_of_Immigration_in_Portugal)
- Branco, P. (2021). Luana Piovani - Participação em programa da SIC gera polémica: «Ela está em decadência». *Revista Nova Gente*. <https://www.novagente.pt/luana-piovani-participacao-em-programa-da-sic-gera-polemica-ela-esta-em-decadencia>
- Carmo, H., & Ferreira, M. (2008). *Metodologia da Investigação: Guia para auto-aprendizagem*. Universidade Aberta.
- Castro, D. (2021). *Programa português com Luana Piovani é acusado de reforçar xenofobia; entenda*. Notícias da TV. <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/programa-portugues-com-luana-piovani-e-acusado-de-reforçar-xenofobia-entenda-49278>
- CeiED/ULHT (Ed.). (2014). *Carta de princípios éticos da investigação CeiED /ULHT*. Universidade Lusófona. <https://www.ceied.ulusofona.pt/wp-content/uploads/sites/75/2016/03/CARTA-PRINC-ETICOS-CEIED-14.pdf>
- Coelho, E. (2021). *Mulheres brasileiras imigrantes: Conhecimento e acesso aos direitos sociais*. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.

[https://run.unl.pt/bitstream/10362/116039/1/Ester\\_Coelho\\_Mulheres\\_Brasileiras\\_Imigrantes.pdf](https://run.unl.pt/bitstream/10362/116039/1/Ester_Coelho_Mulheres_Brasileiras_Imigrantes.pdf)

Corrêa, A. (2022). ENEM Portugal: Lista atualizada das universidades que aceitam. *Vagas Pelo Mundo | Vagas de Emprego, Morar Fora*.

<https://vagaspelomundo.com.br/bolsas-de-estudo/enem-portugal-universidades-que-aceitam/>

Correia, C., & Neves, S. (2011). Ser brasileira em Portugal – uma abordagem às representações, preconceitos e estereótipos sociais. Em *Migração: Múltiplos olhares* (pp. 157-185). UNIR-EDUFRO.

Costa, A. P., & Cynthia, de P. (sem data). Ser mulher brasileira em Portugal e a luta pela igualdade. *FEM - Feministas em movimento*. Obtido 11 de junho de 2021, de <https://fem.org.pt/iniciativas/16diasdeativismo/ser-mulher-brasileira-em-portugal-e-a-luta-pela-igualdade/>

Crenshaw, K. (1991). Mapping the margins: Intersectionality, identity politics, and violence against women of color. *Stanford Law Review*, 43(6), 1241.

<https://doi.org/10.2307/1229039>

DGES. (2020a). *Nota à comunicação social: O número de estudantes matriculados no ensino superior ao abrigo do estatuto de estudante internacional aumentou 38% em 2019/2020, face ao ano anterior—Brasil, Cabo Verde e Guiné-Bissau são os países com mais novos inscritos no Ensino Superior*. Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (MCTES).

[https://wwwcdn.dges.gov.pt/sites/default/files/nota\\_estudantes\\_internacionais\\_estudantes\\_estrangeros\\_mar2020.pdf](https://wwwcdn.dges.gov.pt/sites/default/files/nota_estudantes_internacionais_estudantes_estrangeros_mar2020.pdf)

DGES. (2020b). *Relatório do grupo de trabalho sobre o acesso ao ensino superior (1307/2020)*. <https://www.dges.gov.pt/pt/content/relatorio-do-grupo-de-trabalho-sobre-o-acesso-ao-ensino-superior>

Diário da República, 8/2001, Diário da República, Série I-A 4/2001 páginas 99 (2001). <https://files.dre.pt/1s/2001/01/008a00/00990127.pdf>

Decreto-Lei n.º 36/2014 de 10 de março, 40, Diário da República (2014). <https://files.dre.pt/1s/2014/03/04800/0181801821.pdf>

EIGE. (sem data). *Estereótipo de género*. Instituto europeu para a igualdade de género. Obtido 8 de fevereiro de 2023, de <https://eige.europa.eu/thesaurus/terms/1222>

Estrela, J., Lopes, S., Menezes, A., Sousa, P., & Machado, R. (2022). *Relatório de imigração fronteiras e asilo 2021* (Serviço de Estrangeiros e Fronteiras). SEF/GEPF. <https://sefstat.sef.pt/forms/distritos.aspx>

European Institute for Gender Equality. (sem data). *Gender*. European Institute for Gender Equality. Obtido 13 de agosto de 2022, de <https://eige.europa.eu/thesaurus/terms/1141>

Fáveri, M. de. (2014). *O ano internacional da mulher e o feminismo de Heloneida Studart*. Anais do II Seminário Internacional História do Tempo Presente, Florianópolis, SC. <https://eventos.udesc.br/ocs/index.php/STPII/tempopresente/paper/viewFile/238/153>

Ferin Cunha, I. (2005). A mulher brasileira na televisão portuguesa. *Actas do III Sopcom, VI Lusocom e II Ibérico, III*, 535-553.

Ferin Cunha, I., & Silva, J. de F. T. (2014). A telenovela Gabriela na memória das mulheres brasileiras e portuguesas. *C-Legenda - Revista do Programa de Pós-graduação em Cinema e Audiovisual*, 30, Artigo 30.

- Fernandes, A. M., Costa, V., Ferreira, M. M., & Girão, R. J. (2015). *Fatores determinantes na redução dos níveis de sobrecarga dos cuidadores informais de utentes com dependência: Artigo de revisão* [Escola Superior de Enfermagem da Cruz Vermelha Portuguesa de Oliveira de Azeméis].  
<https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/16796/1/2.pdf>
- Fernandes, D., Peixoto, J., & Oltramari, A. P. (2021). A quarta onda da imigração brasileira em Portugal: Uma história breve. *Revista Latinoamericana de Población*, 15(29), Artigo 29. <https://doi.org/10.31406/relap2021.v15.i2.n29.2>
- Ferro, C., & Capucho, J. (2018). *Jovens brasileiros querem deixar o país e vir para Portugal e para os EUA*. <https://www.dn.pt/portugal/jovens-brasileiros-querem-deixar-o-pais-e-ir-para-eua-e-portugal--9475119.html>
- Fidalgo, H. (2003). «Mães de Bragança» acusam brasileiras de provocar «onda de loucura» na cidade. *Público*. <https://www.publico.pt/2003/05/01/jornal/maes-de-braganca-acusam-brasileiras-de-provocar-onda-de-loucura-na-cidade-200790>
- Fillol, J. (2015, setembro 25). *O que é e o que não é permitido na praxe académica*. <https://www.jn.pt/nacional/educacao/o-que-e-e-o-que-nao-e-permitido-na-praxe-academica-4798469.html>
- Fonseca, R. M. G. S. da. (1995). A educação e o processo de inclusão—Exclusão social da mulher: uma questão de género? *Revista Brasileira de Enfermagem*, 48(1), 51–59. <https://doi.org/10.1590/S0034-71671995000100008>
- França, T. (2012). *Lindas mulatas com rendas em Portugal: A inserção das mulheres brasileiras no mercado de trabalho português* [Tese de doutoramento em Sociologia - Relações do Trabalho, Desigualdades Sociais e Sindicalismo, Universidade de Coimbra]. <https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/21124>
- França, T. (2016). Mulheres, imigrantes e académicas: Teorias da interseccionalidade para pensar a mobilidade científica. *Revista TOMO*.  
<https://doi.org/10.21669/tomo.v0i0.5432>
- França, T., & Padilla, B. (2018). Imigração brasileira para Portugal: Entre o surgimento e a construção mediática de uma nova vaga. *Cadernos de Estudos Sociais*, 33(2), Artigo 2. <https://doi.org/10.33148/CES2595-4091v.33n.220181773>
- Gabrielli, C. P. (2006). *Das “vergonhas” descritas por Caminha, ao turismo sexual: O uso de imagens femininas atreladas ao desenvolvimento turístico do Brasil* [Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC].  
[http://www.uesc.br/cursos/pos\\_graduacao/mestrado/turismo/dissertacao/dissertacao\\_cassiana\\_panissa.pdf](http://www.uesc.br/cursos/pos_graduacao/mestrado/turismo/dissertacao/dissertacao_cassiana_panissa.pdf)
- Góis, P., Abecasis, F., Alfaiate, J., Hancock, M., & Lozano, L. (2019). *Casa Comum: Migração e desenvolvimento em Portugal—Avançar nas práticas: Rumo à inclusão e coesão social*. Cáritas Portuguesa.
- Góis, P., & Marques, José. (2011). A evolução do sistema migratório lusófono. Uma análise a partir da imigração e emigração portuguesa. *Revista Internacional em Língua Portuguesa*, 24. [https://iconline.ipleiria.pt/bitstream/10400.8/1036/1/artigo\\_int\\_2012.pdf](https://iconline.ipleiria.pt/bitstream/10400.8/1036/1/artigo_int_2012.pdf)
- Góis, P., & Marques, J. C. (2014). *Processos de admissão e integração de imigrantes altamente qualificados em Portugal e a sua relação com a migração circular* (Alto Comissariado para as migrações). Observatório das Migrações.  
<https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/41511/1/Processos%20de%20Admiss%C3%A3o%20e%20de%20Integra%C3%A7%C3%A3o%20de%20Imigrantes%20Altamente%20Qu>

alificados%20em%20Portugal%20e%20a%20Sua%20Rela%C3%A7%C3%A3o%20com%20a%20Migra%C3%A7%C3%A3o%20Circular.pdf

Góis, P., & Marques, J. C. (2018). Retrato de um Portugal migrante: A evolução da emigração, da imigração e do seu estudo nos últimos 40 anos. *e-cadernos CES*, 29. <https://doi.org/10.4000/eces.3307>

Gomes, M. (2021). Professor da universidade do Porto suspenso por 90 dias por fazer comentários “sexistas, machistas, racistas e xenófobos” nas aulas. *PÚBLICO*. <https://www.publico.pt/2021/02/24/sociedade/noticia/professor-universidade-porto-suspenso-90-dias-comentarios-sexistas-machistas-racistas-xenofobos-aulas-1952019>

Gomes, M. S. (2013). *O imaginário social <Mulher Brasileira> em Portugal: Uma análise da construção de saberes, das relações de poder e dos modos de subjetivação* [ISCTE]. [https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/6077/1/GOMES\\_Mariana\\_-\\_TESE\\_DOUTORAMENTO\\_DEFINITIVA.pdf](https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/6077/1/GOMES_Mariana_-_TESE_DOUTORAMENTO_DEFINITIVA.pdf)

Gomes, T. (2019, novembro 14). *Agora são 42 universidades de Portugal que aceitam a nota do ENEM*. *Catraca Livre*. <https://catracalivre.com.br/educacao/universidades-portugal-aceitam-enem/>

Governo Federal Brasileiro. (2022). *O que é? Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico*. <https://www.gov.br/cnpq/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/ciencia-sem-fronteiras/apresentacao-1/o-que-e>

Guerreiro, J., Queiroz, J., & Teixeira, P. (2019). *Relatório sobre o acesso ao ensino superior*.

[https://wwwcdn.dges.gov.pt/sites/default/files/documentos\\_internos/relatorio.acesso\\_ao\\_ensino\\_superior.final\\_junho2019.versao\\_definitiva.pdf](https://wwwcdn.dges.gov.pt/sites/default/files/documentos_internos/relatorio.acesso_ao_ensino_superior.final_junho2019.versao_definitiva.pdf)

Henriques, J. G. (2020). *Número de imigrantes em Portugal subiu quase 23%. Já somam 590 mil*. *PÚBLICO*. <https://www.publico.pt/2020/06/23/sociedade/noticia/numero-imigrantes-portugal-subiu-quase-23-ja-sao-590-mil-1921563>

INE. (2021). *Metainformação*.

[https://www.ine.pt/bddXplorer/htdocs/minfo.jsp?var\\_cd=0008269&lingua=PT](https://www.ine.pt/bddXplorer/htdocs/minfo.jsp?var_cd=0008269&lingua=PT)

Iorio, J. C. (2018a). *Estudantes brasileiros no ensino superior português: Quais as motivações para a escolha de Portugal e porque retornaram ao Brasil?* 34.

Iorio, J. C. (2018b). *Trajetórias de mobilidade estudantil Internacional: Estudantes brasileiros no ensino superior em Portugal* [Universidade de Lisboa: a Instituto de Geografia e Ordenamento do Território].

[https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/37454/1/ulsd732866\\_td\\_Juliana\\_Iorio.pdf](https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/37454/1/ulsd732866_td_Juliana_Iorio.pdf)

Iorio, J. C., & Fonseca, M. L. (2019). Estudantes brasileiros no ensino superior português: Construção do projeto migratório e intenções de mobilidade futura. *Finisterra*, 3-20 Páginas. <https://doi.org/10.18055/FINIS14556>

Jodelet, D. (1985). La representación social: Fenómenos, concepto y teoría. *Psicologia Social (S. Moscovici, org.)*, 469–494.

King, R., Findlay, A., & Ahrens, J. (2010). *International student mobility literature review—Report to HEFCE, and co-funded by the British Council, UK National Agency for Erasmus* (p. 55).

Lippmann, W. (1997). *Public opinion*. Transaction Publishers.

Lisboa, T. K. (2007). Fluxos migratórios de mulheres para o trabalho reprodutivo: A globalização da assistência. *Revista Estudos Feministas*, 15(3), 805–821. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2007000300017>

- Lucas, I. (2015, abril 2). *Portugal e Brasil: Orgulho e preconceito entre duas literaturas*. PÚBLICO. <https://www.publico.pt/2015/04/03/culturaipsilon/noticia/portugal-e-brasil-orgulho-e-preconceito-entre-duas-literaturas-1690391>
- Lusa, R. e T. de. (2012). Portugal é o país mais procurado no programa brasileiro Ciência Sem Fronteiras. *Portugal é o país mais procurado no programa brasileiro Ciência Sem Fronteiras*. [https://www.rtp.pt/noticias/ciencias/portugal-e-o-pais-mais-procurado-no-programa-brasileiro-ciencia-sem-fronteiras\\_n585039](https://www.rtp.pt/noticias/ciencias/portugal-e-o-pais-mais-procurado-no-programa-brasileiro-ciencia-sem-fronteiras_n585039)
- Machado, I. J. de R. (2002). «Cárcere público»: Os estereótipos como prisão para os brasileiros no Porto, Portugal. *Temáticas*, 10(19), Artigo 19. <https://doi.org/10.20396/tematicas.v10i19/20.10962>
- Mack, N. (2005). *Qualitative research methods: A data collector's field guide*. <http://www.fhi360.org/sites/default/files/media/documents/Qualitative%20Research%20Methods%20-%20A%20Data%20Collector's%20Field%20Guide.pdf>
- Mack, N., Family Health International, United States, & Agency for International Development. (2005). *Qualitative research methods: A data collector's field guide*. <http://www.fhi360.org/sites/default/files/media/documents/Qualitative%20Research%20Methods%20-%20A%20Data%20Collector's%20Field%20Guide.pdf>
- Malheiros, J. M. (2011). *Promoção da interculturalidade e da integração de proximidade. Manual para técnicas/os*. (Alto Comissariado para Imigração e Diálogo Intercultural (ACDI, I.P.)). [https://www.acm.gov.pt/documents/10181/41781/manual\\_net+%282%29\\_claii.pdf/a4e41597-2701-41ab-b321-9647823cdb40](https://www.acm.gov.pt/documents/10181/41781/manual_net+%282%29_claii.pdf/a4e41597-2701-41ab-b321-9647823cdb40)
- Malheiros, J. M., Bógus, L., Pinho, F., Peixoto, J., Figueiredo, A., Padilla, B., Rossi, P., Schiltz, A., Silva, S., Machado, I., Carneiro, R., Cristóvão, F., & Chelius, L. (2007). *Imigração Brasileira em Portugal*. Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI, I. P.). [https://www.om.acm.gov.pt/documents/58428/179693/1\\_ImigrBrasileira.pdf/7d926056-f322-427a-8393-73fb1848da37](https://www.om.acm.gov.pt/documents/58428/179693/1_ImigrBrasileira.pdf/7d926056-f322-427a-8393-73fb1848da37)
- Marques, Góis, P., & Castro, J. M. (2014). *Impacto das políticas de reagrupamento familiar em Portugal* (Alto-Comissariado para as imigrações (ACM,IP)). Observatório da Imigração. <https://www.om.acm.gov.pt/documents/58428/177157/ESTUDO+53.pdf/966d8e07-8fea-4088-ad3f-1e2149ce6b38>
- Martins, H. H. T. de S. (2004). Metodologia qualitativa de pesquisa. *Educação e Pesquisa*, 30(2), 289–300. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022004000200007>
- Meira, M. (2011). *Acção dos contextos nos estereótipos: Influência e limites* [Universidade de Lisboa - Faculdade de Psicologia]. [https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/4959/1/ulfpie039657\\_tm.pdf](https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/4959/1/ulfpie039657_tm.pdf)
- Merriam, S. B. (1998). *Qualitative research and case study applications in education* (2nd ed.). San Francisco : Jossey-Bass Publishers. <http://eds-courses.ucsd.edu/tep288a/shortbook.pdf>
- Meyer, D. E. (2004). Teorias e políticas de gênero: Fragmentos históricos e desafios atuais. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 57(1), 13–18. <https://doi.org/10.1590/S0034-71672004000100003>
- Ministério das Relações Exteriores. (2021). *Comunidade brasileira no exterior: Estimativas referentes ao ano de 2020*. <https://www.gov.br/mre/pt-br/assuntos/portal-consular/arquivos/ComunidadeBrasileira2020.pdf>

Miranda, J. (2009). *Mulheres imigrantes em Portugal: Memórias, dificuldades de integração e projectos de vida* (Alto comissariado para a imigração e diálogo intercultural (AICIDI, I.P.)).

[https://www.om.acm.gov.pt/documents/58428/177157/OI\\_35.pdf/3e340a7d-45c6-4f17-ad8f-b2bcf1c36251](https://www.om.acm.gov.pt/documents/58428/177157/OI_35.pdf/3e340a7d-45c6-4f17-ad8f-b2bcf1c36251)

Monzillo, M. (2017). É mais barato fazer faculdade em Portugal ou no Brasil? *VEJA*. <https://veja.abril.com.br/educacao/e-mais-barato-fazer-faculdade-em-portugal-ou-no-brasil/>

Morokvasic, M. (1984). Birds of passage are also women .... *International Migration Review*, 18, 886–907. <https://doi.org/10.1177/019791838401800402>

Moscovici, S. (1978). *A representação social da psicanálise*. Zahar Editores. <https://pt.scribd.com/document/394991159/A-Representacao-Social-da-Psicanalise-Serge-Moscovici-pdf>

Mourão, C. (2010, agosto 23). Mulher brasileira em Portugal. *Banho de Chuva*. <https://banhodechuva.com/2010/08/23/mulher-brasileira-em-portugal/>

NM. (2018). Dez casos polémicos de praxes. *Notícias Magazine*. <https://www.noticiasmagazine.pt/2018/dez-casos-polemicos-praxes/historias/231760/>

Noah, T. (2019). *Trevor Noah—Sou um crime: Nascer e crescer no apartheid*. Tinta da China.

Nunan, C., & Peixoto, J. (2012). Crise econômica e retorno dos imigrantes brasileiros em Portugal. *REMHU : Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, 20(38), 233–250. <https://doi.org/10.1590/S1980-85852012000100014>

OIM. (2009). *Direito internacional da migração: Glossário sobre migração*. Organização Internacional para as Migrações. <https://publications.iom.int/system/files/pdf/iml22.pdf>

Oliveira, C. (2021). *Indicadores de integração de imigrantes 2021* (Relatório anual). Observatório das Migrações, Alto Comissariado para as Migrações (ACM, IP).

Oliveira, F., Cabecinhas, R., & Ferin-Cunha, I. (2011). *Retrato da mulher brasileira nas revistas portuguesas*. 15.

Padilla, B. (2007). Acordos bilaterais e legalização: O impacte na interação dos imigrantes brasileiros em Portugal. Em J. Malheiros, *Imigração brasileira em Portugal*. OI Alto Comissariado para a imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI).

Padilla, B., & Ortiz, A. (2012). Fluxos migratórios em Portugal: Do boom migratório à desaceleração no contexto de crise. Balanços e desafios. *REMHU : Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, 20(39), 159–184. <https://doi.org/10.1590/S1980-85852012000200009>

Pais, J. M. (2010). “Mães de Bragança” e Feitiços: Enredos luso-brasileiros em torno da sexualidade. *Revista de Ciências Sociais*, 41(2), Artigo 2.

Pereira, S., & Esteves, A. (2017). Os efeitos da crise económica na situação laboral dos imigrantes: O caso dos brasileiros em Portugal. *REMHU : Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, 25(49), 135–152. <https://doi.org/10.1590/1980-85852503880004908>

Pires, R. P. (2002). Mudanças na imigração: Uma análise das estatísticas sobre a população estrangeira em Portugal, 1998-2001. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 98. <https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/329/1/n39a07.pdf>

Pires, R. P., Pereira, C., Azevedo, J., Vidigal, I., & Veiga, C. M. (2020). A emigração portuguesa no século XXI. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 94. <https://doi.org/10.7458/SPP20209419573>

- Piscitelli, A. (2008). Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. *Sociedade e Cultura*, 11(2). <https://doi.org/10.5216/sec.v11i2.5247>
- Pontes, L. (2004). Mulheres brasileiras na mídia portuguesa. *Cadernos Pagu*, 23, 229–256. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332004000200008>
- PORDATA. (sem data). *População estrangeira com estatuto legal de residente: Total e por sexo*. Obtido 24 de julho de 2022, de <https://www.pordata.pt/Portugal/Popula%C3%A7%C3%A3o+estrangeira+com+estatuto+legal+de+residente+total+e+por+sexo-25-2532>
- PORDATA. (2021a). *Ambiente de consulta*. Alunos do sexo feminino em % dos matriculados no ensino superior: total e por tipo de ensino. <https://www.pordata.pt/db/portugal/ambiente+de+consulta/tabela>
- PORDATA. (2021b). *População estrangeira com estatuto legal de residente*. <https://www.pordata.pt/DB/Portugal/Ambiente+de+Consulta/Tabela>
- Porto Editora. (sem data). *Time—Infopédia*. infopedia.pt - Porto Editora. Obtido 10 de dezembro de 2022, de [https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/\\$time](https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$time)
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. (1995). *Manual de investigação em ciências sociais* (2ª). Trajectos.
- RDH. (2009). *Relatório de desenvolvimento humano 2009—Ultrapassar barreiras: Mobilidade e desenvolvimentos humanos*. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). <http://hdr.undp.org/sites/default/files/hdr2009-portuguese-summary.pdf>
- Reis, J., Rodrigues, J., Santos, A., & Teles, N. (2013). *A anatomia da crise: Identificar os problemas para construir as alternativas. 1º relatório, preliminar, do observatório sobre crises e alternativas*. CES/Observatório sobre Crises e Alternativas. [https://www.ces.uc.pt/ficheiros2/files/Relatorio\\_Anatomia\\_Crise\\_final\\_.pdf](https://www.ces.uc.pt/ficheiros2/files/Relatorio_Anatomia_Crise_final_.pdf)
- Reis, T. (2022, junho 8). *Universidade do Porto às portas das 250 melhores do mundo*. Notícias U.Porto. <https://noticias.up.pt/universidade-do-porto-as-portas-das-250-melhores-do-mundo/>
- Ripley, A. (2003). When the meninas came to town. *TIME*, 162(15). <http://content.time.com/time/subscriber/article/0,33009,517712-2,00.html>
- Rohden, F., Barreto, A., Araújo, L., Padilha, H., & Coutinho, L. (Eds.). (2009). Módulo II: Género. Em *Gênero e diversidade na escola: Formação de professores/as em gênero, sexualidade, orientação sexual e relações étnico-raciais* (Maria Mostafa). [https://www.unifaccamp.edu.br/graduacao/letras\\_portugues\\_ingles/arquivo/pdf/gde.pdf](https://www.unifaccamp.edu.br/graduacao/letras_portugues_ingles/arquivo/pdf/gde.pdf)
- Rossi, C. R., Vilaronga, C. A., Garcia, O. A., & Lima, M. T. O. (2012). Género e diversidade na escola: Reflexões acerca da formação continuada sobre assuntos da diversidade sexual. *Editora Unijuí*, 88, 29.
- Ruivo, A. L. F. (2010). *Corpo e cultura: O indígena brasileiro nos relatos portugueses da segunda metade do século XVI*. Faculdade de ciências sociais e humanas - Universidade Nova de Lisboa.
- Santos, A. S. (2007). *A relatividade dos estereótipos: Sensibilidade ao contexto e mecanismos explicativos* [Universidade de Lisboa]. <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/42468>
- Santos, R. (2008). *1984 – A obra de George Orwell e as teorias da comunicação* [Centro Universitário de Brasília - Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas]. <https://core.ac.uk/download/pdf/185252378.pdf>

SEF. (sem data). *Estatuto de igualdade de direitos e deveres – Portal de informação ao imigrante*. Obtido 14 de abril de 2022, de <https://imigrante.sef.pt/solicitar/estatuto/>

Silva, I. S., Veloso, A. L., & Keating, J. B. (2014). Focus group: Considerações teóricas e metodológicas. *Revista Lusófona de Educação*, 16.

Spink, M. J. P. (1993). O conceito de representação social na abordagem psicossocial. *Cadernos de Saúde Pública*, 9, 300–308. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X1993000300017>

Strazzi, A. (2012). *Trote universitário – Responsabilidade dos agressores*. Jusbrasil. <https://alestrazzi.jusbrasil.com.br/artigos/112788683/trote-universitario-responsabilidade-dos-agressores>

Ted Talk (Diretor). (2016). *The urgency of intersectionality | Kimberlé Crenshaw*. <https://www.youtube.com/watch?v=akOe5-UsQ2o>

Universidade do Porto. (sem data). *Vida estudantil: Associações de estudantes internacionais*. Obtido 18 de março de 2023, de <https://www.up.pt/portal/pt/viver/vida-estudantil/associacoes-de-estudantes-internacionais/>

Uwe, F. (2005). *Métodos qualitativos na investigação científica*. Monitor.

Vala, J. (1997). *Representações sociais e percepções intergrupais*. xxxii(140), 7–29.

Vala, J. (2003). Processos identitários e gestão da diversidade. Em *Congresso Imigração em Portugal: Diversidade—Cidadania – Integração*.

Vygotsky, L. S., & Cole, M. (1978). *Mind in society: The development of higher psychological processes*. Harvard University Press.

Zlotnik, H. (1995). The South-to-North Migration of Women. *International Migration Review*, 29(1), 229. <https://doi.org/10.2307/2547003>

## **Anexos**

## **Anexo I – Guião das entrevistas**



**Parte A) Informações pessoais:**

Informação geral:	Resposta:
Nome	
Idade	
Género	
Nacionalidade	
Estado Civil	
Distrito de residência	
Habilitação literária	
Área de formação	
Faculdade em que realizou o curso:	
Ocupação/profissão	
Ano de licenciatura/mestrado:	
Cidade de origem no Brasil	
Há quanto tempo está em Portugal	

**Parte B) Fase de adaptação em Portugal:**

1. Quais foram as razões que a fez escolher Portugal como país de migração?
2. Como foi a fase inicial de adaptação em Portugal?

**Parte C) Estereótipos em torno das mulheres brasileiras:**

3. Considera que existe algum imaginário/estereotipo em torno das mulheres brasileiras? Se sim, quais?
4. Se respondeu afirmativamente à pergunta anterior, já tinha conhecimento sobre esses estereótipos antes de viver em Portugal?
5. Considera que esse imaginário afeta a vida das mulheres imigrantes no país? Se sim, de que maneira? Se não, porquê?

**Parte D) Impacto do estereótipo na Integração:**

6. Já viveu alguma situação de desconforto/preconceito no âmbito universitário vinculado ao preconceito e estereótipos existentes por ser mulher e brasileira? Se sim, pode partilhar alguma situação em específico?

7. Se respondeu sim a questão anterior, a quem recorreu quando essas situações aconteceram?
8. Alguma vez sentiu-se prejudgada ou excluída por ser brasileira entre os colegas na universidade ou até mesmo pelos professores/as?
9. Sente que a sua integração e experiência universitária em Portugal foi afetada pelos estereótipos e pela imagem das mulheres brasileiras no país?
10. Conhece outras mulheres brasileiras que tenham passado por situações semelhantes vinculadas aos estereótipos?
11. Se tivesse de dar um conselho para a direção das universidades no que diz respeito a integração de alunos internacionais, nomeadamente, brasileiros/as. Qual seria?

## **Anexo II – Termo de consentimento**



**Declaração de consentimento informado para participação em estudo de investigação “Ser mulher e ser brasileira: o impacto dos estereótipos na integração de estudantes brasileiras no ensino superior em Portugal”**

Eu, \_\_\_\_\_ declaro que aceito participar no estudo “Ser mulher e ser brasileira: o impacto dos estereótipos na integração de estudantes brasileiras no ensino superior em Portugal”, realizado pela mestranda Hannah Schiff Braz, no âmbito do Mestrado em Relações Interculturais, na Universidade Aberta. A investigação é orientada pela Professora Teresa Maria da Conceição Joaquim, e coorientada pela Investigadora Ana Paula Costa.

Declaro que fui informado/a dos propósitos do estudo, que visa analisar o impacto dos estereótipos em torno das mulheres brasileiras na integração das universitárias brasileiras nas universidades do Porto, e que aceito que as minhas declarações sejam utilizadas, apresentadas e interpretadas pela investigadora no meio científico. Ademais, apesar de ser uma investigação anónima, consinto que informações como a idade, nacionalidade, instituição de ensino e respetivo ano de realização dos estudos no país sejam expostas na investigação.

A entrevista será realizada pela mestranda Hannah Schiff Baz, que ficará responsável por gravar o áudio da mesma, de modo a transcrever mais facilmente o conteúdo da entrevista. As informações recolhidas destinam-se à análise dos resultados da presente investigação e, portanto, serão divulgadas, apenas, em contexto científico.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ 2022

Assinatura: \_\_\_\_\_

## **Anexo III – Categorização das entrevistas**

Objetivos	Categorias	Descrição	Subcategoria
1) Caracterizar e identificar os estereótipos e a representação social das mulheres brasileiras.	<b>A) Noções individuais sobre os estereótipos</b>	Pretende-se verificar as definições individuais de cada participante a respeito da existência ou não de estereótipos sobre as mulheres brasileiras, assim como entender se já sabiam da existência dos mesmos antes de vir para Portugal.	<b>A1) Definição dos estereótipos</b>
			<b>A2) Noções prévias</b>
			<b>A3) Impacto dos estereótipos</b>
2) Compreender a razão pela qual as participantes escolheram estudar numa universidade portuguesa	<b>B) Factores que contribuíram para a escolha de Portugal como país de migração</b>	O objetivo é entender o que motivou as participantes a migrarem e a estudarem em Portugal.	<b>B1) Ensino</b>
			<b>B2) Experiência e carreira internacional</b>
			<b>B3) Língua</b>
			<b>B4) Qualidade de vida</b>
			<b>B5) Família</b>
3) Compreender se existe ou não, algum impacto das representações sociais na integração de alunas brasileiras no ensino superior.	<b>C) Integração</b>	o objetivo é entender o que motivou as participantes a migrarem e a estudarem em Portugal.	<b>C1) Adaptação inicial no país</b>
			<b>C2) Circulo de amizades</b>
	<b>D) Episódios de Xenofobia e Preconceito na Universidade</b>	Pretende-se compreender se todas as participantes passaram ou não por episódios de preconceito ou xenofobia, consequentes dos estereótipos vinculados ao Brasil. E caso tenha acontecido, quais foram os episódios	<b>D1) Género e sexualidade</b>
			<b>D2) Intelectualidade e discriminação nas avaliações</b>
			<b>D3) língua</b>
	<b>E) Relação com a universidade</b>	Pretende-se entender se após os a ocorrência de episódios de desconforto, as participantes pediram ajuda ou informaram a administração da universidade. Ademais, desejamos compreender a perspectiva das participantes face a melhorias que as universidades podem realizar para evitar esse tipo de situações	<b>D5) Praxes académicas</b>
			<b>E1) Busca de suporte</b>